

FIRMES

UM CHAMADO À PERSEVERANÇA DOS SANTOS

EDITADO POR

JOHN PIPER | JUSTIN TAYLOR


FIRMES
UM CHAMADO À PERSEVERANÇA DOS SANTOS

Folha de rosto

JOHN PIPER | JUSTIN TAYLOR




EDITORA FIEL

Créditos

FIRMES – Um chamado à perseverança dos Santos Traduzido do original em inglês Stand – A Call for the Endurance of the Saints, editado por John Piper e Justin Taylor
Copyright © 2008 by Desiring God Ministries

Publicado por Crossway Books,
Um ministério de publicações de Good News Publishers Wheaton, Illinois 60187, U.S.A

Esta edição foi publicada através de um acordo com Good News Publishers

Copyright © 2010 Editora Fiel

eBook – 1ª Edição em Português: 2013
Produção de Ebook: S2 Books

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Presidente: James Richard Denham III
Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira Revisão: Waléria Coicev, Tiago J. Santos Filho e James Richard Denham Jr.
Diagramação: Spress
Capa: Edvânio Silva

ISBN: 978-85-8132-069-4



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Dedicatória

A
John MacArthur,
Cuja vida e ministério firmam-se na
Palavra de Deus

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Colaboradores
Introdução
Capítulo 1 Quatro ações essenciais para terminarmos bem
Capítulo 2 Envelhecendo para a glória de Deus
Capítulo 3 Certezas que impulsionam um ministério duradouro
Capítulo 4 Decisões diárias cumulativas, coragem em uma causa e uma vida de perseverança
Capítulo 5 Uma coisa
Entrevista com Randy Alcorn, Jerry Bridges, John Piper e Helen Roseveare
Entrevista com John Piper e John MacArthur

Colaboradores

Randy Alcorn é fundador e diretor do Eternal Perspective Ministries (Ministério Perspectiva Eterna). Antes de estabelecer esse ministério em 1990, ele serviu como pastor durante 14 anos. Randy ministrou palestras ao redor do mundo e ensinou como docente adjunto no Multnomah Bible College e no Western Seminary, em Portland (Oregon). Randy é autor de best-sellers, incluindo os romances *Safely Home* e *Deception*. As suas outras obras incluem *Money, Possessions, and Eternity, The Treasure Principle*, *The Purity Principle*, *The Grace and Truth Paradox*, *Why ProLife* e *Heaven* . Ele já escreveu para diversas revistas e produz o periódico popular *Eternal Perspective* (Perspectiva Eterna). É pai de duas filhas casadas e reside em Greshan (Oregon) com sua esposa e melhor amiga, Nanci.

Jerry Bridges é um escritor e preletor bem

conhecido. Seu famoso livro *The Pursuit of Holiness* (Em Busca da Santidade) já vendeu mais de um milhão de cópias. Seus nove livros publicados venderam mais de 2,5 milhões de cópias, em dezesseis idiomas diferentes. Além de seu ministério como escritor, Jerry também atua como preletor convidado em diversos seminários e prega em inúmeras conferências ao redor do mundo. Ele tem servido no ministério *The Navigators* desde 1955 e, atualmente, é um conselheiro-consultor no Navigator University Students Ministry, nos Estados Unidos. Jerry recebeu o grau honorário de Doutor em Divindade do Westminster Theological Seminary. Ele e sua esposa, Jane, têm dois filhos casados e seis netos e residem em Colorado Springs.

John MacArthur é um autor e pregador popular. Tem servido como pastor-mestre na Grace Community Church, em Sun Valley (Califórnia), desde 1969. MacArthur faz parte da quinta geração de pastores de sua família. Seu ministério de púlpito tem se estendido ao redor do mundo por meio do programa *Grace to You* e de seus escritórios-satélites na Austrália, Canadá, Europa, Índia, Nova Zelândia, Singapura e África do Sul. Além de produzir um

programa de rádio diário para quase 200 emissoras em inglês e espanhol, *Grace to You* distribui livros, softwares, áudios e CDs com mensagens de John MacArthur. Ele é presidente do Master's College e do Master's Seminary. MacArthur já escreveu centenas de livros e guias de estudo. Seus best-sellers incluem *O Evangelho Segundo Jesus*, *Com Vergonha do Evangelho*, *A Guerra Pela Verdade*, *Doze Homens Comuns e a Bíblia de Estudo MacArthur*. Ele e sua esposa, Patrícia, têm quatro filhos adultos e quatorze netos.

John Piper é o pastor da Bethlehem Baptist Church, em Mineápolis, MN, EUA. Ele cresceu em Greenville (Carolina do Sul) e estudou no Wheaton College, onde sentiu o chamado de Deus para ingressar no ministério. Prosseguiu seus estudos e graduou-se no Fuller Theological Seminary (Bacharel em Divindade) e na Universidade de Munique (Graduação em Teologia). Durante seis anos ensinou Estudos Bíblicos no Betel College, em Saint Paul, MN. Em 1980, aceitou o chamado para pastorear a Bethlehem Baptist Church. Ele escreveu, entre outros livros, Deus é o Evangelho, Provai e Vede, Penetrado pela Palavra, Plena Satisfação em

Deus, Em busca de Deus – uma teologia da alegria, Não Desperdice sua Vida, entre outros. Ele é casado com Nöel, tem quatro filhos, uma filha e oito netos.

Helen Roseveare nasceu na Inglaterra, em 1925. Nasceu de novo enquanto estudava medicina na Universidade de Cambridge, em 1945. Uniu-se à organização missionária WEC International em 1950. Partiu ao Congo Belga em 1953. Helen serviu primeiramente sob o governo colonial Belga; depois, no período de transição à independência; também, durante a guerra civil, em 1965; e, finalmente, no país que se tornou o Zaire (renomeado República Democrática do Congo). Durante os vinte anos seguintes, Helen trabalhou no estabelecimento de um hospital rural, várias clínicas rurais e uma escola de treinamento de paramédicos nacionais; uniu-se na formação de um grande hospital e escola de treinamento intermissional para enfermeiras e parteiras. Desde 1973, ela tem servido como representante da WEC International, falando a jovens, universitários e a membros de igrejas em todo o mundo de língua inglesa, desafiando-os a considerarem que Deus lhes reivindica a dedicação de suas vidas a um serviço de tempo integral. Ela

também escreveu vários livros para a sua missão, enfatizando os princípios do viver cristão e da obra missionária.

Justin Taylor é o diretor de projeto e editor-gerente da Bíblia ESV (2008) e um dos editores associados da Crossway Books. Juntamente com Kelly Kapic, elaborou as novas edições das obras clássicas de John Owen: *Overcoming Sin and Temptation* (Vencendo o Pecado e a Tentação), *Communion with the Triune God* (Comunhão com o Deus Triúno). E, com John Piper, editou vários livros das conferências Desiring God. Escreve diariamente no blog *Between Two Worlds*. Ele e sua esposa, Lea, têm três filhos.

Introdução

Justin Taylor

John Piper descreveu recentemente a fé inabalável de seu pai, mesmo nos últimos anos de sua vida:

Mesmo em seus anos finais de demência, ele se regozijava. No último mês em que ele foi capaz de manter seu diário (abril de 2004), ele escreveu: "Logo chegarei aos 86, mas eu me sinto forte e minha saúde é boa. Deus tem sido extremamente gracioso, e sou o mais indigno de sua graça e paciência incomparáveis. Quanto mais envelheço, tanto mais o Senhor é precioso para mim.[1]

Leia essa linha final novamente, devagar. Que afirmação maravilhosa — mesmo em meio à demência, ele sentia a crescente preciosidade da presença de Cristo. Um dos propósitos deste livro é encorajá-lo e capacitá-lo a escrever uma sentença como essa — com significado verdadeiro — na época final de sua vida.

O QUE É PERSEVERANÇA E PERSISTÊNCIA?

Uma das melhores definições bíblicas referentes ao caminho de perseverança e persistência é dada nesta afirmação do apóstolo Paulo: "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Fp 3.12). Começando pelo final, podemos observar três verdades que Paulo ensinou nessas palavras: 1) o fundamento da perseverança de Paulo (e da nossa) era o fato de que Cristo nos tornou propriedade sua. Jesus nos diz o mesmo que disse a seus discípulos: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros" (Jo 15.16). Cristo é o iniciador nesse relacionamento. 2) Ainda

não chegamos lá. Não há uma chegada final — quer no aspecto de qualidade, quer no aspecto de tempo — antes de estarmos face a face com Cristo. Estamos em um processo, ainda no meio da luta, correndo a carreira. Deus "começou a boa obra" em nós, mas a completará tão-somente no "Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). 3) A despeito do fato de que, em última análise, essa é uma obra de Deus, ela é realizada *por meio de* nosso labor, e não *em lugar de* nosso labor. Paulo disse que temos de *prosseguir*, tornando-a nossa própria obra.

Fundamentado nesse ensino, o teólogo John Murray propôs uma definição que leva em conta todo o testemunho bíblico sobre esse assunto: "Perseverança significa o envolvimento de nossa pessoa na mais intensa e concentrada devoção àqueles meios que Deus ordenou para cumprir seu propósito salvífico".[2] Observe algumas coisas: primeira, a perseverança não envolve apenas uma parte de nós (mente, corpo ou espírito), e sim tudo de nós — toda a nossa pessoa. Segunda, a perseverança envolve "a mais intensa e concentrada devoção". Ninguém deveria derrapar em direção à reta final. A perseverança envolve esforço sério (essa

é a razão por que Paulo a comparou a uma corrida, a uma luta!). Terceira, a devoção intensa e pessoal é tão boa quanto o seu objeto. Por isso, Murray deixa claro que a devoção tem de ser "àqueles meios que Deus ordenou para cumprir seu propósito salvífico". O povo de Deus perseverará, pela graça de Deus, usando os meios de Deus (especialmente a Palavra, as ordenanças e a oração[3]), para o avanço da glória dele.

Percepção dos colaboradores

Em harmonia com Filipenses 3.12, nenhum dos colaboradores deste livro afirmará que já obteve a santificação plena. Cada um deles está prosseguindo para conquistá-la, porque Cristo os conquistou para Si mesmo.

Você observará que cada colaborador possui décadas de experiência em andar com Jesus. Helen Roseveare nasceu em 1925; Jerry Bridges, em 1928; John MacArthur, em 1939; John Piper, em 1946. Randy Alcorn é o mais novo do grupo, nascido em 1954.

Como alguém mais novo do que esses irmãos

sábios, penso que seria um erro grave supor que este livro se dirija tão-somente a cristãos mais velhos. Todos os crentes, não importando sua idade, desejam seguir a santidade até ao fim. E não queremos fazer isso levianamente, mas, "desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia", corremos, "com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hb 12.1-2). Uma das melhores maneiras de fazermos isso é assentar-nos aos pés daqueles que passaram anos correndo com Jesus.

Síntese dos capítulos

Jerry Bridges afirma que há quatro ações essenciais e fundamentais que nos capacitam a combater o bom combate da fé e a terminar bem a vida cristã: (1) um tempo diário de comunhão consagrada com Deus; (2) uma apropriação diária do evangelho; (3) um compromisso diário de ser um sacrifício vivo para Deus; (4) uma crença firme na soberania e no amor de Deus. Bridges nos recorda que nosso alvo não é somente persistir, mas também

perseverar — não somente permanecer firme, mas também prosseguir em direção à linha de chegada e à presença de Deus, na glória.

John Piper aborda a questão de como envelhecer para a glória de Deus. O segredo, ele diz, é envelhecer de um modo que faça com que pareça que Deus (e não o mundo) é glorioso e plenamente satisfatório. Contudo, um obstáculo significativo diante desse alvo é o temor de não mantermos Cristo como o nosso único tesouro. Duas estratégias comuns tentam superar esse temor: (1) a crença de que a perseverança na fé e no amor não é essencial para a nossa salvação final; (2) a crença de que a necessidade de perseverança depende de nossos próprios esforços. Piper explica por que ambas as idéias são erros perigosos: a perseverança é necessária à nossa salvação final; e a perseverança é garantida a todos os que estão em Cristo. O antídoto bíblico para vencer o temor de não perseverar é encararmos o combate da fé como uma luta para nos deleitarmos em Cristo como nosso maior tesouro.

John MacArthur tem permanecido em um ministério pastoral durante tempo suficiente na

mesma igreja e pode testemunhar todo tipo de ataque imaginável: contra seu caráter, sua vida e seu ministério. Portanto, a fim de aprender como sobreviver, MacArthur fez um estudo amplo sobre a vida de Paulo. Com base em uma análise cuidadosa de 2 Coríntios, MacArthur demonstra que Paulo aceitava:

- A superioridade da nova aliança
- A realidade de que o ministério é uma misericórdia
- A necessidade de um coração puro
- O dever de lidar acuradamente com a Palavra de Deus
- A verdade de que os resultados de seu ministério não dependem dele
- A realidade de sua própria insignificância
- Os benefícios do sofrimento
- A necessidade de convicção resoluta
- A eternidade como prioridade

Randy Alcorn, atendendo à nossa solicitação, narra a perseverança de sua própria família em meio

às provações. Também explica algumas coisas que ele aprendeu da persistência em uma causa, ou seja: devemos ser motivados por Jesus, e não por raiva; a persistência em uma causa pode formar o caráter, a fé e o discernimento dos filhos; os seguidores de Cristo devem esperar injustiça e engano. No que diz respeito à persistência geral, Alcorn observa que você se torna o produto de suas escolhas diárias — as coisas que você escolhe todos os dias para nelas se deleitar e meditar. Ele termina nos contando a comovente história do irmão de Jim Elliott, aquele que quase ninguém conhece.

Helen Roseveare teve um fascinante viver de perseverança com Cristo. Em seu capítulo bíblico e pessoal, ela fala sobre o testemunho passado, presente e futuro de sua vida cristã, organizado ao redor do tema "uma coisa". Primeiramente, *uma coisa sei* — expressão proveniente da afirmação do homem que encontrou a Jesus e retrucou às autoridades: "Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo" (João 9.25). Em segundo, *uma coisa faço* — expressão extraída da afirmação de Paulo sobre a perseverança: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e

avançando para as que diante de mim estão" (Fp 3.13). Em terceiro, *uma coisa peço* — procedente da oração do salmista: "Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo" (Sl 27.4).

O livro termina com duas entrevistas que eu realizei durante a conferência da qual este livro se originou (em 28 e 29 de setembro de 2007). Uma foi realizada com John Piper e John MacArthur; a outra, com todos os colaboradores, exceto John MacArthur. As transcrições foram levemente editadas, mas ainda retêm o sentido das conversas. Nossa esperança é que essas seções lhe darão um pouco de percepção quanto a esses homens e mulheres, que buscam perseverar e ensinar-nos a fazer o mesmo.

BÊNÇÃOS AOS NOSSOS LEITORES

Você já percebeu que muitas das bênçãos bíblicas se referem ao cuidado de Deus e à sua perseverança? Para alcançar esse objetivo, oramos

para que as seguintes bênçãos se tornem realidade para todos aqueles que lêem este livro:

O SENHOR te abençoe e te guarde (Nm 6.24);

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará (1 Ts 5.23-24);

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!" (Hb 13.20-21);

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!" (Jd 1.24-25).

Amém.

Capítulo 1

Quatro ações essenciais para terminarmos bem

Jerry Bridges

Enquanto pensamos sobre a perseverança dos santos, sobre perseverar até ao fim e terminar bem, não há exemplo melhor, nas Escrituras, do que o do apóstolo Paulo. Assentado e encarcerado, em uma prisão em Roma, aguardando a execução iminente, ele escreveu a Timóteo:

> Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda (2 Tm 4.6-8).

Paulo estava confiante de que havia perseverado até ao fim e de que havia terminado bem. Infelizmente, em algumas sentenças posteriores

Paulo teve de escrever sobre um de seus cooperadores: “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica” (2 Tm 4.10).

Nessa passagem, vemos dois homens que serviram juntos — Paulo e Demas — mestre e discípulo. Um persistiu e completou a carreira, aguardando a coroa da justiça. O outro desistiu, abandonou seu mestre, e não ouvimos mais falar dele. Não sabemos o que por fim aconteceu a Demas. Não sabemos se ele se arrependeu ou não, mas Paulo termina essa epístola afirmando: “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou”. Em Filemom 24, Paulo chama-o de “cooperador”, juntamente com Marcos, Aristarco e Lucas. Demas era, aparentemente, um jovem promissor com um futuro esperançoso. Contudo, pelo que sabemos, ele não prosseguiu até o final.

Esse é um pensamento solene, porque muitos dos leitores deste livro são jovens, seguidores comprometidos de Cristo. Na graciosa providência de Deus, você tem muitos anos adiante de si e espera completar a carreira, permanecer firme e persistir até ao fim. Mas houve um tempo em que

Demas também pensava assim. Ele não se uniu inicialmente à equipe de Paulo com a intenção de desertar a Paulo mais tarde, quando a jornada se tornasse árdua. Não, Demas esperava indubitavelmente permanecer firme e terminar bem.

Esse é um pensamento solene mesmo para aqueles que, dentre nós, somos velhos, porque, como disse Yogi Berra, o famoso jogador de baseball: "O jogo não está terminado, enquanto não acaba". Assim, não podemos supor que, mesmo em nossa idade, terminaremos bem. Só terminamos no dia de nossa morte. Logo, todos nós, jovens ou velhos, precisamos atentar à advertência que nos fala por meio do exemplo de Demas.

Quatro ações essenciais para terminarmos bem

Durante os últimos anos, tenho pensado muito em como uma pessoa termina bem a sua vida. Embora possamos dizer inúmeras coisas, cheguei à conclusão de que há quatro ações fundamentais que podemos praticar que nos ajudam a terminar bem. Talvez haja outras coisas que são importantes, mas

creio que essas quatro são fundamentais. Elas são:

- Tempo diário de comunhão consagrada com Deus
- Apropriação diária do evangelho
- Compromisso diário com Deus como um sacrifício vivo
- Uma crença firme na soberania e no amor de Deus

Ora, consideramos esses quatro elementos essenciais com base em nossa perspectiva. São coisas que temos de (e devemos) fazer ou crer. Mas, acima de todas elas, está a graça de Deus. O mesmo apóstolo que disse: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" também disse em outro contexto: "pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Co 15.10). Paulo atribuiu toda a sua persistência, toda a sua fidelidade à graça de Deus. E, à medida que consideramos nossa responsabilidade, tenha em mente o fato de que somos capacitados a cumprir essa responsabilidade tão-somente pela graça de Deus.

Freqüentemente, a graça de Deus é mal

compreendida. Creio que um dos equívocos mais comuns sobre a graça de Deus é este: "Deus está facilitando as coisas para mim. A graça de Deus está me fazendo escapar de algumas coisas". Isso está bem distante da graça de Deus. A graça de Deus nos sobrevém por meio de Jesus Cristo como resultado de sua vida pura e de sua morte, que levou o pecado por nós, mas a graça é mais do que apenas a bondade de Deus e seus sentimentos benevolentes para conosco. A graça de Deus é dinâmica. A graça de Deus é Deus agindo para o nosso bem. Por isso, quando o apóstolo Paulo disse: "Pela graça de Deus, sou o que sou", estava falando sobre a capacitação do Espírito Santo que Deus, em sua graça, outorga a cada um de nós, enquanto procuramos viver para Ele. Então, procure ter em mente, à medida que consideramos nossas responsabilidades, que podemos cumpri-las tão-somente pela graça de Deus. Nas palavras de John Newton, em seu querido hino *Graça Eterna*: "Esta graça me trouxe seguro até aqui e me levará ao lar". No final das contas, quando tudo foi dito e realizado, atribuímos nossa fidelidade à graça de Deus. Portanto, enquanto consideramos essas quatro ações

essenciais, tenha em mente o fato de que as praticamos tão-somente pela graça de Deus. Consideremos essas ações, uma por uma.

Um tempo diário de comunhão consagrada com Deus

A primeira ação essencial é um tempo de comunhão consagrada e pessoal com Deus. Muitos dos leitores estão familiarizados com o livro *Practicing the Presence of God (Praticando a Presença de Deus)*, e esse é um excelente hábito a cultivarmos. Mas o alicerce desse hábito tem de ser um tempo de comunhão consagrada e pessoal com Deus; e isso precisa ser algo diário. Demas não acordou de repente e se afastou de imediato. Ele se desviou aos poucos em direção às atrações do mundo. Se você e eu não praticarmos esse tempo diário de comunhão consagrada com Deus, também nos veremos derrapando e saindo da direção certa.

Em meus dias na marinha, antes de termos os satélites posicionados ao redor do globo, duas vezes por dia usávamos um sextante para sabermos nossa posição de navegação. No alvorecer e à noitinha,

medíamos a altitude das estrelas e obtínhamos a posição. Invariavelmente, depois de fazermos isso, tínhamos de realizar uma pequena correção da rota. É óbvio que, se não fizéssemos isso, não somente todos os dias, mas também, em nosso caso, duas vezes por dia, logo descobriríamos que estávamos afastados da rota.

Você e eu também precisamos dessa correção diária de rota; e fazemos isso quando temos esse tempo de comunhão consagrada com Deus. Demas amava este mundo. Cada um de nós, crentes ou incrédulos, amamos algo. Demas amava o mundo. O apóstolo João disse: "Não ameis o mundo" (1 Jo 2.15). Mas não podemos apenas não amar o mundo, pois teremos um vácuo em nosso coração. Para não amarmos o mundo, temos de amar a Deus. E nosso tempo de comunhão consagrada com Deus é um tempo em que o amor dele em nós e por nós é renovado, em nosso coração.

Considere as palavras do salmista. Em Salmos 63.1, ele disse: "Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água". Observe a intensidade destas palavras: "*Eu te*

busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja". Isso é muito mais do que apenas leitura bíblica diária; é muito mais do que apresentar a Deus alguns pedidos de oração, do que nossa "hora silenciosa", nossas "devoções matinais" ou algo semelhante. Uma vez que não estou negando esses termos, tenha em mente o fato de que o propósito desse tempo de comunhão não é somente ler a Bíblia e apresentar a Deus alguns pedidos de oração. Pelo contrário, deve ser um tempo de comunhão pessoal com Deus. É óbvio que precisamos de um plano. Não abrimos nossa Bíblia, colocamos o dedo em uma passagem das Escrituras e dizemos: "Esta é a minha passagem para hoje". A comunhão com Deus é muito mais do que isso, é muito mais do que um plano. A comunhão com Deus é encontrar-se com Ele. É pedir a Deus que fale conosco. É falar com Ele, enquanto lemos sua Palavra, enquanto interagimos com sua Palavra em oração, enquanto oramos sobre aquilo que ele nos diz em sua Palavra.

Salmos 42.1-2 nos diz algo semelhante: "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem

sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?"

Ou, novamente, como o disse Davi: "Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo" (Sl 27.4). A beleza do Senhor não é uma beleza física. É a beleza de seus atributos. É a beleza da cruz. É a beleza do que ele fez por nós em Cristo. E o salmista disse: "Quero apenas contemplar a beleza do Senhor; quero ter comunhão com Deus". Nisso consiste o tempo consagrado de comunhão. Todas as Escrituras falam sobre um intenso desejo de ter essa comunhão pessoal com Deus.

É proveitoso que tenhamos um plano, mas este precisa dirigir-nos ao próprio Deus. Gastamos tempo em comunhão com Deus ou apenas lemos uma parte da Bíblia? Gastar tempo com Deus envolve, certamente, a leitura de um capítulo, três versículos ou outra quantidade de leitura bíblica. Mas o alvo disso é que encontremos com Deus, ele fale conosco e Lhe respondamos. Quando abro a minha Bíblia a cada dia, pergunto: Senhor, posso gastar tempo

contigo hoje? Tu falarás comigo por meio de tua Palavra? Desejas encorajar-me? Ensinar-me? Tu me repreenderás, se necessito de repreensão? Senhor, não importando o que achares que necessito hoje, venho para gastar tempo contigo. Em seguida, à medida que leio a passagem, respondo a Deus quanto ao que estou lendo. Falo com ele aquilo que é apropriado daquela passagem.

Se você ler todo o livro de Salmos, perceberá que na maioria dos salmos, o autor está falando com Deus ou a respeito de Deus. Mas em geral ele está falando com Deus. Às vezes, ele está se regozijando; ás vezes, lamentando. Ele disse, por exemplo: "Por que rejeitas, SENHOR, a minha alma e ocultas de mim o rosto?" (Sl 88.14). Ele está interagindo com Deus. Isso é o que ele deseja que façamos. E, à medida que procurarmos ter comunhão diária com Deus, ele nos dará a direção correta e nos mostrará quais correções de rota precisamos fazer em nossa vida, para que não nos afastemos do caminho. Se você e eu temos de perseverar até ao fim, devemos praticar isto (esta disciplina, se você assim prefere): comunhão consagrada e diária com Deus.

Em 1988, minha primeira esposa estava morrendo de câncer, depois de uma longa enfermidade. Uma manhã, enquanto eu lutava com a realidade da aproximação de sua morte, ocorreram-me estas palavras: "Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos" (Sl 116.15). Isso produziu a compreensão de que Deus mesmo tinha interesse no que estava acontecendo com minha esposa. Quanto a mim, eu estava perdendo a amada, mas, para Deus, seria a chegada de uma de suas filhas ao lar.

Pensei no dia em que nosso filho de 15 anos viajou para realizar um programa de missões de 11 semanas, no verão, e como eu ansiava zelosamente seu retorno ao lar. Compreendi que, tão incrível quanto pareça, Deus aguarda ansiosamente a chegada de seus filhos ao lar. E ocorreu-me parte de Salmos 16.11: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente". Enquanto eu orava a respeito desse versículo, compreendi que logo Eleanor experimentaria a indescritível alegria de estar na própria presença de Deus.

À medida que eu continuava a falar com Deus

em oração, disse algo assim: Pai, Tu terás uma de tuas filhas retornando ao lar, e Eleanor receberá o viver em tua presença para sempre; mas, e quanto a mim? Logo me vieram à mente as palavras de 1 Tessalonicenses 4.13: "Para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança".

Com essa segurança da parte de Deus e de sua Palavra, pude libertá-la emocionalmente. Duas semanas depois ela morreu. Em conseqüência de sua morte, eu fiquei triste, mas não como alguém que não tem esperança. Enquanto isso, fui confortado pela certeza de que Deus havia recebido, com boas-vindas, uma de suas filhas ao lar e de que ela estava desfrutando cada vez mais da presença dele perpetuamente.

Nunca experimentei os vários estágios de tristeza pelos quais tantas pessoas passam depois da morte de um querido. Nunca fiquei irado com Deus ou experimentei dias de depressão. Em uma semana ou um pouco mais, pude reassumir minhas responsabilidades normais, em meu trabalho. Tudo isso porque anos antes eu havia estabelecido a prática de um tempo diário de comunhão pessoal com Deus.

Devo advertir sobre a possibilidade de nos tornarmos legalistas nesse tempo de comunhão com Deus. Ou seja, não recebemos bênçãos de Deus porque temos esse tempo, nem perdemos a sua bênção quando não praticamos esse tempo. Deus não abençoa *porque* gastamos tempo com Ele; mas ele abençoa freqüentemente *por meio* desse tempo, como o fez, quando minha esposa se aproximava da morte.

Tampouco devemos esperar que Deus sempre falará conosco de forma dramática, por meio de sua Palavra, como experimentei naquele dia. À semelhança das correções de rumo a bordo do navio, as correções da rota espiritual de Deus, em nossa vida, são comumente graduais, e não dramáticas. Mas são necessárias.

Uma apropriação diária do evangelho

A segunda ação essencial é uma apropriação diária do evangelho. Dei à comunhão com Deus o primeiro lugar para salientar a sua prioridade, porque ela é a ação mais fundamental. Mas, na prática, coloco a apropriação do evangelho em

primeiro lugar. Ou seja, eu começo meu tempo com Deus revendo o evangelho e me apropriando dele. Visto que o evangelho é somente para pecadores, venho a Cristo como alguém que ainda comete pecados. De fato, habitualmente uso as palavras do publicano que esteve no templo e clamou: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13). Deus tem sido misericordioso, e estou pronto a reconhecer suas misericórdias em minha vida, mas Lhe digo que O busco na atitude do publicano. "Preciso de tua misericórdia. Ainda cometo pecados. Mesmo as minhas melhores obras são pecaminosas aos teus olhos, e sou objeto de tua misericórdia e graça."

É importante que nos acheguemos a Deus, antes de tudo, por nos apropriarmos do evangelho, visto que é por meio de Cristo que temos acesso a Deus, o Pai. Paulo disse: "Porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito" (Ef 2.18). Não podemos ir diretamente a Deus. Temos sempre de fazer isso por meio do sangue de Jesus Cristo. Deus não somente *permite* achegar-nos a Si; de fato, ele nos convida a fazer isso. O escritor de Hebreus disse: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo

novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura". Assim, à medida que nos apropriamos do evangelho, ele nos dá a confiança de entrarmos na própria presença de Deus, para que tenhamos comunhão com Ele. Por isso, precisamos aprender a viver pelo evangelho cada dia de nossa vida.

Nos primeiros anos de minha vida cristã e nos primeiros anos de ministério, considerava o evangelho uma mensagem para o incrédulo. Ora, eu era um cristão e não precisava mais do evangelho, exceto como uma mensagem que deveria ser transmitida aos incrédulos. No entanto, muitos anos atrás, aprendi, do jeito mais difícil, que necessitava do evangelho todos os dias de minha vida.

Na época, eu servia em outro país, era solteiro e solitário. Além disso, lutava com algumas questões de relacionamentos interpessoais. Toda segunda-feira à noite, eu dirigia um estudo bíblico na Base da Força Área dos Estados Unidos, que distava uma hora do lugar em que eu morava. Toda segunda-

feira, enquanto eu retornava de carro para casa, Satanás me atacava com acusações de meu pecado. Motivado por desespero, comecei a recorrer ao evangelho. Usando uma expressão que aprendi anos depois, comecei a "pregar o evangelho para mim mesmo". E, por conseqüência, aprendi que continuava a necessitar do evangelho todos os dias de minha vida. Essa é a razão por que alisto essa prática como um dos quatro elementos essenciais.

Considere as palavras de Paulo em Gálatas 2.20. O apóstolo escreveu: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". O contexto desse versículo é o assunto da justificação. Nos versículos 15 a 17, Paulo fala quatro vezes sobre o sermos justificados. Ele diz que não somos justificados por obras da lei, e sim pela fé em Cristo. E prossegue repetindo esse pensamento. No versículo 21, ele diz: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão". Em toda essa passagem (versículos 15 a 21), é claro que Paulo fala sobre o assunto da justificação. Ele aborda a santificação

mais adiante, mas não nesse contexto. A razão por que apresento esse argumento é que desejo chamar a sua atenção particularmente à última sentença do versículo 20 — "Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". Lembre-se: nesse contexto, Paulo fala sobre a justificação, e não sobre a santificação.

Ora, isso suscita um problema ou questão aparente. Ou seja, sabemos que a justificação é um ato específico de um ponto de tempo passado. No momento em que você creu em Cristo, naquele momento foi declarado justo por Deus. Você foi justificado. Esse é o motivo por que, em Romanos 5.1, Paulo pode falar sobre a justificação em tempo passado, quando diz: "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". Mas, nesta passagem de Gálatas, ele fala em tempo presente: "Esse viver que, *agora,* tenho na carne". O viver que tenho hoje, "vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". Logo, se a justificação é um ato específico ocorrido em nosso passado, como ele pode falar sobre a justificação no tempo presente?

“Esse viver que, *agora,* tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus.”

A resposta a essa pergunta é uma das verdades mais importantes que podemos aprender a respeito do evangelho. Para o apóstolo, a justificação não era somente um *ato passado,* mas também uma *realidade presente*. É nesse ponto que muitos crentes erram. Eles podem olhar para trás, ao dia em que confiaram em Cristo. E, se você pressioná-los, eles dirão: “Sim, fui justificado naquele tempo”. Contudo, hoje eles procuram viver como se a justificação dependesse deles. Em sua mente, eles voltaram a ter um relacionamento com Deus baseado no desempenho. O pensamento é que, se tenho a minha hora silenciosa e não alimento pensamentos cobiçosos e coisas semelhantes, espero que Deus me abençoe hoje. Queremos pagar-lhe à nossa maneira; desejamos obter por esforço a bênção de Deus. O apóstolo Paulo não fazia isso. Paulo olhava para fora de si mesmo e via-se vestido da justiça de Cristo. Ele se via declarado justo. Afirmamos a respeito de alguém que creu em Jesus: “Você foi justificado; foi declarado justo. Seus pecados foram perdoados. Permanece diante de

Deus hoje como alguém vestido da justiça de Cristo". Em seguida, podemos nos referir à eternidade e dizer: "Quando você partir, a fim de viver para sempre com o Senhor, ainda permanecerá vestido da justiça de Jesus Cristo". Apesar do fato de que deixaremos para trás nossa natureza pecaminosa e seremos pessoas justas aperfeiçoadas, como o escritor de Hebreus nos diz (Hb 12.23), permaneceremos, durante toda a eternidade, na justiça de Cristo. Isso nunca muda.

E o que podemos dizer sobre o tempo desde a nossa conversão até ao momento em que habitaremos com o Senhor? Para a maioria dos crentes, esse é um tempo de relacionamento baseado no desempenho. Esse é o motivo por que necessitamos de uma apropriação diária do evangelho, porque é peculiar à nossa natureza o afastar-nos em direção a um relacionamento baseado no desempenho. Retornando àqueles dias em que cruzávamos o Pacífico e determinávamos nossa posição navegacional duas vezes por dia, se não fizéssemos aquilo, nos desviaríamos rapidamente da rota. Se você não se apropriar diariamente do evangelho, cairá em um relacionamento com Deus

baseado no desempenho. E, quando isso acontecer, seguirá a uma das duas direções. Se você tiver uma percepção muito superficial do pecado — ou seja, se pensar no pecado nos termos das perversidades grosseiras cometidas pela sociedade à nossa volta — você tenderá a um orgulho religioso, porque não pratica essas coisas. Contudo, se você é consciencioso e percebe alguns desses pecados "respeitáveis", tais como orgulho e fofoca, ciúme e inveja, criticismo e esse tipo de coisas; se você percebe essas coisas em sua vida e não está vivendo pelo evangelho, isso pode levá-lo ao desespero. E, com freqüência, pessoas que se enquadram nessa segunda categoria simplesmente desanimam, porque não podem suportar a tensão. Não podem suportar a diferença entre o que elas sabem que deveriam ser e o que sinceramente percebem ser. E o que resolve essa tensão é o evangelho, o qual nos recorda que nossos pecados são perdoados e estamos vestidos da justiça de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, aquilo que nos guarda do orgulho espiritual é o evangelho, porque, de novo, ele é somente para pecadores. E todos nós somos pecadores, ainda cometemos pecado, embora sejamos livres da culpa e do

domínio do pecado. Sim, isso é verdade. Somos agora chamados *santos*, separados. Mas ainda pecamos em pensamentos, palavras, ações e, na maioria da vezes, em motivações, porque freqüentemente fazemos a coisa certa motivados por razão errada ou contaminada. Queremos agradar a Deus, mas queremos parecer bons nesse processo. Devemos nos aproximar do Senhor e Lhe falar: "Senhor, achego-me a Ti como alguém que ainda comete pecados, mas olho para Jesus, seu sangue derramado, sua obediência perfeita, sua vida justa que me foi creditada. E vejo-me diante de Ti vestido da justiça de Jesus".

É isso que o fará levantar da cama, com ânimo, todas as manhãs. Isso o deixará estimulado em relação à vida cristã, quando você se perceber diariamente vestido da justiça de Cristo. Isso o guardará de amar o mundo. Você não pode amar o evangelho e amar o mundo ao mesmo tempo. Portanto, uma apropriação diária do evangelho o impedirá de afastar-se da rota.

Quase cem anos atrás, um grande teólogo chamado B. B. Warfield, professor no Princeton Theological Seminary, escreveu estas palavras: "Não

há nada em nós ou feito por nós, em qualquer etapa de nosso desenvolvimento terreno, que nos torna aceitáveis a Deus". Ele estava dizendo que não há nada que façamos em nossas próprias capacidades que nos torne aceitáveis a Deus. Ele prosseguiu: "Temos sempre de ser aceitáveis por causa de Cristo, pois, do contrário, nunca o seremos de modo algum". Ele continuou (e isso é importante): "Isso é verdade a respeito de nós não somente quando cremos. É verdade também depois que cremos. E será verdade enquanto vivermos. Nossa necessidade de Cristo não cessa em nosso ato de crer. E a natureza de nossa relação com ele ou com Deus, por meio dele, jamais se altera, não importando nossas conquistas nas virtudes cristãs ou nosso desempenho no comportamento cristão".[4] Warfield estava dizendo que não importa quão santos nos temos tornado, não importa o quanto temos crescido na vida cristã, sempre podemos descansar unicamente no sangue e na justiça de Cristo.

Um dos pecados contra os quais luto freqüentemente é o de ansiedade, não a ansiedade em geral, e sim a ansiedade de bagagem atrasada em viagens aéreas. Já tive tantas experiências

desagradáveis de bagagem que não chegava comigo no mesmo vôo, que já não imagino que ela chegará comigo. Toda vez que me dirijo à esteira de bagagens, tenho de lutar contra o pecado de ansiedade.

Alguns anos atrás, depois de duas experiências consecutivas e realmente péssimas, disse à minha esposa: tenho de confessar que sou uma pessoa ansiosa. Na manhã seguinte, em meu tempo com Deus, estava lendo Mateus 8. Parte desse capítulo contém o relato de Jesus e seus discípulos tomados por uma grande tempestade no mar da Galiléia. No versículo 24, o texto diz que sobreveio no mar uma grande tempestade, "de sorte que o barco era varrido pelas ondas. *Entretanto, Jesus dormia*". Fui cativado pela afirmação de que Jesus dormia em meio à tempestade furiosa, ao mesmo tempo que os discípulos sentiam pavor.

Enquanto eu ponderava a cena, ocorreu-me o pensamento de que *Jesus dormia no barco em meu favor*. Quero dizer que tudo que Jesus fez, tanto em sua vida sem pecado como em sua morte, carregando o pecado, ele o fez como representante e substituto. A perfeita obediência de Jesus, bem

como sua morte, foi realizada em nosso favor. Em contraste com o meu pecado de ansiedade por perder a bagagem, Jesus nunca ficou ansioso. Em circunstâncias muitos mais desesperadoras do que as minhas, ele confiou plenamente em seu Pai celestial. Eu obtive o crédito pelo que ele fez. Por meio de sua morte, Jesus pagou o preço do pecado e da culpa de minha ansiedade. E, por meio de sua perfeita confiança, ele me vestiu com sua justiça.

Assim, deixei meu tempo com Deus naquela manhã não me sentindo culpado por causa de minha luta persistente com a ansiedade, e sim encorajado, porque sabia que meu pecado foi perdoado e creditado com a perfeita obediência (nesse caso, a perfeita confiança) de Jesus. Portanto, saí às minhas atividades diárias não somente encorajado, mas também determinado a que, pela graça de Deus, lutaria contra minha ansiedade.

Isso é o que significa viver pelo evangelho. Essa é a razão por que precisamos nos apropriar do evangelho todos os dias de nossa vida, pois Deus nos aceita tão-somente por causa de Cristo. Deus nos vê revestidos da justiça de Cristo e quer que nos vejamos também assim, de modo que nos

acheguemos com base nisso e procuremos nos relacionar com ele por meio dos méritos do Senhor Jesus Cristo e não por meio de nossas próprias obras. Todos nós, em nossa natureza pecaminosa, somos propensos a tomar o rumo do relacionamento com Deus baseado em obras. Embora eu tenha pregado esse tipo de mensagem durante muitos anos, posso dizer-lhe, com sinceridade, que é fácil revertermos àquele rumo por causa de nossa natureza pecaminosa. E a nossa natureza pecaminosa acha que temos de ganhar, de algum modo, o favor de Deus por meio de nosso trabalho árduo ou de nossa fidelidade. Ora, queremos ser fiéis, desejamos trabalhar arduamente, mas não para ganharmos a aprovação de Deus, e sim porque já temos a aprovação de Deus. Uma apropriação diária do evangelho é essencial para perseverarmos até ao fim.

Um compromisso diário com Deus como um sacrifício vivo

O terceiro elemento essencial é um compromisso diário com Deus como um sacrifício vivo. E, para

tanto, quero dirigir sua atenção a Romanos 12.1: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional". À medida que pensamos diariamente no evangelho e no que Deus fez por nós em Cristo, isso deve nos levar a apresentarmos a nós mesmos todos os dias como sacrifício vivo.

Ao usar a palavra *sacrifício*, Paulo estava extraindo-a do sistema sacrificial do Antigo Testamento. Aqueles sacrifícios nos são apresentados no livro de Levítico, e todos eles, juntos, retratavam o grande e único sacrifício do Senhor Jesus Cristo. Quer Paulo tivesse em mente ou não um sacrifício específico, um deles, eu creio, nos ajuda a entender bem o que ele estava dizendo, ao se referir a apresentarmos nosso corpo como sacrifícios vivos. Esse sacrifício do Antigo Testamento é o holocausto.

Creio que o holocausto nos ajuda a entender o que Paulo estava dizendo porque duas coisas eram singulares no holocausto. Primeira, de todas as ofertas de animais, o holocausto era a única em que todo o animal era consumido no altar. Nas outras

ofertas, somente certas partes eram queimadas no altar, e as partes restantes eram reservadas para os sacerdotes ou, em alguns casos, para o ofertante e sua família. Mas, no caso do holocausto, todo o animal era consumido no altar. E por essa razão tinha esse nome. O holocausto significava não somente a expiação do pecado, mas também a consagração ou dedicação do ofertante a Deus. Além disso, os sacerdotes em exercício deviam apresentar o holocausto duas vezes ao dia, pela manhã e à noitinha, para que o fogo não se apagasse sobre o altar (cf. Lv 6.8-13). Em outras palavras, sempre havia um holocausto sendo queimado sobre o altar. Por esse motivo, esse sacrifício era também chamado de holocausto contínuo. Assim, há dois termos que o descrevem: o holocausto e o holocausto contínuo. Penso que você pode perceber facilmente a aplicação extraída disso.

Primeiramente, o holocausto significa que devemos ser consagrados em *todo o nosso ser,* não somente nós mesmos, mas também tudo o que temos. Tudo o que é nosso temos de consagrar, dedicar a Deus, apresentar-lhe como sacrifício vivo. Em seguida, a palavra *continuamente* (Lv 6.13; Hb

10.1) nos diz que isso tem de ser repetido constantemente. Assim como temos a tendência de voltar ao relacionamento com Deus baseado em obras, temos a inclinação de querer tomar de volta aquilo que consagramos a Deus. Com freqüência, em um momento de elevada emoção espiritual dizemos com honestidade ao Senhor: "Senhor, eu te dou todo o meu ser, meu corpo, mente, serviço, dinheiro; tudo que é meu, Senhor, eu consagro a Ti". Depois, passadas algumas semanas, somos confrontados com o mesmo problema, tendemos a tomar de volta e admitimos que não somos tão consagrados como deveríamos ser. Uma renovação diária dessa consagração ajuda-nos a não cairmos nessa atitude errônea.

A segunda palavra que é significativa em Romanos 12.1 é *apresentai-vos*. Paulo nos exorta *a apresentarmos* nosso corpo "como sacrifício vivo". Algumas traduções usam uma palavra diferente. Contudo, não importando a palavra usada, a idéia é a de entregar ou colocar à disposição de outrem.

Alguns anos atrás, quando nosso filho e nora esperavam seu primeiro filho, eles tinham como único meio de transporte uma camionete. Minha

esposa e eu compreendemos que eles não podiam colocar um assento de bebê numa camionete; embora ele fosse engenheiro. Nosso filho ensinava por meio período na universidade local, a fim de ter mais tempo para seu ministério entre a grande população muçulmana que habitava aquela área. Sabíamos que eles não tinham condições de comprar outro carro; por isso, decidimos dar-lhes um de nossos dois carros. Dirigimos aquele carro até a cidade deles e trouxemos o menor conosco. Quando chegamos lá, transferimos os documentos para nosso filho e nossa nora. Na ocasião, o carro se tornou legalmente deles. Nós lhes demos o carro como um presente.

No entanto, não somente transferimos legalmente o carro para eles, nós também o transferimos emocionalmente. Ou seja, uma vez que transferimos os documentos para eles, em nossa mente o carro era deles e podiam fazer o que quisessem. Sabíamos que no ano seguinte eles deixariam os Estados Unidos, para trabalharem noutro lugar. Sabíamos que naquela ocasião eles venderiam o carro e usariam o dinheiro como parte do pagamento das passagens. Nunca nos ocorreu

este pensamento: *quando eles venderem o carro, receberemos dinheiro, porque, afinal de contas, o carro era nosso*. Quando transferimos os documentos, não fizemos somente uma transação legal, fizemos uma transação emocional.

Depois de poucos anos, eles retornaram em férias, por três meses. De novo, Jane e eu compreendemos que eles precisariam de um carro enquanto estivessem nos Estados Unidos. Havíamos reposto o carro doado anteriormente e tínhamos, de novo, dois carros. Decidimos que lhes emprestaríamos um de nossos carros. Emprestamos o meu carro. Durante aqueles meses, tive sentimentos diversos. Por um lado, sentia-me feliz pelo fato de que podíamos prover-lhes o carro de que necessitavam. Por outro lado, fiquei sem carro, visto que sempre tinha de combinar com Jane, para usar o carro dela.

Ora, Deus não pede que nos emprestemos temporariamente a Ele. Deus requer que nos apresentemos a ele como sacrifícios vivos, para que ele nos use como Lhe apraz. O fato é que, em termos objetivos, isso já aconteceu. O apóstolo nos diz: "Não sois de vós mesmos... Porque fostes

comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo". Paulo desejava que afirmássemos em nosso coração e emoções aquilo que é verdadeiro na realidade, mas expressou isso na forma de um apelo. Ele não disse: "Este é o dever de vocês". Não disse: "Vocês não pertencem a si mesmos. Não têm escolha nesta questão". Paulo disse: "Rogo-vos... pelas misericórdias de Deus".

Vemos algo semelhante na pequena carta de Paulo a Filemom. Resumindo a história, Filemom tinha um escravo chamado Onésimo. Em algum momento anterior a essa carta, Onésimo havia desertado e, no processo, provavelmente roubara a Filemom. Tomou seu rumo a partir do que hoje é conhecido como Turquia, atravessou a Grécia e chegou à Itália. Em Roma, encontrou Paulo, durante o seu primeiro aprisionamento. Paulo o levou a Cristo e o discipulou. Mas Paulo compreendeu que havia uma questão pendente. Onésimo precisava corrigir as coisas com Filemom. Então, Paulo o enviou de volta a Filemom. Com ele, mandou essa carta. O propósito da carta era pedir a Filemom que recebesse Onésimo, perdoasse-o por haver fugido e, talvez, roubado; e não somente o perdoasse, mas

também o recebesse como irmão. Ora, esse era um pedido difícil de ser atendido, por isso Paulo se dirigiu a Filemom nestes termos: "Pois bem, ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar" (Fm 8-9). Paulo poderia ter dito: "Filemom, você não tem escolha. É seu dever cristão perdoar e receber Onésimo". Paulo não falou nesses termos. Em vez disso, suplicou "em nome do amor". Ele queria que Filemom desejasse fazer o que era seu dever. Paulo não queria coagir Filemom. Por isso, suplicou que Filemom fizesse por amor aquilo que deveria fazer em obediência ao mandamento de Deus.

O apóstolo nos roga de modo semelhante. Ele diz: "Rogo-vos... pelas misericórdias de Deus". Você quer saber o que são as misericórdias de Deus? Leia os cinco primeiros versículos de Efésios 2. Estávamos mortos em delitos e pecados. Estávamos completamente desamparados. Não estávamos apenas doentes — estávamos mortos. Éramos escravos do mundo, de Satanás e das paixões de nossa carne. Éramos, por natureza, objetos da ira de Deus. Essa era a nossa condição. Por isso,

precisávamos de misericórdia. E Paulo diz: "Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou... nos deu vida juntamente com Cristo". Isso é misericórdia.

Você se vê a si mesmo como um objeto da misericórdia de Deus? Compreende que sem a misericórdia de Deus estava destinado à condenação eterna? Por isso, Paulo disse: "Rogo-vos... pelas misericórdias de Deus".

Apresentar nosso corpo como sacrifício vivo a Deus não é algo que marcamos como algo já realizado e afirmamos: "Bem, já fiz isso; é meu dever fazê-lo". Deve ser uma resposta espontânea à nossa apropriação do evangelho. Estamos falando sobre a comunhão com Deus. Estamos falando sobre sermos envolvidos no amor de Deus, em sua misericórdia, em sua graça. E vemos isso no evangelho. O apóstolo João disse que Deus mostrou seu amor para conosco por enviar seu Filho para ser a propiciação pelos nossos pecados (1 Jo 4.10) — ou seja, para esgotar a ira de Deus que você e eu deveríamos experimentar. À medida que nos apropriamos diariamente do evangelho, nos aquecemos no amor de Deus; e esse aquecimento

genuíno no amor dele nos levará a apresentar nosso corpo como sacrifício vivo. Contudo, isso tem de ser renovado a cada dia. Não podemos viver hoje o compromisso de ontem.

A maneira de realizarmos esse apresentar o nosso corpo como sacrifício vivo será diferente para cada um de nós. Para alguns, pode significar a redução de um padrão de vida, a fim de poder dar mais à obra do reino de Deus. Para nosso filho, significou assumir um trabalho de salário menor a fim de que tivesse mais tempo para o ministério.

Na ocasião em que escrevia este capítulo, faltavam apenas algumas semanas para o meu septuagésimo sexto aniversário. Durante os últimos doze anos, voei mais de um milhão e seiscentos mil quilômetros, preguei milhares de mensagens, escrevi vários livros e muitos artigos para revistas cristãs. Confesso que muitas vezes me sinto cansado das viagens contínuas, dos constantes e apertados prazos para entregar meus manuscritos à publicação e da pressão do constante preparo de mensagens; e, às vezes, começo a sentir dó de mim mesmo.

Como eu continuo? Como posso ser guardado de sentir dó de mim mesmo? Cada dia, eu me

aproprio do evangelho e digo ao Senhor: “Sou teu servo. Por causa de tua misericórdia para comigo e de tua graça agindo em mim, apresento novamente meu corpo como um sacrifício vivo. Se isso significa viagens contínuas, pressão ininterrupta, aceito isso como algo vindo de Ti e agradeço-Te pelo privilégio de estar em teu ministério”.

De fato, o versículo de minha vida é Efésios 3.8: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo”. Não sou apenas um recipiente da graça do evangelho; também tenho o privilégio de ensiná-lo a outros. Assim, por meio de minha apropriação do evangelho, meu “sacrifício vivo” se torna um privilégio. Sinto-me constantemente admirado com o fato de que Deus quis me dar o privilégio de ensinar a muitos crentes que o evangelho não é somente para os incrédulos, mas também para os crentes, para que eles vivam cada dia por meio do evangelho.

Uma crença firme na soberania e no amor de Deus

O quarto elemento essencial é uma crença firme na soberania e no amor de Deus. Esse elemento não contém o aspecto *diário*, mas tem de ser praticado continuamente. Anos atrás, M. Scott Peck escreveu um livro (*The Road Less Traveled* — A Trilha Menos Percorrida) que começava com uma sentença de três palavras: "A vida é difícil". Muitas pessoas concordariam com isso. Se você tivesse vivido uma vida longa, compreenderia que a vida é difícil ou, pelo menos, que ela é freqüentemente difícil e, às vezes, dolorosa. E, com o passar dos anos, você experimentaria tanto dificuldades como sofrimento. Portanto, se você quer perseverar até ao fim e permanecer firme diante das dificuldades da vida e do sofrimento, precisa ter uma crença firme na soberania e no amor de Deus. Você tem não somente de crer que Deus está no controle de cada acontecimento deste universo e, de modo específico, de cada acontecimento de sua vida, mas também que Ele, ao exercer esse controle, o faz motivado por infinito amor por você.

Muitas passagens nos mostram a soberania e o amor de Deus. Escolhi, porém, Lamentações 3.37-38: "Quem é aquele que diz, e assim acontece,

quando o Senhor o não mande? Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem?" Escolhi essa passagem específica porque o versículo 37 ("Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande?") afirma a soberania de Deus sobre as ações de outras pessoas. Grande parte do sofrimento da vida é causada pelas ações pecaminosas de outras pessoas. E, se você não crê que Deus é soberano e controla essas ações, será tentado a encher-se de amargura. E, se você cair nessa condição, começará a se afastar de Deus e não permanecerá firme. Não perseverará, se permitir que as ações pecaminosas de outras pessoas o tornem amargurado. E uma das maneiras de impedir que isso aconteça é compreender que Deus exerce controle soberano sobre as ações pecaminosas de outras pessoas.

José é a ilustração clássica dessa verdade. Em Gênesis 45, depois de se haver revelado aos seus irmãos, três vezes ele lhes disse que Deus estivera no controle em todos os seus acontecimentos. Por exemplo: "Não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus" (v. 8). Posteriormente, José disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gn 50.20). José

cria na soberania de Deus, mesmo nos atos pecaminosos de seus irmãos.

Em certa ocasião, sofri um desapontamento chocante e humilhante em minha situação de trabalho. Certamente, esse desapontamento não ocorreu devido às ações pecaminosas de outras pessoas, e sim às suas ações imprudentes e desatentas. Aconteceu na tarde de uma quinta-feira; eu estava agendado para falar em uma conferência de fim de semana que começaria na sexta-feira à noite. Como poderia me recuperar da mágoa e da humilhação e ser capaz de falar na sexta-feira à noite?

Na sexta-feira de manhã, acordei com as palavras de Jó em minha mente: "O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou" (Jó 1.21). Em meu tempo com Deus, naquela manhã, pude dizer: "Senhor, em épocas passadas Tu me deste, agora Tu o tomaste. Aceito isso como algo procedente de Ti". Minhas emoções turbulentas se aquietaram, e pude falar na conferência como se nada houvesse acontecido. E nunca fiquei, de forma nenhuma, amargurado para com aquelas pessoas, porque cri no soberano controle de Deus sobre as ações delas.

Em segundo, Lamentações 3.38 nos diz: “Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem?” Ou seja, Deus exerce controle soberano sobre as dificuldades e o sofrimento, assim como o exerce sobre aquilo que consideramos as coisas boas, as bênçãos desta vida. Devemos agradecer a Deus pelas coisas boas da vida. Temos de ser pessoas agradecidas. E quanto as coisas ruins, aquelas que não desejamos ter em nossa vida? Paulo nos diz: “Em tudo, dai graças” e, em seguida, acrescenta: “Porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5.18). Isso significa: é a vontade moral de Deus que vocês dêem graças em todas as circunstâncias. Paulo havia dito: “Esta é a vontade de Deus... que vos abstenhais da prostituição” (1 Ts 4.3). Obviamente, isso se refere à vontade moral de Deus. E Paulo usou essa mesma fraseologia em 1 Tessalonicenses 5.18, onde declarou: “Esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. É a vontade moral de Deus que Lhe rendamos graças em todas as circunstâncias.

Como fazemos isso? Nós o fazemos pela fé. Não rangemos os dentes e dizemos: “Senhor, não me sinto agradecido, mas Tu disseste que eu dê

graças, por isso Te darei graças, embora não me sinta agradecido". Isso não é dar graças. Nós o fazemos pela fé. Nós o fazemos por confiar nas promessas de Deus. Nós o fazemos pela fé na Palavra de Deus ministrada por meio do apóstolo Paulo em Romanos 8: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" (v. 29). Em seguida, no versículo 29, Paulo definiu o bem como o ser conformado à imagem do Senhor Jesus Cristo. Isso é o que Deus está buscando. Ele deseja que nos conformemos à semelhança de Cristo; por isso, permite e traz diferentes circunstâncias, que nós mesmos jamais escolheríamos. Ele traz essas circunstâncias à nossa vida porque deseja usá-las, à sua maneira, para nos conformar mais e mais à semelhança de Cristo. Então, podemos dizer pela fé: "Senhor, não conheço o propósito específico que tens nesta dificuldade, neste sofrimento ou nesta provação. No entanto, Tu disseste que a usará para me conformar cada vez mais a Jesus Cristo. Por isso, eu Te dou graças". Assim, damos graças pela fé.

Também o fazemos pela fé na promessa de que ele nunca nos deixará ou nos abandonará. O escritor

da Epístola aos Hebreus citou o Antigo Testamento, quando afirmou: “Ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (13.5). A palavra *nunca* é uma palavra absoluta. Não significa às vezes ou na maioria das vezes; significa nunca. Você pode contar com isso. Deus, que não pode mentir, disse: “De maneira alguma o deixarei, nunca jamais o abandonarei. Posso permitir e colocá-lo nesta situação difícil e dolorosa, mas nunca o abandonarei”. Depois, podemos olhar adiante, pensando em Romanos 8.38-39; essa passagem pode ser resumida como se dissesse que Deus assegurou que nada, em toda a criação, será capaz de nos separar do seu amor em Cristo Jesus.

É possível que, em algum tempo de sua vida, as coisas estejam completamente arruinadas, e você imagine que nada lhe restou. Permita-me dizer: há duas coisas que Deus nunca retirará de nós. *Ele nunca retirará o evangelho.* Nos dias mais difíceis de sua vida, você ainda permanece diante de Deus vestido da justiça de Cristo. Seus pecados estão perdoados. Até as suas dúvidas estão perdoadas, porque Cristo se entregou completamente ao Pai em seu favor. Deus nunca retirará as suas promessas.

Essas duas certezas permanecerão mesmo quando todas as coisas nos forem despojadas. Se você for colocado em uma situação semelhante à de Jó, poderá contar com isso. Você permanecerá diante de Deus vestido com a justiça de Cristo. Deus nunca, nunca o privará do evangelho. E você sempre terá esta promessa de Deus: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei".

Conclusão: perseverar, e não apenas suportar, até ao fim

Essas são as quatro ações essenciais. Estou certo de que há outras considerações importantes, mas creio que essas são fundamentais. Por isso, quero recomendá-las:

- um tempo diário de comunhão consagrada com Deus
- uma apropriação diária do evangelho
- um apresentar-se diariamente a si mesmo como um sacrifício vivo e
- uma crença firme e contínua na soberania e na bondade de Deus

Finalmente, quero acrescentar mais uma palavra à nossa consideração sobre o assunto de permanecer firme e suportar até ao fim. É a palavra *perseverança.* A palavra *perseverança* tem um significado bem semelhante ao de *persistência,* e freqüentemente as equiparamos. Mas pode haver uma diferença sutil. O verbo *persistir* significa permanecer firme, e esse é o tema de nosso livro. Temos de permanecer firmes. Não devemos ser levados ao redor por todo vento de doutrina teológica. Não devemos seguir essa doutrina; depois, aquela; depois, aquela outra. Temos de permanecer firmes. Mas precisamos fazer mais do que permanecer firmes. Temos de seguir adiante. Quando Paulo disse: "Completei a carreira" (2 Tm 4.7), é óbvio que ele se referiu a movimento. E perseverança significa continuar avançando, apesar dos obstáculos. Portanto, quando Paulo disse: "Completei a carreira", estava afirmando basicamente: "Perseverei". Precisamos permanecer firmes. As Escrituras nos exortam, repetidas vezes, a fazermos isso. Contudo, lembre-se: isso é mais do que permanecer quieto. Se pensarmos assim, não entenderemos o que significa permanecer firme.

Temos de avançar. Temos de perseverar. Temos de ser como Paulo e afirmar: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”. Sejamos, você e eu, semelhantes ao apóstolo Paulo.

Nosso Pai, admitimos novamente que qualquer um de nós poderia se tornar um Demas e que é somente por tua graça que permanecemos firmes. Pai, reconhecemos nossa total dependência de Ti. Reconhecemos que Te somos completamente devedores. Agradecemos-Te por tua graça. Mas também, ó Pai, reconhecemos nossa responsabilidade e rogamos que, por tua graça, cumpramos nossa responsabilidade e pratiquemos essas disciplinas que nos capacitarão a permanecer firmes e completar a carreira. Em nome de Jesus, amém!

[4]. Warfield, B. B. *The works of Benjamin B. Warfield, 10 vols*. Grand Rapids, MI: Baker, 1931. 7:113.

Capítulo 2

Envelhecendo para a glória de Deus

John Piper

Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder.

Salmos 71.18

Envelhecer para a glória de Deus significa envelhecer de um modo que demonstre a glória de Deus. Significa viver e morrer de um modo que revele ser Deus o tesouro plenamente satisfatório que ele é. Poderia incluir, por exemplo, não viver de maneira que faça este mundo parecer o seu tesouro. Isso significa que a maioria das sugestões que este mundo oferece visando aos nossos anos de aposentaria são péssimas idéias. As pessoas do

mundo nos convidam a viver de um modo que transparece ser este mundo o nosso tesouro. E, quando isso acontece, Deus é menosprezado.

Resistindo resolutamente à aposentadoria

Envelhecer para a glória de Deus significa resistir resolutamente ao sonho típico de aposentaria. Significa ficar tão satisfeito com o que Deus promete ser para nós, em Cristo, que nos tornamos livres dos anseios que criam tanto vazio e inutilidade durante os anos de aposentaria. Em vez disso, saber que temos em Deus uma herança infinitamente satisfatória e eterna, que está além do horizonte da vida, nos torna zelosos em nossos anos restantes neste mundo, para que nos gastemos nos sacrifícios do amor e não na acumulação de confortos.

A perseverança de Raymond Lull

Considere a maneira como Raymond Lull terminou sua carreira terrena.

Raymond Lull nasceu em uma família rica, na

ilha de Majorca, na costa da Espanha, em 1235. Sua vida como jovem foi dissoluta, mas uma série de visões o compeliram a seguir a Cristo. Primeiramente, ele entrou à vida monástica, mas, posteriormente, tornou-se um missionário que serviu nos países muçulmanos no Norte da África. Aprendeu o árabe e, após retornar da África, tornou-se professor de árabe até que completou 79 anos. Samuel Zwemer descreve assim o fim da vida de Raymond Lull; e, com certeza, isso é o oposto de aposentadoria:

Seus amigos e alunos desejavam que ele terminasse seus dias na busca tranqüila de aprendizado e no conforto do companheirismo.

Mas esse não era o desejo de Lull... Nas suas contemplações, lemos... “Ó Senhor, os homens costumam morrer de idade avançada, na ausência do calor natural e excesso de frio. Mas, se for a tua vontade, não é assim que teu servo deseja morrer. Eu prefiro morrer na intensidade do amor, assim como Tu te mostraste disposto a morrer por mim”.

Os perigos e as dificuldades que fizeram Lull recuar... em 1291, eventualmente impeliram-no de volta ao Norte da África em 1314. Seu amor não havia esfriado; antes, ardia com mais intensidade... Ele anelava não somente a coroa de mártir, mas também, uma vez mais, anelava ver seu pequeno grupo de crentes [na África]. Animado por esses sentimentos, ele navegou até Bugia [Algéria] em 14 de agosto e, durante quase um ano inteiro, trabalhou secretamente entre um pequeno círculo de conversos, os quais ele ganhara para a fé cristã em suas visitas anteriores.

Por fim, cansado de reclusão e anelando o martírio, ele apareceu em um mercado público e se apresentou como o mesmo homem que eles haviam expulsado de sua cidade. Era como um Elias se apresentando a uma multidão de Acabes! Lull ficou de pé diante das pessoas e as ameaçou com a ira divina se continuassem em seus erros. Ele apelou com amor, mas falou a verdade. As conseqüências podem ser facilmente previstas. Cheios de ira fanática ante à ousadia de Lull e incapazes de replicar aos argumentos dele, a população o agarrou e o levou para fora da cidade. Ali, por ordem ou,

pelo menos, por conivência do rei, ele foi apedrejado a 30 de junho de 1315.[5]

Raymond Lull tinha 80 anos de idade quando deu sua vida em favor dos muçulmanos do Norte da África. Nada poderia estar mais distante do sonho de aposentadoria moderno do que a maneira como Lull viveu seus últimos dias.

Morrendo para que Cristo seja visto em sua sublimidade

Em João 21.19, Jesus mostrou a Pedro "com que gênero de morte" ele glorificaria a Deus. Há maneiras diferentes de morrer. Há também maneiras diferentes de viver, pouco antes de morrer. Mas dos crentes — todos eles — espera-se que o viver e o morrer final façam Deus parecer glorioso. Todos os crentes devem mostrar que Cristo — e não este mundo — é o nosso tesouro supremo.

Envelhecer para a glória de Deus significa usar toda força, percepção, capacidade de ouvir,

mobilidade e recursos que temos para magnificar a Cristo e, com essa alegria, servir às pessoas — ou seja, procurar trazê-las conosco ao gozo eterno de Cristo. Servir às pessoas, e não a nós mesmos, como resultado de ter a Cristo como nosso único tesouro faz com que ele pareça glorioso.

O TEMOR DE NÃO PERSEVERAR

Um dos grandes obstáculos de envelhecer para a glória de Deus é o temor de que não perseveraremos em considerar a Cristo como precioso e em amar as pessoas — simplesmente não seremos capazes de fazê-lo. Não seremos capazes de dizer como Paulo disse a Timóteo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda" (2 Tm 4.7-8). A recompensa da justiça final será dada aos que amam a vinda do Senhor, ou seja, aqueles que o valorizam supremamente e desejam que ele já esteja aqui. Portanto, esse considerar a Cristo como precioso tem de ser incluído nisso e fazer parte do

combate combatido e da carreira completada, e da fé guardada. Você não tem fé, se não deseja a Jesus.

Logo, um grande obstáculo do envelhecer para a glória de Deus é o temor de que não podemos manter esse considerar a Cristo como precioso. Por isso, tememos que não poderemos dar o fruto de amor que resulta da fé (Gl 5.6; 1 Tm 1.5). Tememos que não o faremos. E a principal razão por que esse temor de não perseverar na fé é um obstáculo a envelhecer para a glória de Deus é o fato de que as duas maneiras mais comuns de vencer esse temor são letais.

Duas maneiras letais de vencer esse temor

Há duas maneiras opostas de arruinar a sua vida, ao tentar vencer esse temor. Uma maneira é admitir que a perseverança na fé e no amor não é essencial à salvação final. A outra maneira é admitir que a perseverança é necessária e, em alguma medida, depender de nossos esforços para satisfazer essa necessidade e garantir-nos o favor de Deus. Desejo mostrar por que ambas estão terrivelmente equivocadas e são letais.

Letal: "A perseverança é desnecessária"

É um equívoco pensar que a perseverança na fé e no amor não é necessária à salvação final. É um erro letal. Jesus disse: "Sereis odiados de todos por causa do meu nome; *aquele,* porém, *que perseverar até ao fim, esse será salvo*" (Mc 13.13). Hebreus 12.14 diz: "Segui a paz com todos e *a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor*". Em Gálatas 6.8, Paulo afirmou: "O que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna". Observe que as duas colheitas são corrupção, por um lado, e vida eterna, por outro. No versículo seguinte, Paulo disse: "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos [vida eterna], se não desfalecermos".

Portanto, é evidente que perseverar em meio aos desafios da fé, por semearmos para o Espírito e produzirmos o fruto do amor, é necessário à salvação final. "Deus vos escolheu", disse Paulo em 2 Tessalonicenses 2.13, "para a salvação, *pela santificação* do Espírito e fé na verdade". "*Para a salvação, pela santificação*" significa que a

santificação — o caminho do amor — é o caminho pelo qual os pecadores salvos vão ao céu. É o único caminho que conduz ao céu.

Por conseguinte, é um erro trágico e letal tentar vencer o temor de não perseverar na idade avançada por afirmar que você não tem de perseverar.

Letal: "A perseverança coloca ou mantém a Deus do nosso lado"

A outra maneira equivocada de vencer o temor de não perseverar é tão perigosa como a anterior. É a maneira que diz: "Sim, a perseverança na fé e no amor é necessária, e isso significa que eu tenho de esperar até o último momento para que Deus seja totalmente por mim e tenho de depender de meus próprios esforços para obter o favor dele. Deus me fez começar a vida cristã por meio da fé somente nEle, mas a perseverança acontece de outra maneira. Deus faz o seu favor contínuo depender de meus esforços". Digo que isso é letal, conduzindo a pessoa ao desespero ou ao orgulho, mas, com certeza, não à perseverança.

O que está errado nessa idéia? Você o perceberá, se fizer esta pergunta: quando Deus se torna

completa e irrevogavelmente por nós — não apenas 99%, e sim 100%? Será no final desta era, no Último Dia, quando ele tiver visto e avaliado toda a nossa vida, para assegurar-se de que é digna de que seja por nós? Isso não é o que a Bíblia ensina.

A Bíblia ensina que no momento de nossa justificação Deus se torna, irrevogavelmente, 100% por nós — ou seja, no momento em que vemos a Cristo como salvador magnífico e o recebemos como a nossa perfeição e aquele que foi punido em nosso lugar. Toda a ira de Deus, toda a condenação que merecemos foi derramada sobre Jesus. Todas as exigências da perfeita justiça de Deus foram cumpridas por Cristo. No momento em que vemos (pela graça) esse tesouro e o recebemos dessa maneira, sua morte é considerada como a nossa morte; e sua condenação, a nossa condenação; a sua justiça, a nossa justiça. E Deus se torna, irrevogavelmente, 100% por nós, naquele instante e para sempre.

"Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm 3.28). "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo"

(Rm 5.1). “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Portanto, em Jesus Cristo — em união com ele, pela fé somente, ao recebermos tudo que ele é por nós — Deus é total e irrevogavelmente 100% por nós. As implicações disso são esclarecidas em Romanos 8.31-35:

Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo?

A resposta a essa pergunta é *nada*! Isso significa que todos os que pertencem a Cristo *perseverarão*. Eles têm de perseverar. E perseverarão. Isso é certo. Por quê? Porque, agora, em Cristo, Deus está 100% ao nosso lado. A perseverança não é o meio pelo qual conseguimos que Deus seja por nós. Ela é o resultado do fato de que ele já é por nós. Por meio de suas obras, você não pode fazer com que Deus seja por você, porque as verdadeiras boas obras cristãs são fruto do fato de que ele é por você.

"Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, *não eu, mas a graça de Deus comigo*" (1 Co 15.10). Meu esforço não é a causa e sim o resultado da graça comprada por sangue. "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12-13). Desenvolver a salvação não é a causa e sim o resultado do agir de Deus em nós — do fato de que Deus é 100% por nós. "Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio" (Rm 15.18). Se

podemos fazer alguma coisa motivados por obediência, isso acontece porque Cristo já é completamente por nós.

Todo esforço que realizamos na disciplina da perseverança é uma obra de Deus. Por conseguinte, esses esforços não fazem com que Deus seja totalmente por nós. São o resultado dessa realidade. Ele é por nós devido ao fato de que estamos em Cristo. E não podemos aprimorar a perfeição ou o sacrifício de Cristo. Se, pela fé, estamos em Cristo, Deus é por nós, em Cristo, tanto agora como sempre o será ou poderá ser. Não perseveramos para obter isso. É por causa disso que *perseveraremos*.

Quando o temor de não perseverar se manifesta, não tente vencê-lo dizendo: "Oh! não há qualquer perigo, não precisamos perseverar!" Você precisa. Não há salvação final para aqueles que não combatem o bom combate, completam a carreira, guardam a fé e amam a vinda de Cristo. Não tente vencer esse temor procurando obter o favor de Deus por meio de seus esforços na devoção. O favor de Deus vem apenas pela graça, fundamentada exclusivamente em Cristo, na união com Ele, por meio da fé, e tão-somente para a glória de Deus. Ele

é 100%, total e irrevogavelmente, por nós devido à obra de Cristo, se estamos em Cristo. E estamos nele não por esforços, e sim por recebê-lo como nosso sacrifício, perfeição e tesouro.

Vencendo o temor de não perseverar

Então, qual é maneira correta de vencermos o temor de não perseverar na velhice? O segredo é continuar achando em Cristo o nosso maior tesouro. Isso não é, principalmente, uma luta pelo *fazer*, e sim pelo *deleitar-se*. Continuamos a olhar para Cristo, e não para nós mesmos, a fim de gozarmos do seu auxílio e da comunhão comprada por seu sangue. Isso significa que continuamos crendo. Continuamos combatendo o bom combate da fé, por olharmos para Cristo, valorizá-lo e recebê-lo todos os dias.

Dizendo adeus ao temor

Charles H. Spurgeon disse que Deus, por meio de suas promessas, remove nosso temor de envelhecer. “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até

ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). "O qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Co 1.8-9). "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória" (Jd 24). "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.30). Ninguém se perde entre a justificação e a glorificação. Todos os que são justificados são glorificados. O objetivo de Deus em nos dizer isso é banir todo temor. Se Deus é por nós, ninguém pode ser eficientemente contra nós (Rm 8.31).

O segredo de envelhecer para a glória de Deus

Portanto, a perseverança é necessária à salvação final. E a perseverança é certa para todos os que estão em Cristo. As obras que fazemos no caminho do amor não conquistam o favor de Deus. São resultado desse favor. Cristo conquistou o favor de Deus. E nós o recebemos tão-somente pela fé. O

amor é o transbordamento e a demonstração dessa fé.

Este é o segredo de envelhecer para a glória de Deus: se queremos fazer com que Deus pareça glorioso nos últimos anos de nossa vida, temos de ser satisfeitos nele. Deus tem de ser o nosso tesouro. E o nosso viver deve fluir desse Cristo plenamente satisfatório. A vida que flui da alma que vive em Jesus é uma vida de amor e serviço. Isso é o que fará Cristo parecer sublime. Quando nosso coração acha descanso em Cristo, paramos de usar as pessoas para satisfazer nossas necessidades e, em vez disso, tornamos-nos servos que atendem às necessidades delas. Isso é tão contrário ao coração humano não-regenerado, que se distingue como algo belo a ser seguido ou algo condenado a ser crucificado.

Isso se expressa de ambas as maneiras. Policarpo, bispo de Esmirna, ilustra essas maneiras e o que significa envelhecer para a glória de Deus.

A perseverança de Policarpo

Policarpo era o bispo de Esmirma, na Ásia

Menor. Viveu aproximadamente de 70 a 155 d.C. É famoso por seu martírio, recontado em *The Martyrdom of Polycarp* (O Martírio de Policarpo). [6] Tensões haviam surgido entre os cristãos e aqueles que veneravam o imperador. Os cristãos foram chamados de ateístas, porque se recusavam adorar qualquer dos deuses romanos, não tinham imagens, nem lugares sagrados. Em determinado momento, a multidão gritou: "Fora ateístas; achem Policarpo".

Em uma pequena casa, fora da cidade, Policarpo mantinha-se em oração e não fugiu. Tivera uma visão de um travesseiro queimando e disse aos seus companheiros: "Tenho de ser queimado vivo". As autoridades o procuraram. Sob tortura, um de seus servos o traiu. Ele desceu de um cômodo superior e conversou com seus acusadores. "Todos os presentes se maravilharam de sua idade e constância; houve muito alvoroço sobre a prisão de um homem tão velho. Ele pediu permissão para orar, antes de ser levado. A permissão lhe foi dada. Policarpo ficou "tão cheio da graça de Deus, que por duas horas não pôde se manter em silêncio".

Na cidade, a autoridade judicial veio ao seu

encontro e o levou em sua carruagem. Tentou persuadi-lo a negar a Cristo, dizendo: "Que mal existe em dizer: Senhor César, e em oferecer incenso... e, assim, salvar sua vida?" Policarpo respondeu: "Não pretendo fazer o que você sugeriu". Irado, o procônsul mandou que se apressassem em levá-lo ao estádio, onde havia um grande tumulto.

O procônsul tentou persuadi-lo novamente a salvar sua vida, dizendo: "Respeite a sua própria idade... Jure pela sumidade de César… Arrependa-se… diga: Fora ateístas! [ou seja, cristãos]". Policarpo "olhou para a turba de pagãos furiosos presentes no estádio, acenou com as mãos para eles, olhando ao céu, suspirou e disse: 'Fora ateístas'. De novo, o procônsul disse: "Jure, e o libertarei; amaldiçoe a Cristo". A essas palavras Policarpo deu a sua mais famosa resposta: "Eu o tenho servido durante oitenta e seis anos, e ele não me fez mal algum; como eu poderia blasfemar de meu rei, que me salvou".

O procônsul disse outra vez: "Jure, por César". Policarpo respondeu: "Se você pensa inutilmente que eu jurarei pela sumidade de César, como

disseste, fingindo não saber o que eu sou, ouça claramente que sou um cristão". O procônsul replicou: "Tenho feras selvagens; se você não se arrepender, eu o lançarei às feras". A isso Policarpo respondeu: "Mande-me às feras. Pois, arrepender-se do melhor para o pior não é algo permitido a nós; mas o mudar da crueldade para a justiça é algo nobre".

O procônsul lhe disse: "Se você despreza as feras selvagens, eu o farei ser consumido pelo fogo se não se arrepender". Policarpo replicou: "Você me ameaça com o fogo que dura por uma hora e, em pouco tempo, se apaga, pois não conhece o fogo do juízo vindouro e da punição eterna, reservado para os ímpios. Por que você demora? Traga o que você quiser".

O procônsul ordenou que fosse proclamado em voz alta à multidão, três vezes: "Policarpo confessa ser cristão". Depois de descobrirem que não havia feras selvagens disponíveis para cumprir a ameaça, eles clamaram que Policarpo fosse queimado vivo. A madeira foi ajuntada; e, quando estavam para cravar suas mãos à estaca, ele disse: "Deixem-me como estou. Aquele que me capacita a suportar o fogo

também me fará suportar inabalável a pira, sem ficar preso por cravos". O fogo não o consumiu, mas um executor penetrou um punhal no corpo de Policarpo. "E toda a multidão se maravilhou da grande diferença entre os incrédulos e os eleitos."

Quando estamos tão satisfeitos com Cristo, somos capacitados a morrer espontaneamente por ele, somos livres para amar o perdido, como nunca antes o fizemos, e Cristo é revelado como um grande tesouro.

Uma acusação à geração pós-Segunda Guerra

Tenho 62 anos — quase o mais velho dos nascidos na geração "baby boomer" pós-Segunda Guerra (11 de janeiro de 1946). Depois de mim, há 78 milhões de pessoas dessa geração, cujas idades variam entre 44 e 62, nos Estados Unidos. Mais de 10.000 chegam aos 60 anos todos os dias. Se você ler esta pesquisa, perceberá que somos uma geração centralizada em nós mesmos:

Gostos: trabalhar em casa, suplementos

antienvelhecimento, controle climático

Não gosta: rugas, hábitos de dormir milenares, Previdência Pública, insegurança

Hobbies: esportes de baixo impacto, paternidade superprotetora, beber vinho, jantares

Lugares mais freqüentados: mercado público, comemorações ao ar livre, jardim de casa

Recursos: 2,1 trilhões de dólares[7]

O que significa envelhecer para a glória de Deus como um membro da geração pós-Segunda Guerra? Significará um rompimento radical com a mentalidade de nossos colegas incrédulos. Significará especialmente um rompimento com o sonho típico de aposentaria. Ralph Winter é o fundador do U. S. Center for World Missions; em seus oitenta e poucos anos, ele ainda viaja, prega e escreve para a causa de Cristo em missões mundiais. Ele escreveu um artigo intitulado *The Retirement Boody Trap* (A Armadilha da Aposentadoria), há quase vinte e cinco anos, quando tinha sessenta anos. No artigo, ele disse:

A maioria dos homens morrem não de idade avançada; eles morrem de aposentadoria. Em algum lugar, eu li que metade dos homens aposentados, no Estado de Nova Iorque, morrem dentro de dois anos. Salve a sua vida e você a perderá. Assim como outras drogas, outros vícios psicológicos, a aposentadoria é uma doença virulenta, e não uma bênção.

Onde eles acham na Bíblia [a aposentadoria]? Moisés se aposentou? Paulo se aposentou? Pedro? João? Os oficiais militares se aposentam na Guerra? [8]

Milhões de cristãos, homens e mulheres, estão terminando suas carreiras formais em seus 60 ou 70 anos de idade, e para muitos deles haverá uns bons 20 anos, antes que sua condição física e seus poderes mentais fracassem. O que significará viver esses anos finais para a glória de Deus? Como viveremos de tal maneira que mostraremos ser Cristo o nosso maior tesouro?

A perseverança de Charles Simeon

Quando tive câncer de próstata e sofri uma cirurgia aos 60 anos de idade, recordei a experiência de Charles Simeon e orei pedindo a Deus que o desfecho da vida de Simeon se tornasse realidade para mim também.

Simeon era o pastor da Trinity Church (Cambridge), duzentos anos atrás. Ele aprendeu uma lição dolorosa sobre a atitude de Deus para com a sua "aposentadoria". Em 1807, depois de 20 anos de ministério naquela igreja, a sua saúde decaiu, quando ele tinha 47 anos. Ele se tornou bastante fraco e teve de gozar um longo afastamento de seu trabalho. Handley Moule narrou a história fascinante do que Deus estava fazendo na vida de Charles Simeon.

A condição debilitada de sua saúde demorou, com variações, por treze anos, até que Simeon estivesse com 60 anos, mas desapareceu quase subitamente e sem qualquer causa física evidente. Ele fazia sua última visita à Escócia... em 1819, e se viu, para sua grande surpresa, assim que cruzou a fronteira, "quase tão perceptivelmente renovado em

vigor como a mulher que tocara a orla das vestes de nosso Senhor".

Ele disse que havia prometido a si mesmo, antes de começar a perder a saúde, uma vida ativa até aos 60 anos. Depois, teria um "sabático noturno" [aposentadoria]. Agora, ele parecia ouvir a voz do Senhor dizendo: "Coloquei você de lado, porque nutriu com satisfação o pensamento de descanso de seu labor; mas agora você chegou à própria época sobre a qual prometera satisfação a si mesmo e determinara não gastar todo o seu vigor para mim. Eu dupliquei, tripliquei, quadrupliquei seu vigor, para que você realize seu desejo em um plano mais amplo".[9]

Quantos cristãos fixam seus olhos no "sabático noturno" da vida — descansando, brincando, viajando, *etc.* — o substituto do mundo para o céu, visto que o mundo não crê que haverá um céu depois da morte. A mentalidade de nossos colegas é que devemos recompensar a nós mesmos nesta vida pelos longos anos de trabalho. Descanso eterno e

gozo depois da morte é uma consideração irrelevante. Quando você não crê no céu, por vir, não se deleita na glória de Cristo agora, você buscará o tipo de aposentadoria que o mundo busca. Todavia, que estranha recompensa é essa, para que um crente fixe seus olhos nela! Vinte anos de lazer(!), enquanto vivem em meio aos últimos dias de conseqüência infinita para milhões de pessoas que necessitam de Cristo! Que maneira trágica de completar a última milha, antes de entrar na presença do Rei que terminou sua milha de maneira bem diferente!

A perseverança de J. Oswald Sanders

Quando ouvi J. Oswald Sanders na capela da Trinity Evangelical Divinity School falando, aos 89 anos, que havia escrito um livro por ano, para Cristo, desde que tinha 70 anos, tudo em mim disse: "Ó Deus, não me permita desperdiçar meus anos finais! Não me permita comprar o sonho de aposentaria americano — mês após mês de lazer, brincadeiras, hobbies, vagar ociosamente na garagem, arrumar repetidas vezes os móveis, jogar

golfe, pescar, assentar-se no sofá e assistir à televisão. Senhor, tenha misericórdia de mim. Poupe-me dessa maldição".

Uma paixão: tornar a grandeza de Deus conhecida às gerações futuras

Essa é a minha oração por você também. Termino com uma paixão e uma promessa. A paixão é Salmos 71.18 — a paixão de tornar a grandeza de Deus conhecida às gerações que estão vindo depois de nós: "Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder". Oh! Que em nossos dias finais Deus nos dê uma paixão por nos gastarmos para fazê-lo parecer tão sublime como ele é — envelhecer para a glória de Deus.

Promessa: Estamos tão seguros como Cristo é fiel e Deus é justo

A promessa vem de Isaías 46.3-4: "Vós, a quem

desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei". Crente, não tenha medo. Você perseverará. Chegará ao lar. Mais depressa do que imagina. Viva perigosamente para Aquele que o amou e, por volta dos 30 anos de idade, morreu por seus pecados. Não jogue fora a sua vida, no sonho de aposentadoria. Você está tão seguro como Cristo é fiel e Deus é justo. Não se abale por qualquer outra coisa que não seja as jubilosas tristezas de magnificar a Cristo nos sacrifícios de amor. Assim, no Último Dia, você estará de pé e ouvirá: "Muito bem, servo bom e fiel... entra no gozo do teu senhor" (Mt 25.21-23).

Capítulo 3

Certezas que impulsionam um ministério duradouro

John MacArthur

Quando eu era rapaz, papai me recordou as palavras do apóstolo Paulo: "Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis" (Ef 6.13). Depois, ele disse algo que jamais esquecerei: "Muitas pessoas têm dito e feito muitas coisas. Mas, quando vista sob a verdadeira luz, são coisas que não permanecem". E naqueles anos iniciais, ele me direcionou ao epitáfio de Paulo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7). Papai me desafiou, bem cedo, a tornar esse versículo o meu alvo.

Seja agradecido quanto ao passado e ao futuro

Papai faleceu em 2005, aos 91 anos de idade, e com essa idade ele ainda dava aulas bíblicas todos os domingos. O meu avô morreu bem mais novo, de câncer. Lembro-me claramente de haver estado ao lado de sua cama. Creio que eu tinha nove ou dez

anos, e papai lhe disse: “Papai, há algo que o senhor deseja?” Ele respondeu: “Quero pregar mais um sermão”. Você percebe: ele havia preparado um sermão e não podia pregá-lo; mas sentia-se como o profeta Jeremias, que disse: “Isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais” (Jr 20.9). Então, papai tomou as anotações de meu avô, imprimiu-as e distribuiu o sermão no funeral. O título era “Recordações Celestiais”; assim, *do* céu, meu avô pregou *sobre* o céu.

Não posso agradecer suficientemente a Deus por homens como esses, que foram fiéis até ao fim. Por outro lado, sou muito grato a Deus por que meus quatro filhos conhecem o Senhor e o amam, criando seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor. Recentemente, em um domingo à noite, batizei dois de meus próprios netos. Permanecia na água, enquanto ouvia os testemunhos preciosos de Ty e Olívia, que são primos e meus netos. Seus pais e eu dificilmente poderíamos conter nossa gratidão a Deus por sua graça em nossa vida e pela bênção que a nossa igreja, a Grace Community Church tem sido em nossa vida. Não há nada como o esforço

tremendo, incansável, amplo e uniforme de toda uma congregação de pessoas piedosas que levam a verdade das Escrituras para influenciar jovens. Deleito-me com a igreja que tenho tido o privilégio de pastorear durante todos esses anos; especialmente, pela alegria de ver minha família crescer nessa igreja e ser firmada espiritualmente ali.

Querendo sair e começar em outro lugar

Muitos pastores mudam de uma igreja para outra, servindo a muitas igrejas durante a sua vida. Às vezes, as provações do ministério quase me fizeram desejar isso. Nunca esquecerei a ocasião em que me dirigia a uma reunião da mesa administrativa da igreja, um dia, há muitos anos; nessa ocasião, quatro homens que eu mesmo havia discipulado esperavam por mim. Eu cuidei daqueles homens; reunia-me com eles nas primeiras horas da manhã, para conversarmos sobre as coisas espirituais, orar, edificá-los e torná-los um corpo de pastores que trabalhariam ao meu lado. Quando entrei, não pude deixar de falar-lhes: quero apenas dizer-lhes, irmãos, o quanto os amo. Um deles respondeu: “Se você

acha que somos seus amigos, está pensando errado". Eles tentaram conseguir o apoio dos outros líderes para me exonerarem do pastorado e tirarem-me do púlpito! Fracassaram. O triste resultado foi que quatro daqueles cinco homens abandonaram o ministério para sempre. Foi mais do que eu podia suportar. Eu teria saído, se soubesse de outra igreja para a qual pudesse ir. Aquele era o meu oitavo ano no púlpito da Grace Community Church.

No meu décimo oitavo ano ali, 250 pessoas deixaram a igreja. Disseram que minha pregação era demorada, irrelevante, monótona e muitas outras coisas. Algumas dessas pessoas eram presbíteros na igreja, e isso me tentou a questionar tudo. Eu teria saído daquele pastorado novamente, mas ninguém estava me fazendo qualquer convite. Mas isso aconteceu pela graça de Deus.

O MELHOR É AGORA PORQUE…

Sou grato a Deus por todas as situações pelas quais tenho passado, porque este é o melhor, o mais maravilhoso e o mais satisfatório tempo de toda a minha vida. Agradeço a Deus por todos os dias

durante os quais ele me tem permitido pastorear a Grace Community Church. As pessoas me perguntam: "Como você pode ter um ministério tão longo e duradouro?" Do ponto de vista de Deus, a providência soberana e divina tem operado de muitas maneiras (conhecidas e desconhecidas para mim) que me têm mantido no lugar em que estou. E quanto ao outro lado das coisas? Eu lhe digo imediatamente que não apresentarei quaisquer discernimentos brilhantes, abordagens novas ou idéias criativas que me empenhei por desenvolver. Não tenho qualquer técnica inovadora a recomendar-lhe. Não inventei qualquer estratégia primorosa. Não confio em esquemas e estratégias de homens, especialmente no que diz respeito a fazer a obra de Deus. Então, oferecer-lhe esse tipo de coisa não é meu objetivo.

Há somente uma coisa que me empenhei por fazer: *focalizar toda a minha vida em princípios bíblicos, na sã doutrina e na verdade divina*. Enquanto todas as circunstâncias da vida vão e vêm, e mudam-se as areias das modas dos homens, o fundamento sobre o qual você tem de construir é a rocha da Palavra de Deus. Desde aqueles primeiros

anos com meu pai, tenho procurado ser como aquele homem mencionado no evangelho de Lucas, a respeito do qual Jesus disse que edificara sua casa por *abrir profunda vala* no solo e lançar o alicerce sobre a rocha (Lc 6.48). Isso não acontece porque você *deseja* que aconteça. Ao contrário do que muitos pensam, você não pode apenas falar para que isso venha à existência. Como o disse Jesus, não acontece somente por vir a ele e ouvir suas palavras. É o agir de acordo com essas palavras (Lc 6.47) que nos torna semelhantes ao construtor sábio descrito por Jesus. A bênção surge não por ouvirmos, e sim por fazermos, como Jesus disse aos seus discípulos no cenáculo (Jo 13.17).

Paulo no monte Everest de sua vida

Meu pai me recomendou um dos mais sábios construtores de todos, quando citou para mim, na juventude, a vida e as palavras de Paulo. Quando Paulo escreveu esta última carta sobre o combater o bom combate, mesmo em seus últimos dias, ele estava no Everest de sua vida, respirando o ar rarefeito conhecido unicamente por aqueles que não

apenas chegam ao topo, mas também o fazem com nobreza e integridade. Paulo conseguiu fazer isso, embora todos, na Ásia, o tivessem abandonado. O restante de 2 Timóteo 4 indica que a vida de Paulo — mesmo no final — foi cheia de desapontamentos corriqueiros. Não houve uma grande multidão estimulando Paulo, quando ele chegou ao momento épico e se aproximou, por fim, da linha de chegada. De fato, a igreja havia afastado dele suas afeições, e o mundo estava para arrancar-lhe a cabeça.

A jornada de Paulo rumo ao alto foi, em certo sentido, para baixo

Consideremos novamente a vida de Paulo, conforme descrita em 2 Coríntios:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda *consolação*! É ele que nos *conforta* em toda a nossa *tribulação*, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a *consolação*

com que nós mesmos somos *contemplados* por Deus. Porque, assim como os *sofrimentos* de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa *consolação* transborda por meio de Cristo. Mas, se somos *atribulados*, é para o vosso *conforto* e salvação; se somos *confortados*, é também para o vosso *conforto*, o qual se torna eficaz, *suportando* vós com paciência os mesmos *sofrimentos* que nós também padecemos. A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos *sofrimentos*, assim o sereis da *consolação*. Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da *tribulação* que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a *sentença de morte*, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos (2 Co 1.3-9).

A consolação veio porque a vida de Paulo estava saturada de sofrimento e aflição. Tudo que poderia

sobrevir a um homem lhe sobreveio: perseguição física, privação, enfermidade, batalha espiritual e desapontamentos. A estrutura temática de 2 Coríntios é, de fato, uma crônica sobre os altos e baixos de Paulo.

- Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal (2 Co 4.8-11).

- Em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns... desonra... por infâmia... como desconhecidos... nada tendo (2 Co 6.4-

10).

- Porque, chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro. Porém Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito (2 Co 7.5-6).

Até o grande apóstolo sofreu depressão? Sim, ele sofreu.

- São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar;

em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? (2 Co 11.23-29).

- E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo.

Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte (2 Co 12.7-10).

Quero que você considere essas passagens porque Paulo foi o homem que chegou ao final de sua vida dizendo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé". Como ele conseguiu fazer isso? Os desapontamentos que ele enfrentou foram esmagadores. De fato, o principal motivo por que ele escreveu 2 Coríntios foi porque a igreja o havia deixado de lado para seguir os falsos mestres — depois de ele investir quase dois anos de sua vida em trazê-los ao conhecimento de Cristo. Paulo conhecia a dor do amor não retribuído. Às vezes, parecia que, quanto mais Paulo os amava, tanto menos eles o amavam em retorno! Alguns membros da igreja o criticavam até por sua aparência. Diziam que a aparência dele era inexpressiva e seu discurso, desprezível; isso significa que ele era feio e não sabia se comunicar. Ora, se você é feio e sabe se comunicar, você pode ser aceito; ou, se é bonito e fala um pouco, pode

sobreviver por um tempo. No entanto, os falsos mestres se esforçavam tanto quanto possível para atacá-lo de todos os lados. Queriam desacreditar Paulo, para que as pessoas perdessem a confiança nele e substituíssem o seu ensino pelo ensino deles mesmos.

É difícil suportar esse tipo de rejeição, quando você gastou sua vida por uma igreja. Não chego nem perto do que Paulo experimentou, mas tenho permanecido em uma igreja tempo suficiente para ver todo tipo de ataque contra meu caráter, vida e ministério. Portanto, fiz um estudo da vida de Paulo para aprender como sobreviver. Uma expressão sob a qual me abrigo é esta: "Não desanimamos" (2 Co 4.16). O vocábulo grego é *ekkakeo,* que contém a raiz *kak,* uma referência à malignidade, pecado ou corrupção. É mais do que apenas não desanimar ou desfalecer. É um compromisso de não desertar espiritualmente, por covardia, preguiça, imoralidade, indiferença ou abandono do chamado e do dever. Como?

Paulo abraçou a superioridade da nova

Primeiro, Paulo aceitou de todo coração a superioridade da nova aliança: “Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos” (2 Co 4.1). O ministério ao qual ele se referiu é descrito no capítulo anterior como “o ministério do Espírito” (v. 8) e “o ministério da justiça” (v. 9), para contrastá-lo com o ministério da condenação. É o ministério da nova aliança, que o Antigo Testamento anunciava:

Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e

eles serão o meu povo" (Jr 31.31-33).

Essa aliança é a salvação em Jesus Cristo. É melhor do que a anterior, porque a nova aliança dá *vida* — Deus "nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Co 3.6). A lei de Moisés estabeleceu uma sentença de morte; o evangelho de Jesus Cristo dá vida. Paulo prosseguiu, explicando que, embora a velha aliança fosse "um ministério de condenação", tinha certa glória, porque era um reflexo da santidade de Deus. No entanto, a nova aliança tem uma glória superior, porque outorga perdão e justiça eterna (vv. 10-11).

A nova aliança também traz *esperança*, que produz *coragem*. Essa foi a razão por que Paulo escreveu: "Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar" (2 Co 3.12).

É *perceptível*, pois a velha aliança era coberta por um véu, mas, na nova o véu é removido (vv. 13-14).

É *centralizada em Cristo,* porque o véu é removido "em Cristo" (v. 14).

Tem *o poder do* Espírito, transformando-nos à própria imagem do Senhor, de um nível de glória a

outro (vv. 17-18).

Conhecer o evangelho, crer nele de todo o coração e ser chamado a proclamá-lo é o privilégio mais nobre e mais elevado que qualquer pessoa pode desfrutar! Isso levou Paulo a escrever:

Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? (2 Coríntios 2.14-16).

A despeito de tudo, Cristo vence no final.

Se você perguntasse a alguém quais são as pessoas mais importantes de uma cidade, talvez ele lhe diria: o prefeito, os vereadores e as pessoas que

desenvolvem programas educacionais. Essa não é a maneira como Deus responderia a pergunta. Em toda cidade, há um grupo de pessoas que influenciam outras quanto à eternidade. Exercem um profundo impacto na condenação ou salvação delas; são um aroma de vida ou de morte. Em suas próprias forças, quem exerceria esse tipo de impacto? Paulo se admirava com o privilégio divino do ministério e jamais o negligenciava.

Meu filho Mark, aos dezesseis anos de idade, sentou-se perto de mim e disse com sinceridade: "Papai, quando você prega, é realmente alguma coisa. Mas, no restante do tempo, você não é nada especial". Ele entendeu bem a situação! Ele tentava compreender o que acontecia com o seu pai, ao subir ao púlpito. Ali, o que eu via era o poder de Deus se expressando quando eu proclamava com exatidão a Palavra dele. No lar, se eu tivesse uma grande idéia a respeito de consertar alguma coisa, era geralmente uma idéia medíocre. Contudo, quando alguém se dirigia a mim e falava: "Depois que ouvi você pregar, vim a Cristo", eu queria dar um passo para trás e tomar fôlego. Se você deseja ter um ministério permanente, nunca perca o senso

de maravilha e glória da nova aliança — a mensagem pela qual o mundo tem esperado. Ela está aqui, você sabe, e Deus quer usá-lo para proclamá-la. *Somos importantes*. Neste planeta, não há ninguém tão poderoso como o povo de Deus, pois afetamos as pessoas quanto à eternidade.

Paulo abraçou a realidade de que o ministério é uma misericórdia

Retornemos a 2 Coríntios 4.1. Paulo disse: "Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos". Ele aceitou a realidade de que o ministério é uma misericórdia, ou seja, graça outorgada a quem não merece. A resposta piedosa é gratidão, conforme vemos nas palavras de Paulo a Timóteo:

> Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim, que,

noutro tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal (1 Tm 1.12-15).

Alguns pastores me dizem: "Minha igreja não está me tratando bem! Mereço ser tratado de modo melhor". É mesmo? Lembre-se que sua salvação é uma misericórdia. O fato de que você não está no inferno é uma misericórdia. O próprio ministério é uma misericórdia. As pessoas falam freqüentemente a respeito de esgotamento no ministério, mas há muito compreendi que o esgotamento *não* acontece porque a obra é extenuante. Você não ouve os cavadores de trincheiras falarem que estão fatigados de cavarem trincheiras. O que faz as pessoas se esgotarem é o desânimo, que está ligado às esperanças irrealistas. Todavia, se você compreender

que não merece nada e que todas as coisas boas em sua vida são misericórdias da parte de Deus, saberá em que precisará ser bem-sucedido.

O que aconteceu quando aquelas 250 pessoas saíram da igreja? Fui tentado a reagir na carne e dizer: essas pessoas não me apreciam; não aceitarei isso. E ir para casa, a fim de queixar-me à minha esposa. A reação correta é esta: não mereço permanecer aqui e ensinar essas pessoas; se todas elas saírem no próximo domingo, receberei o que mereço. O fato de que não afetei a minha esposa a ponto de ela sair também foi uma misericórdia. É uma misericórdia o fato de que não tenho, de algum modo, desapontado meus filhos e não os tenho feito afastarem-se de Cristo. É uma misericórdia o fato de que tenho permanecido no púlpito e não tenho dito coisas estúpidas que levariam a igreja a me expulsar da cidade!

Paulo abraçou a necessidade de um coração puro

Há um terceiro elemento que gostaria de mencionar — "Pelo que, tendo este ministério,

segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2 Co 4.1-2). O que é mais importante do que a santidade? Um pouco adiante, Paulo escreveu: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1). Ele desejava apresentar a igreja a Cristo "como virgem pura" (11.2). Paulo admitiu seu temor de que viesse "a chorar por muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram" (12.21). Ele escreveu contra todas as formas de pecado e categorizou-as em listas de avaliação pessoal que aplicou primeiramente a si mesmo. Essa era a razão por que ele não tinha uma vida pecaminosa secreta; e isso é bastante significativo, porque ele era ex-fariseu, ou seja, um grande hipócrita. De acordo com Jesus, conforme Mateus 23, os fariseus eram sepulcros caiados,

cheios de ossos de homens; portanto, eram senhores na arte de encobrir culpas ocultas.

O tempo e a verdade andam lado a lado: dê tempo suficiente, e a verdade *se manifestará*. Tiago explicou que a cobiça é concebida no íntimo, mas logo dá à luz o pecado (Tg 1.14-15). Tenho passado quarenta anos na mesma igreja. Alguns dos irmãos queridos sabem tudo que precisam saber a respeito de mim, de cima para baixo, de frente para trás, e sobre meus filhos e netos. Se você está levando uma vida oculta, ela se manifestará, e você não impedirá isso. A única maneira de evitar esse problema é lidar permanentemente com os pecados do coração.

Paulo foi honesto e pôde afirmar: "A nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco" (2 Coríntios 1.12). A consciência não é um tribunal celestial, porém é o mais elevado tribunal terreno, pois é o sistema de alerta da alma. Romanos 2 esclarece que a consciência ou nos acusa ou nos isenta. Ela é para a alma o que a dor é para o corpo. Sua consciência o faz sentir-se culpado,

ansioso, insone e cheio de arrependimento ou lhe traz alegria, confirmação, paz e contentamento.

Lembro-me de haver lido, anos atrás, a respeito de um avião da companhia Avianca que chocou-se com uma montanha. Era um Boeing cheio de passageiros que estava em sua aproximação final para aterrissagem. Quando o radar interno detectou que a aeronave estava fora de curso e se encaminhava à montanha, disparou um alarme eletrônico que dizia: "Suba! Suba! Suba!" Inexplicavelmente, o piloto não subiu. O último som gravado foi o piloto dizendo: "Cale-se, gringo!", um pouco antes de haver desligado o sistema de alarme. Menos de um minuto depois, bateu no lado da montanha, e todos a bordo morreram num instante. O radar descreveu a realidade, mas o piloto fez exatamente o que as muitas pessoas tolas fazem com sua consciência.

Deus colocou dentro de nós uma consciência que age como um sistema de alarme. Quanto mais saturada for a sua consciência com a Palavra de Deus, tanto mais bem informada e mais útil ela será para você. Esse foi o testemunho do rei Davi, que escreveu: "Guardo no coração as tuas palavras, para

não pecar contra ti" (Sl 119.11). Esse foi o testemunho de Paulo, que pôde dizer: "Minha consciência é limpa. Estou vencendo a batalha em meu íntimo".

Em 1747, Charles Wesley escreveu um hino pouco conhecido, intitulado *Quero um Princípio em meu Íntimo*. Acho que deveríamos cantá-lo com mais freqüência, como uma forma de proteção pessoal.

Quero um princípio em meu íntimo
De vigilância e de santo temor,
Uma sensibilidade ao pecado,
Um senso de que ele está perto.
Quero sentir a menor aproximação
Do orgulho ou do desejo errado,
Para captar a vacilação da vontade
E apagar o fogo incandescente.

De Ti não quero mais afastar-me
Nem entristecer a Tua bondade.
Dá-me temor filial, eu rogo:
E uma consciência sensível.

Ágil como a menina dos olhos
Torna, ó Deus, a minha consciência.
Ao vir o pecado, desperta-me a alma,
E mantém-na sempre desperta.

Deus altíssimo, de amor e verdade,
Outorga-me o Teu poder;
Remove a montanha de minha alma,
A dureza de meu coração.
Oh! que a menor omissão
Doa em minha alma desperta!
E leve-me novamente ao sangue
Que faz o ferido ficar curado.

Paulo abraçou o dever de manejar com exatidão a Palavra de Deus

Paulo explicou à igreja de Corinto a respeito de si e de seus cooperadores em Cristo: "Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de

Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2 Co 4.2). A palavra grega traduzida por "astúcia" (*panourgia*) fala de alguém capaz de fazer qualquer coisa para alcançar seus objetivos, sendo inescrupuloso, astuto e enganador. Há muitos falsos ministros que agem assim, mas os verdadeiros ministros de Cristo repudiam essas técnicas manipuladoras e seguem, em vez disso, o exemplo de Paulo e seus companheiros: "Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus" (2 Co 2.17). Nada purifica tanto os motivos de uma pessoa como o recordar que "todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13).

Seja fiel e verdadeiro à Palavra de Deus. Tenha um compromisso inflexível com a fidelidade à Bíblia. Se não fizer isso, não permanecerá muito tempo em um lugar. Terá de começar a viajar com o seu show ou levá-lo à TV, onde é mais fácil manipular as pessoas, visto que elas não podem

conhecê-lo em seu dia-a-dia. Se eu manipulo uma passagem das Escrituras, tendo em vista propósitos egoístas, serei apanhado no devido tempo. Ao contrário disso, meu compromisso é seguir a ordem de Paulo a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15). Isso exige muito trabalho e estudo árduo, mas isso é a vocação de um pastor.

A verdade das Escrituras tem um aliado em todo lugar, ou seja, o coração humano — "Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (Rm 2.14-15). No coração humano, não há aliados para seus pensamentos e idéias, mas *há* um aliado para a verdade divina. Então, seja cuidadoso em manejá-la com exatidão, a fim de produzir os melhores resultados.

Paulo abraçou a verdade de que os resultados de seu ministério não dependiam dele

Paulo continuou: "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4.3-4). Paulo compreendia que, em última análise, não tinha controle dos resultados de seu ministério evangelístico.

Essa é a mesma verdade que Jesus deixou tão clara na Parábola do Semeador. Ele disse: "Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas? (Mc 4.13). A semeadura revela que há quatro níveis de receptividade no solo, mas, se em nossos dias, alguém que representa o evangelicalismo norteado por técnicas reescrevesse essa parábola, ela ficaria assim:

Havia um solo e quatro semeadores. Um semeador tinha uma técnica específica de evangelismo que não frutificava, de maneira alguma. O segundo semeador tinha outra técnica de evangelismo que produziu algum resultado, por um tempo. O semeador seguinte tinha outra técnica que produziu uma resposta superficial. Mas, finalmente, veio o quarto semeador, que tinha a técnica correta e obteve respostas a trinta, a sessenta e a cem por um, porque, afinal de contas, a questão toda é a técnica.

No entanto, essa *não* foi a maneira como Jesus contou a história: Ele se focalizou não no semeador, e sim na semente. Todos semeamos a mesma semente, mas somente Deus pode arar o solo.

Há erros graves na teologia norteada pelo mercado. Talvez o primordial seja a noção de que a principal tarefa do pregador é vencer a resistência do consumidor, a fim de persuadir as pessoas a comprarem o produto chamado Jesus. *Nem pensem nisso!* Essa idéia, além de blasfema, é completamente ineficaz, pois o motivo fundamental

da resistência do consumidor para com o evangelho é um problema grande demais para você e eu vencermos. Expressarei isso em outras palavras: se eu tentasse vender determinado sabão a cadáveres em um necrotério, acho que não teria qualquer comprador! Não estou exagerando, porque é assim que as Escrituras descrevem o estado espiritual dos incrédulos: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef 2.1-2). Então, "se o nosso evangelho ainda está encoberto", disse Paulo, ele está encoberto para pessoas que se encontram em um estado de destruição, mesclado com o fato de que "o deus deste século" [Satanás] cega "o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4.4).

Tente assimilar este pensamento: tudo que, como crentes, fazemos neste mundo faremos melhor no céu, exceto uma coisa, a evangelização, porque não haverá no céu ninguém que não tenha aceitado o evangelho. A evangelização é a grande comissão que

o Senhor nos deu. Ele ordenou que fossemos ao mundo e pregássemos o evangelho; mas, em seguida, Paulo nos diz que nossa audiência é morta e cega! Recordo o que aconteceu com Isaías, que teve uma visão de Deus no céu. Deus lhe deu uma mensagem a proclamar, dizendo: "Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo". Naturalmente, Isaías perguntou: "Até quando, Senhor?" (Is 6.9-11). O Senhor respondeu que, em pouco tempo, as pessoas seriam destruídas, mas não todas, para que ele estabelecesse a "santa semente" (v. 13). A salvação é uma obra de Deus. Jesus, em resposta à pergunta: "Quem pode ser salvo?", disse: "Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus" (Lc 18.26-27).

Um repórter me perguntou alguns anos atrás: "Você tem um grande desejo de edificar a igreja?" Eu respondi: você está brincando? Jesus disse que ele edificaria a igreja. Você acha que desejo competir com ele?

Você não quer gastar muito tempo pensando sobre a tarefa de evangelizar à luz da perspectiva humana, mas um pouco de reflexão pode nos ajudar a sermos gratos a Deus pela sua obra na salvação. Foi assim que Paulo o explicou:

"Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação" (1 Co 1.18-21, citando Is 29.14).

Paulo prossegue e diz por que, a princípio, o evangelho parece difícil de ser crido por aqueles que o ouvem: "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os

judeus, loucura para os gentios". Contudo, aqueles que Deus chama descobrem que o evangelho é "poder de Deus e sabedoria de Deus". Por quê? "Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1 Co 1.22-25).

Perto do Circo Máximo, em Roma, há uma gravura que fica por trás de uma grade de metal, para que você não possa tocá-la. Eu já a vi diversas vezes. É uma figura de um homem crucificado, com cabeça de burro. A tradução do que está escrito embaixo da gravura é *Alexamenos adora seu deus*. Isso representa o escárnio do mundo gentílico sobre qualquer pessoa que ousasse adorar um homem crucificado, porque, pelo que eles sabiam, somente pessoas desprezíveis iam para a cruz. O evangelho é, em um sentido, uma mensagem inacreditável que é contrária a todas as inclinações naturais; e estamos tentando apresentá-lo a pessoas que estão mortas e cegas. Se você não vê pessoas vindo a Cristo aos milhares, sabe por quê.

Para vencer esse problema grave, temos de recrutar uma equipe especializada? Isso não é o que Deus ensina. "Irmãos, reparai... na vossa vocação",

escreveu Paulo, "visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são" — os ninguéns —, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus... como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Co 1.26-31, citando Jr 9.23). Essa foi a razão por que, depois, Paulo escreveu: "Quem é Apolo? E quem é Paulo? *Servos* por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento" (1 Co 3.5-7).

Permita-me dizer-lhe algo importante a respeito da palavra *servos*: literalmente, ela se refere a escravos — pessoas que eram propriedade de outrem e não tinham direitos pessoais. Nos Estados Unidos, temos um desprezo natural por todas as

formas de escravidão. É correto que o tenhamos, devido à insuportável agonia e inúmeros pecados produzidos por todo sistema de escravidão que já existiu. Contudo, se temos de entender como as Escrituras retratam o que significa ser um verdadeiro seguidor de Cristo, precisamos entender algo a respeito do que significava ser um escravo nos tempos romanos. Paulo deixou isso claro em 2 Coríntios 4.5, onde ele descreveu seu próprio ministério: "Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus". A palavra grega traduzida por *servos* se referia ao mais baixo nível de escravos na cadeia de escravos: por exemplo, os escravos que moviam os remos das galés. Embora seja verdade que Jesus é amigo de pecadores, ele é também Senhor e Mestre de todos, e diz aos seus discípulos:

> Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não

lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lc 17.7-10).

A Bíblia não apóia a escravidão, mas também não a condena expressamente. O Novo Testamento emprega a figura de um escravo como uma metáfora apropriada do relacionamento do cristão para com o Senhor. Dependemos do Senhor para suprir todas as nossas necessidades, tanto físicas como espirituais. Até nossa capacidade de trabalhar vem do Senhor Jesus, pois a Palavra nos instrui: "Antes, te lembrarás do SENHOR, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas" (Dt 8.18). A disposição final de sua vida no que diz respeito a julgamento e recompensa está igualmente nas mãos do Senhor.

Se você ainda luta com a noção bíblica de escravidão, especialmente porque isso fazia parte do passado de seus progenitores, entenda que para você e para mim a escravidão é apenas uma memória;

todavia, para as gerações anteriores e para as pessoas dos tempos bíblicos, era uma realidade. Veja com novos olhos estas palavras de Filipenses 2: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz" (vv. 5-8). Se você é tentado a pensar que lhe é indigno ser um servo, lembre-se de que seu Senhor não o considerou assim. O que aconteceu como resultado? Deus, o Pai, "o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.9-11, citando Is 45.23).

Eis outra conclusão triunfante de Paulo: "Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na

face de Cristo" (2 Co 4.6). É claro que Paulo pensava em Gênesis 1.3: "Disse Deus: Haja luz; e houve luz". Aquele que acendeu as luzes do universo pode fazer o mesmo em um coração entenebrecido, convertendo-o a Cristo, em quem "habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 2.9).

Não precisamos nos preocupar com questões de estilo. Isso é muito enfatizado no cristianismo hoje, e os líderes das igrejas desperdiçam energias se inquietando a respeito de que estilo adotar em sua adoração: contemporâneo, pós-moderno, tradicional, formal, informal, emergente ou country. Tenho viajado pelo mundo todo e visto quase todas as maneiras possíveis de como você pode conduzir um culto na igreja, mas somente o estilo não significa muita coisa. De fato, com muita freqüência a ênfase excessiva sobre o estilo obscurece o significado da própria mensagem. A única maneira pela qual a luz penetra a vida de uma pessoa é pregarmos o evangelho para ela. Tentar descobrir que estilo de culto é adequado à maioria das pessoas é tolice, se, de fato, é verdade que "não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como

Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus" (2 Co 4.5).

Paulo abraçou a realidade de sua própria insignificância

Já escrevi sobre os versículos 5 e 6, eis agora o versículo 7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós". Você não pode explicar o impacto da mensagem do evangelho, ao olhar para aqueles que Deus chamou como pregadores. Que contraste: um tesouro (o poderoso, resplendente, sublime e glorioso evangelho) em vasos terrenos ou de barro (coisas que são baratas, comuns, frágeis e substituíveis)! O poder do glorioso evangelho não é produto de gênio ou técnica humana. Somos fracos e comuns, lânguidos e tenros, quebradiços e substituíveis, mas isso não é fatal para a obra de Deus. Pelo contrário, demonstramos que Deus *está* em atividade, pois essa é a única explicação lógica! A humildade de Paulo o sustentava, como o fará com todos os verdadeiros servos de Cristo. Em contraste com nossa mensagem, somos nada. Se nos

humilharmos na presença do Senhor, ele nos exaltará (Tg 4.10).

Paulo abraçou os benefícios do sofrimento

O sucesso me causa medo porque favorece a minha carne. Quando Paulo considerava sua própria vida, pensava em si mesmo não somente como um vaso de barro, mas também como um vaso batido: "Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos" (2 Co 4.8-9). Esses quatro contrastes dizem, todos, a mesma coisa: Paulo experimentou provações severas em seu ministério, mas nenhuma delas prevaleceu.

Uma das provações mais intensas que Paulo experimentou foi o espinho na carne. Você lembra o que Paulo ouviu de Deus mesmo a respeito dessa aflição? O Senhor disse: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Co 12.9). Paulo entendeu a mensagem, visto que respondeu: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder

de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.9-10). A vida consiste daquilo em que você resolve focalizar-se, e Paulo aprendeu a focalizar-se no bem que Deus poderia realizar até nas circunstâncias mais aflitivas. Ele podia dizer um sincero amém às palavras de Tiago 1.2-4: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes" (Tg 1.2-4). Começamos considerando o fim da vida de Paulo, agora sabemos que ele foi um exemplo perfeito desse princípio.

O evangelho da prosperidade é absolutamente antibíblico. É uma afronta a Deus. O caminho do poder passa por sofrimento e fraqueza. Como Paulo disse: "Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo". Todos os verdadeiros servos de Cristo aprendem através dos anos a aceitar os

ataques que ferem o coração, as rebeliões, as traições, as desafeições, os grandes desapontamentos, as mágoas, as dores físicas e o sofrimento, porque sabem que todas essas coisas cooperam para a destruição da autoconfiança. Paulo disse: "[Levamos] sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo" (2 Co 4.10). Em outras palavras, Cristo é revelado mais poderosamente em seus servos, quando eles suportam aflição severa. Jesus morreu, ressuscitou e subiu ao céu. As pessoas não podem mais alcançar a Jesus fisicamente. Contudo, elas podem nos alcançar. Às vezes, as pessoas nos odiarão por causa de Jesus e de seu evangelho. Paulo sabia muito bem disso. Ele afirmou: "Eu trago no corpo as marcas de Jesus"; "agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja" (Gl 6.17, Cl 1.24). Você e eu podemos dizer juntamente com Paulo: "Jesus tomou sobre o si os golpes destinados a mim; por isso, tomarei sobre mim os golpes destinados a ele — que venham esses golpes!"?

Paulo falou sobre a morte diversas vezes, usando

a palavra grega comum *thanatos*. Todavia, em 2 Coríntios 4.10, ele falou sobre morrer (*nekrosin*), e não sobre morte, porque se referia ao processo, e não ao acontecimento em si mesmo. Estava dizendo: "Toda a minha vida está no processo de morrer, por causa de Cristo; mas isso é necessário, para que a vida de Cristo também se manifeste em minha vida". O poder de Deus será revelado em nosso sofrer. Todos nós aprendemos muito mais por meio do sofrimento. Lembro-me do tempo em que meu filho teve um tumor no cérebro e, depois, minha esposa se envolveu em um acidente de carro. Os médicos disseram que, se ela não morresse, ficaria tetraplégica. Oh! Que agonia naqueles dias e horas! Em oração, eu a entregava ao Senhor muitas vezes por dia, assim como Lhe entregava meu filho, antes de serem aquelas provações solucionadas maravilhosamente mediante a completa restauração de ambos. Você experimenta esse tipo de coisa, elas o abalam, mas também o tornam mais forte do que antes e ajudam-no a ter uma afinidade mais íntima com Cristo.

Paulo abraçou a necessidade de uma convicção firme

Ministérios duradouros não são peculiares a homens que seguem facilmente as últimas tendências. Estou pensando na ocasião em que fui a Tulsa e vi a Universidade Oral Roberts. A aparência radicalmente modernista dos edifícios segue o estilo dos anos 1960, e algo no campus me recorda um estacionamento de espaçonaves antigas! O estilo da arquitetura que eles escolheram era futurística em 1965, mas agora ela está ultrapassada. Quando você vai a uma universidade, o que você vê normalmente é tijolo clássico, colunas e outros tipos de características duráveis. Isso ilustra por que modas passageiras são melhor evitadas. Isso também é verdade em relação ao ministério. Paulo escreveu: "Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco" (2 Co 4.13-14, citando Sl 116.10). Seu ministério não era norteado por modas passageiras, e sim por

convicção.

A mensagem, em si mesma, nunca muda. Você precisa conhecer a diferença entre o que pode mudar e o que não pode. Há integridade em permanecer na verdade que você crê, de modo que ela seja o que você prega e aquilo do que não se envergonha. O silêncio pode significar tranqüilidade, aceitação, popularidade e vida. Mas, como no caso de Martinho Lutero, sua consciência é tornada cativa da Palavra de Deus. Nela você permanece e não pode fazer menos.

Um homem que possui convicção profunda não está procurando algo para dizer. Pelo contrário, está procurando alguém para ouvi-lo! Sinto dizer-lhe, porém, que homens de convicção não são bem-vindos às igrejas hoje. Sou grato a Deus pelos homens que treinamos no Master Seminary, e formamos quase cem graduandos por ano. Algumas das histórias que ouvimos sobre eles são comoventes. Muitas igrejas não querem pastores que dizem: "Eu cri, por isso falei". Não querem que a vida e o ministério sejam tratados de maneira bíblica — mas, louvado seja Deus pelas igrejas que almejam isso! No final, Deus, em sua graça, acha

um lugar para os nossos graduados, um lugar que valoriza a integridade espiritual e a fidelidade bíblica. Podemos apenas orar para que isso seja valorizado cada vez mais.

Paulo abraçou a eternidade como prioridade

Paulo era tão comprometido com a causa de Cristo, que sua igreja provavelmente o advertiu a atentar ao fato de que acabaria morto. Paulo viveu pelas palavras de Jesus: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28). Ele disse à igreja de Corinto: "Sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco. Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus" (2 Co 4.14-15). Isso significa: "Não mudarei a mensagem porque creio que ela é verdadeira. Portanto, continuarei a proclamá-la, sabendo que o pior que talvez me aconteça é que eu seja morto, mas, de qualquer modo, eu os verei na presença do

Senhor. Enquanto isso, farei tudo que puder para acrescentar mais uma voz ao *Coro de Aleluias*".

Aqui, temos a eternidade em vista, e não a tranqüilidade, a popularidade ou o sucesso nesta vida. Paulo concluiu:

> Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas (2 Co 4.16-18).

Esses são pensamentos admiráveis que descortinam os céus e colocam em perspectiva todas as nossas lutas. Não desanimamos no final porque temos uma perspectiva eterna.

Em face da realidade maravilhosa e gloriosa da nova aliança, em face da realidade de que o ministério é uma misericórdia que floresce em pureza e é eficaz somente pelo soberano poder de Deus, em resposta à pregação da Palavra, manifestada por meio do mais insignificante vaso de barro, fustigado na batalha, Paulo abraçava o poder aperfeiçoador do sofrimento. Ele permaneceu fiel às suas convicções, não se importando com o preço a pagar. O seu lema era: "Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1.21), pois estava confiante quanto à sua própria ressurreição e à recompensa eterna. Seu foco era sempre o céu, preferindo as coisas espirituais às físicas (2 Co 4.16), o futuro ao presente (v. 17), o invisível ao visível (v. 18). Ele fixava seus olhos no prêmio, que é um eterno peso de glória, acima de toda comparação (v. 17). Nada que se interponha em nossa jornada neste mundo pode ser comparado à magnificência da glória que nos será outorgada na presença de nosso Senhor.

Capítulo 4

Decisões diárias cumulativas, coragem em uma causa e uma vida de perseverança

Randy Alcorn

Paulo orou para que os cristãos fossem "fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua [de Deus] glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai" (Cl 1.11-12).

Somos chamados a uma vida de perseverança capacitada por Cristo e acompanhada pelo dar graças com alegria. A perseverança exige paciência, porque a recompensa das escolhas certas de hoje virá, mas talvez seja daqui a meses ou anos, ou somente depois que deixarmos este mundo. Aqueles que tamborilam enquanto esperam o microondas terminar seu trabalho demonstram que a perseverança duradoura não surge naturalmente.

Paulo desafiou seu discípulo, dizendo: "Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus" (2 Tm 2.3). Os soldados esperam dificuldades e são treinados para enfrentá-las. Os humildes guerreiros de Cristo devem viver como companheiros de braços dados a serviço de seu Comandante, no território ocupado do inimigo.

Eugene Peterson chamou isso de "uma longa obediência perseverante.[10]

Hoje, obstáculos e distrações fazem a perseverança na vida cristã parecer inatingível. Nossas tentações não são piores do que as que haviam em Corinto, no século I. Mas a televisão, os computadores e telefones celulares trazem aos nossos lares aquilo que costumava ser achado tão-somente em becos escuros. Em nossa Corinto tecnológica, as tentações são apenas um teclado ou um clique de mouse para irmos adiante.

O fracasso em perseverar — no casamento, no trabalho, na igreja ou em qualquer área da vida — tornou-se normal. Uma obediência permanente e consistente, sem desvios periódicos ao pecado e à falta de frutos, parece um sonho impossível. O pecado se tornou tão comum, tão esperado, que os crentes santos ou são elevados à categoria de heróis, ou são rejeitados como legalistas.

Em nossa sociedade descartável, usamos algo e, em seguida, jogamos fora (quer seja um prato de papel, uma esposa, uma igreja ou uma carreira). A filosofia do prenda-se-a-isso é uma relíquia de outra época — algo que os monges faziam e nós não

podemos fazer. E por que deveríamos fazê-lo? Quem deseja trabalhar com afinco ou se tornar entediado por permanecer no mesmo curso, quando infinitas alternativas nos chamam?

No entanto, a essência da vida cristã não pode mudar com a cultura. As palavras de Paulo aos crentes de Colossos e a Timóteo são palavras que se aplicam a nós. Não devemos nos esquivar do sofrimento. Devemos suportá-lo com paciência e ações de graça. Temos de seguir a Cristo desde o começo até ao fim, arrependendo-nos imediatamente de nossos pecados e movendo-nos à profunda devoção. Sim, haverá tempos áridos, mas, no aspecto geral, o gráfico de nosso crescimento espiritual se elevará de modo uniforme, e não haverá desvios que façam nossa vida terminar em uma choradeira inútil.

A perseverança é a chamada de Cristo para que o sigamos e terminemos com firmeza, para a glória de Deus. Não há chamada mais sublime, nenhum privilégio mais elevado, nenhuma alegria maior.

Reunião com aqueles que perseveram

Nanci e eu participamos de uma reunião do grupo de colegas da faculdade de nossa igreja em comemoração aos trinta anos de nossa formatura. Quarenta pessoas vieram àquela reunião. Cinco dos membros originais do grupo já tinham morrido. A maioria dos que estavam presentes à reunião havia perdido um dos pais ou ambos; alguns haviam perdido a esposa, irmãos, irmãs ou filhos. Alguns casamentos se acabaram; duas pessoas sofreram problemas cerebrais, e outros, colapso financeiro. Alguns tinham filhos viciados em drogas ou presos; e alguns outros tinham câncer e outras enfermidades.

Apesar disso, foi uma noite linda. Um após o outro dizia: "Deus tem sido fiel". Ficamos até tarde, e lágrimas se misturavam admiravelmente com sorrisos.

Cantamos nossas velhas canções do início dos anos 1970. Em vez de ficarmos desiludidos, porque eles não tiveram bom desempenho, sentimo-nos encorajados porque se mostraram mais fiéis do que pensávamos antes. Deus havia sido, de fato, "o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Aprendemos — alguns por

meio de intensa dificuldade — que somente Deus pode suportar todo o peso de nossa aflição. Admitindo nossas imperfeições, experimentamos juntos a doce fragrância da perseverança e conversamos sobre a antecipação de um mundo melhor.

Compreensivelmente, alguns de nossos amigos não puderam vir, devido à distância, saúde e conflitos de agenda. Mas alguns não vieram porque seu amor por Cristo se tornara frio. Não tinham perseverado. Por quê? Poderíamos responder de várias maneiras. Minha resposta, visando ao nosso propósito, é esta: *as escolhas diárias deles os dispôs à distração e ao fracasso espiritual*.

Nanci e eu saímos daquela reunião com um compromisso renovado de que terminaríamos bem a nossa vida. Desejo que você viva os anos futuros de um modo que, ao ser convidado para uma reunião como essa, desejará ir e ouvir — e compartilhar — o que Deus fez. Não faça uma série de escolhas que o tornarão uma pessoa que não desejará tomar parte nesse tipo de reunião.

Perseverança em uma causa

A pedido do editor, compartilharei minha história pessoal de perseverança em uma causa. Por favor, entenda que não me considero um herói. Pelo contrário, sou humilhado e profundamente grato pela graça sustentadora de Deus.

Cresci em um lar não cristão. Quando vim a Cristo, ainda adolescente, Tozer, Schaeffer, Lewis e Bonhoeffer foram meus mentores, por meio de seus livros. Em 1977, tornei-me pastor de uma nova igreja. No início dos anos 1980, juntei-me à diretoria do primeiro Centro de Gravidez não Desejada, em Portland (Estado de Oregon). Nanci e eu abrimos nosso lar a uma adolescente grávida e a ajudamos a dar a sua criança à adoção. Tivemos a alegria de ver aquela jovem chegar à fé em Cristo. Até hoje ela é uma amiga querida e uma porta-voz corajosa em favor das crianças não nascidas.

À medida que os anos se passavam, Deus gravava em nosso coração o apelo das crianças não nascidas. Li as Escrituras que diziam: "Livra os que estão sendo levados para a morte" (Pv 24.11). E: "Abre a boca a favor do mudo, pelo direito de todos

os que se acham desamparados" (Pv 31.8). Não pude esquecer a coragem do pastor Dietrich Bonhoeffer, que criticava publicamente a Hitler e exortava a igreja alemã a se levantar em favor dos judeus. A chamada de Francis Schaeffer para defendermos os bebês não nascidos me afetou profundamente.

Em janeiro de 1989, sabendo que isso afetaria bastante minha vida e meu ministério pastoral, comecei a participar de desobediência civil, pacífica e não violenta em clínicas de aborto. Centenas de pastores em todo o país fizeram o mesmo.

Fui preso por alguns dias, suficientes para que eu tivesse minha primeira experiência de desumanização. Por exemplo, uma enfermeira da prisão achou que eu estava mentindo, quando lhe disse que sofria de diabetes e dependia de insulina. Ela se recusou a pegar meus recursos médicos, que me foram confiscados na detenção. Quando ouviu por que eu fora preso, ela disse: "Diga-me que você é um estuprador ou assassino, mas não me diga que é um daqueles antiabortistas, porque isso me deixa *louca*". Desapontada com minha insistência de que eu tinha um problema de saúde, ela jogou alguns

remédios sobre mim.

Durante toda a minha vida no lar, na escola e nos esportes, estava acostumado a ser acreditado por aqueles que estavam em autoridade. Minha esposa, filhos e igreja confiavam em mim. De repente, trancado com criminosos, tornei-me objeto de desconfiança e ridicularização.

Noutra ocasião, um juiz me condenou a dois dias de prisão. Fui posto em algemas, nos pulsos e nos tornozelos; e câmeras disparavam seus flashes ao redor de mim. Fui empurrado, apertado e jogado na cela. Depois, fui examinado sem roupas, juntamente com doze homens despidos. Um guarda malicioso zombou e dirigiu comentários sádicos a alguns dos homens.

Tive apenas uma demonstração do que algumas pessoas, inocentes ou culpadas, experimentam. Mas nunca a esqueci. Embora aqueles tenham sido os dias mais desumanizadores de minha vida, não os trocaria por coisa alguma. Não significaram nada em comparação com o sofrimento de Jesus e dos bebês não nascidos. Mas foi suficiente para causar uma impressão permanente, dando-me um ponto de referência quanto aos sofrimentos de outras pessoas

(e ajudando-me a escrever sobre a igreja perseguida em meu romance *Safely Home*).

Uma clínica de aborto venceu um julgamento contra mim e algumas outras pessoas. Fomos processados pelo valor de 2.800 dólares, o preço da clínica para dez abortos que impedimos em um dia. Fomos também declarados responsáveis pelas despesas do advogado da clínica — outros 19.000 dólares. Disse ao juiz que pagaria a qualquer pessoa tudo que lhe devesse, mas não daria dinheiro a pessoas que o usavam para matar bebês.

Em abril de 1990, minha igreja recebeu uma ordem do tribunal exigindo que enviasse, todo mês, à clinica de aborto ¼ do meu salário. Para impedir que a igreja tivesse de resolver entre pagar a uma clínica de aborto e desobedecer ao tribunal, eu renunciei.

A única maneira como eu poderia evitar o arresto era não ganhar mais do que o salário mínimo. Felizmente, nossa família estava vivendo com somente uma porção do salário pastoral, e tínhamos quitado nossa casa havia pouco tempo; por isso, não tínhamos dívidas. Deus nos guiou a começar a organização *Eternal Perspective*

Ministries. Até hoje continuamos a fazer parte de nossa igreja, embora eu não possa mais servir como pastor.

Perseverança na decisão familiar

Em 1991, quase dois anos depois de renunciar o pastorado da igreja, fomos designados a um julgamento em um tribunal superior. Devido à atmosfera política, parecia quase certo que perderíamos o caso, a nossa casa e, por causa de nossa limitação financeira, precisaríamos tirar nossas filhas da escola evangélica que elas tanto amavam.

Na noite anterior ao julgamento, meu advogado telefonou-me com notícias admiráveis: "Randy, acabei de receber um fax da clínica de aborto. Eles querem excluí-lo da ação judicial".

Incrível. De repente, a casa não estava mais em perigo. As meninas continuariam em sua escola. Ficaríamos livres de um grande fardo, de tensão e publicidade. "Mas, por que eles querem excluir-me?", perguntei ao advogado.

"Acho que é pelo fato de que você é um pastor e escritor, por isso atrai muita imprensa. Você tem

explicado por que se sente constrangido a manter uma posição a favor de crianças não nascidas. Talvez eles achem que estarão em melhores condições sem você. Mas, visto que resolveram excluí-lo no último momento, você tem de concordar. É claro que você deve concordar, levando em conta o que está em jogo".

Assentei-me com a esposa e as duas filhas, que na época tinham nove e onze anos de idade. Elas estiveram orando conosco e, em certa ocasião, viram como fui preso.

(Nanci e eu acreditávamos que, se protegêssemos nossas filhas das dificuldades da vida, nós as privaríamos da oportunidade de ver Deus agindo e do privilégio de orarem; e privaríamos a nós mesmos de experimentar os benefícios das orações delas).

Expliquei a Nanci e às meninas o que o advogado dissera e perguntei: "O que vocês acham?" Karina, nossa filha de onze anos, respondeu: "Papai, se a clínica de aborto pensa que estará em melhores condições sem você no caso, acho que Deus quer você lá". Ângela, nossa filha de nove anos, concordou imediatamente.

“Lembrem: se perdermos o caso — e isso provavelmente acontecerá — talvez percamos a casa, e não poderemos pagar a escola para vocês.” Elas entenderam perfeitamente. Embora Nanci e eu quiséssemos sair daquela situação difícil, concordamos com nossas filhas. Oramos sobre o assunto durante a hora seguinte. Em seguida, chamei o advogado e o desconcertamos, dizendo: “Resolvemos permanecer na ação judicial”.

Quatro semanas depois, ocorreu o julgamento. Ali testemunhamos uma admirável seqüência de falsas acusações. Vimos os empregados da clínica testemunharem que gritei para as mulheres, agarrei-as, cuspi nelas e as chamei de dissolutas e meretrizes. Vimos o juiz — que deixou bem claro perante o júri o quanto ele era contrário à nossa posição — ler o jornal enquanto prestávamos nosso testemunho. Ele gritou, literalmente, para um pastor que tinha observado um dos acontecimentos e testificava calmamente a verdade a nosso favor. (Se alguém me contasse isso, não acreditaria, mas eu estava lá.)

O juiz ordenou um veredito imediato, dizendo ao júri que tinha de achar-nos culpados e impor-nos

um julgamento tão severo, que não faríamos aquilo novamente. Embora não tenha havido violência ou destruição de patrimônio, a sentença foi a maior já registrada contra um grupo de protesto pacífico: 8,2 milhões de dólares. Eu costumava brincar dizendo que 8,2 milhões de dólares era mais do que eu ganhava como pastor durante um ano inteiro!

Antes de sermos processados, eu me despojei do direito de propriedade de todas as coisas, desde casa e carros até contas bancárias e royalties de livros. Ainda que nunca deixamos de pagar a ninguém o que devíamos, pela graça de Deus, nunca demos dinheiro a uma clínica de aborto. Eu continuei a não possuir qualquer ativo, e meu salário mínimo impediu que os abortistas ganhassem qualquer coisa.

Não preciso dizer que muitos não concordaram com nossa estratégia, mas críamos que, à luz das alternativas, aquele era o curso de ação que honrava a Deus. A situação trouxe controvérsia e complicações à nossa vida, mas Deus nos ensinou a confiar nele e ser pacientes, pelo que lhe somos profundamente gratos.

A fim de perseverar, ame mais a Jesus do que a causa

Uma coisa aprendi a respeito da perseverança em uma causa: *não seja motivado, primariamente, pela ira*. Sim, existe uma coisa chamada ira justa. Deus é furioso contra os maus tratos dirigidos contra os pobres, os necessitados e os desamparados. Mas nossa "ira justa" é freqüentemente ira proveniente de justiça própria. Se você está lutando contra a violação dos direitos humanos, a escravidão, a prostituição, a pornografia, drogas, crimes, dirigir bêbado ou aborto, mantenha seus olhos em Jesus, pois, do contrário, você se desgastará ou confiará em sua própria força, e não no poder do Senhor. Pela graça de Deus, nunca atacamos com palavras os funcionários de uma clínica de aborto. Minha esposa ficava semanalmente à porta de uma clínica e conversava com vários dos empregados, incluindo o gerente, compartilhando o amor de Cristo.

Há muito desgaste e lágrimas naqueles que são chamados para um ministério em defesa da vida ou para pregar em cadeias, ou para evangelizar nas ruas, ajudar os pobres e os dependentes químicos e

lutar contra a pornografia.

Se você há de perseverar, precisará ter um amor por Jesus maior do que o amor pela causa. De outro modo, se você não tiver um esgotamento, a sua causa tomará o lugar de seu Senhor e se tornará um ídolo.

Perca-se a si mesmo. Não em uma causa justa, e sim em um Deus justo, que nos chama a uma variedade de causas e nos sustenta na causa para a qual nos chama. Não seja um cristão de um único interesse. O coração de Chuck Colson pulsa em favor dos encarcerados, mas também em favor de muitas outras coisas. Joni Eareckson Tada se interessa profundamente pelos deficientes, mas ela se interessa também por muitas outras coisas. Chuck e Joni amam a Jesus, e esse amor jorra em direção aos encarcerados e aos deficientes. Essa é a maneira como você acha o poder para perseverar em uma causa — vendo-a não como uma questão isolada. Ela faz parte do esquema maior da obra do reino de Deus.

Se a sua vida se centraliza em ser contrário ao aborto, pornografia ou casamento homossexual, isso não é suficiente. William Wilberforce não apenas se

opunha à escravidão. Ele amava a Jesus, e foi Jesus quem o sustentou na luta pela abolição do comércio de escravos. Foi a Jesus que ele agradeceu três dias antes de sua morte, quando ouviu da Casa dos Comuns a notícia de que todos os escravos remanescentes na Inglaterra e em suas colônias foram declarados livres.

A fim de perseverar numa causa, lembre-se constantemente de que a causa interessa a Jesus. "E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim [o] fizestes" (Mt 25.40).

E, se a causa não interessa a Jesus, por que ela é sua causa?

Famílias crescem por meio de suportarem as dificuldades

Também aprendi que *a perseverança em uma causa contribui para o desenvolvimento do caráter, da fé e da percepção dos filhos*. Cedo determinamos que não sacrificaríamos nossas filhas, e sim que nos sacrificaríamos com elas. Como já disse, nossas filhas estavam dispostas a perder a casa

na qual sempre viveram e a escola que amavam. Devido ao resultado do julgamento, pareceria que elas as perderiam.

Aconteceu, porém, que Deus interveio, e não perdemos nem a casa, nem a escola. Sei que Deus recompensou minhas filhas por sua disposição de sacrificarem-se pela causa de Cristo e das crianças não nascidas. Em vez de despedaçar nossa família, a causa nos uniu. Pessoas bem-intencionadas nos advertiram que nossas filhas sofreriam devido às minhas escolhas. No entanto, cremos que os filhos não sofrem quando os pais fazem a vontade de Deus, e sim quando os pais não a fazem.

Nossas filhas se beneficiaram de outras maneiras, algumas delas difíceis. Quando eram pré-adolescentes, um dia elas ficaram conosco em frente a uma clínica de aborto, segurando grandes fotos de bebês vivos no útero. A pouco mais de um metro de nós, uma limusine parou devagar, e a janela de trás abaixou-se. Surgiu o braço de um homem fazendo um gesto obsceno. A surpresa veio quando vi o rosto do homem. Era o prefeito de Portland. Não estou brincando. Tivemos uma conversa familiar sobre as trevas do coração humano, incluindo o

coração de alguns líderes.

Outro dia, nossas filhas assistiram, com sua mãe, a uma operação de captura e viram tudo o que aconteceu, incluindo minha detenção. Na manhã seguinte, li o relato do jornal sobre aquele fato. Passei o jornal à minha filha Karina, que leu cada palavra. Admirada, ela exclamou: "Papai, isso não é verdade. Eu estava lá em todo o tempo. Não foi isso o que aconteceu!"

No que diz respeito às mentiras do mundo e as distorções dos meios de comunicação, nunca disse nada comparável à lição que, naquele dia, elas aprenderam de primeira mão por meio do jornal. Hoje, aquelas meninas são mães piedosas de nossos netos. Se elas não tivessem feito parte daquela causa, jamais teriam aprendido várias lições que lhes foram bastante proveitosas e as ajudaram a começar uma longa obediência perseverante.

A FIM DE PERSEVERAR, CONSINTA EM SER IMPOPULAR

Se você não está disposto a ser mal compreendido e vilipendiado, não perseverará em

qualquer causa digna. Em 1990, estava falando a um grupo de pastores, quando um deles levantou a mão e perguntou: "Por que você vai às clínicas de aborto, grita às mulheres, cospe nelas e lhes puxa os cabelos?" Quando lhe disse que nunca fizera isso e nunca o faria, perguntei-lhe: "Por que você acredita nos jornais, em vez de procurar-me como seu irmão em Cristo e perguntar-me se isso é verdade?"

Se você insiste em ser respeitado e elogiado, na sociedade e na igreja, você se afastará não somente da causa, mas também de seu Senhor. Jesus disse: "Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós" (Jo 15.20). Quem somos nós para esperarmos que o mundo nos trate melhor do que tratou a Jesus? *Os seguidores de Jesus devem esperar injustiça e distorções da verdade*, e ousamos não nos preocupar com nossos direitos e reputação.

Quando os falsos testemunhos foram apresentados no tribunal contra nós, um versículo-chave para mim foi 1 Pedro 2.23, que diz sobre Jesus: "O qual, quando o injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente". Quando percebi que

era julgado erroneamente tanto pelos incrédulos como pelos crentes, obtive paz em saber que Deus é meu juiz. Devido às minhas falhas, essa verdade não me encorajou antes, mas repentinamente o fez!

Nanci e eu aprendemos a ter paciência quanto à desaprovação das pessoas. Um dos grandes inimigos de uma longa obediência perseverante é o desejo de ser popular ou em relação ao mundo, ou em relação à igreja. Se os seus olhos estão fixos em qualquer outra pessoa, exceto Jesus, você não terá capacidade de suportar o criticismo. Jesus disse: "Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim" (Jo 15.18). Há grande liberdade em ser capaz de aceitar o fato de que algumas pessoas nunca gostarão de você, porque as suas crenças ofendem-nas. Você pode conversar com elas e orar por elas, sem anelar sua aprovação ou necessitar dela .

Paulo disse: "Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1.10). Jesus é a nossa única audiência. O seu tribunal de juízo é o único perante o qual nos importa comparecer. Devemos anelar ouvi-lo dizer: "Muito bem, servo bom e fiel". Viva para aprovação dos outros e não

viverá para a aprovação de Jesus. Portanto, você não perseverará.

A fim de perseverar, confie em Deus para tornar o mal em bem

Em nossas ações judiciais e na renúncia do pastorado, o que as clínicas de aborto intentaram para o mal, Deus o tornou em bem (Gn 50.20). Parte disso ficou evidente na época; no entanto, muito mais se evidenciou com o passar dos anos. (Quantos anos se passaram antes de José perceber com clareza os propósitos de Deus em sua adversidade)?

Ouvimos várias histórias admiráveis que resultaram das ações judiciais. Por exemplo, Deus abriu-me a porta para que compartilhasse o evangelho com uma lésbica proeminente e ativista do aborto. Posteriormente, ela veio à fé em Cristo. Lembro-me de um homem que se entregou a Cristo no lado de fora da clínica e de dois empregados da clínica de aborto que se demitiram, quando lhes ficou bastante claro o que estavam fazendo.

Por diversas razões, já se passaram dezessete

anos desde que estive envolvido na última desobediência civil. Perseverança em uma causa não significa que você deva sempre fazer a mesma coisa. A causa era e continua sendo bebês não nascidos, e não uma estratégia específica. Creio que Deus me chamou a exercer um método em determinado período de tempo, assim como me chamou a trabalhar com centros de gravidez alguns anos depois. Agora, ofertamos recursos razoáveis para sustentar a causa em favor da vida dos bebês. Ainda falo em favor das crianças não nascidas, em mensagens, escritos e conversas pessoais. Elogio aqueles que têm gastado a maior parte de sua vida nisso e em outras causas justas e impopulares, fazendo mais do que tenho feito. Que eles perseverem com alegria, para a glória de Deus.

Outro dos frutos das ações judiciais ao qual Deus nos conduziu foi a entrega do direito de propriedade dos direitos autorais de meus livros. Por meio de nosso ministério, 100% dos royalties são destinados ao reino de Deus: missões, alívio da fome, obras em favor da vida, ajuda aos deficientes, prisioneiros e cristãos perseguidos. Logo depois de entregar ao Senhor todos os royalties, meus livros

entraram repentinamente na lista dos best-sellers. Os royalties cresceram dramaticamente, como se Deus estivesse dizendo: “Agora que esses livros me pertencem, eu os usarei realmente”. Nosso ministério tem sido capaz de doar vários milhões de dólares como resultado direto daqueles eventos que alguns consideraram trágicos e terríveis. Olhando ao passado, somos profundamente gratos por tudo que aconteceu.

Algum tempo atrás, a sentença de dez anos da clínica de aborto expirou. A diretoria de nosso ministério nos disse que desejava nos dar os royalties futuros, pois achavam que merecíamos. Nanci e eu conversamos e oramos sobre o assunto. Deus nos provera fielmente durante os dez anos anteriores e, por graça, nos permitiu apoiar grandes causas por meio dos royalties. Então, por que desejaríamos mudar essa disposição? Não precisávamos de um padrão de vida mais elevado. Com alegria no coração, dissemos: “Não, obrigado”.

Meses depois, a clínica de aborto conseguiu que a sentença se estendesse por mais dez anos. Sempre seremos gratos por não sabermos o que poderia acontecer quando tomamos aquela decisão. O que

aprendemos do julgamento inicial ainda nos serve hoje. Deus nos tem dado alegria indescritível em saber que cada dólar dos royalties de meus livros está sendo investido na eternidade.

A PERSEVERANÇA ENVOLVE MAIS DO QUE DESEJO SINCERO

Em última análise, a perseverança será a medida do tipo de caráter e integridade que desenvolvemos. O restante deste capítulo se aplica a todos os crentes e não somente àqueles que laboram em causas específicas.

Perguntei a uma congregação de milhares de pessoas: "Quantos de vocês, desejam ser, daqui a cinco, dez ou trinta anos, uma pessoa que dedicará todos os bens a Jesus Cristo, um discípulo do Rei, capacitado pelo Espírito Santo, saturado com sua Palavra e rendido à sua vontade?"

Noventa por cento das mãos se ergueram. E realmente o queriam. Em seguida, eu lhes contei as más notícias: muitos dos que levantaram as mãos nunca se tornariam esse tipo de pessoa. Não terminariam bem. É mais fácil levantar a mão hoje

do que fazer o tipo de escolhas diárias que resultarão em uma longa obediência perseverante.

Cada dia, nos tornamos alguém; a pergunta é: quem? O autor Jerry Bridges, ouvindo-me dizer isso, contou-me que Dawson Trotman, fundador de *The Navigators*, costumava dizer: "Você será aquilo que está se tornando agora".

As Escrituras falam sobre esse processo de desenvolvimento do caráter: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18).

Você se torna aquilo que resolve contemplar. Contemple a Cristo, você se tornará semelhante a ele. Contemple a superficialidade e a imoralidade, e será previsível o que você se tornará.

Aquilo que você se tornará será o resultado cumulativo de suas escolhas diárias. "A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4.18). Essa é a razão por que as Escrituras nos advertem contra as escolhas erradas: "Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos maus. Evita-

o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo" (Pv 4.14-15).

Nossas escolhas fluem de nosso coração. Por isso, temos de guardá-lo da contaminação: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23). Qual é a maneira mais eficaz de contaminar uma fonte de água? Envenená-la em sua origem. Se você não guardar seu coração dos valores do mundo, se conformará ao mundo (Rm 12.1-2). Conformar-se ao mundo exige tanto esforço como o descer uma correnteza. Ser transformado pela renovação da mente é nadar para cima, contra a correnteza. Renovar a mente exige esforço deliberado e consciente.

Você se tornará o produto daquilo em que resolve se deleitar e meditar. O Salmo 1 contém uma fórmula poderosa para a perseverança: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite".

Todos nós meditamos e somos moldados pelo

objeto de nossa meditação. Tiramos de nossa meditação as nossas sugestões de comportamento e de atitudes. Nesta semana, serei moldado pelas comédias situacionais, óperas, jornais ou serei moldado por Isaías, Lucas, A. W. Tozer, Charles Haddon Spurgeon? Depende de como resolvo gastar meu tempo.

Salmos 1 afirma sobre aquele que medita continuamente na Palavra de Deus: "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha". As árvores não escolhem onde serão plantadas, mas nós escolhemos. Determinamos quais serão nossas fontes de alimento, que, por sua vez, determinarão se produziremos frutos ou murcharemos.

A PERSEVERANÇA NUNCA É AUTOMÁTICA

Seguir a Cristo não é algo mágico. Exige ações repetidas de nossa parte, que se desenvolverão em hábitos e disciplinas de vida.

A perseverança centralizada em Cristo não acontece por si mesma, assim como não acontecem

uma maratona, uma escalada de montanha e um bom casamento.

A perseverança exige um bom plano, com passos claros e tangíveis que são dados um após o outro. O agricultor ara o solo. As ervas têm de ser removidas. O agricultor não diz: "Senhor, remova as ervas". Ele ora: "Senhor, dá-me forças, à medida que removo estas ervas hoje".

O atleta não diz: "Senhor, vá lá e ganhe a corrida". Ele diz: "Ó Deus, dá-me poder para correr com afinco, fazer o melhor e, se Tu quiseres, vencer a corrida".

O segredo da espiritualidade é o desenvolvimento de pequenos hábitos, tais como ler a Bíblia, memorizar as Escrituras e orar. Colocando um pé à frente do outro cada dia, nos tornamos o tipo de pessoa que cresce e persevera, em vez de murchar e desfalecer.

Daqui a dez anos, você desejará avaliar a sua vida, depois de haver feito consistentemente boas decisões a respeito de comer bem e fazer exercícios regulares? Com certeza. No entanto, há um grande abismo entre os desejos e a realidade. A ponte sobre esse abismo é o domínio próprio, um fruto do

Espírito (Gl 5.22-23). O segredo do domínio próprio é a disciplina, que produz um longo registro de pequenas escolhas pelas quais nos rendemos ao Espírito de Deus, resultando em novos hábitos e estilo de vida. A vida controlada pelo Espírito e o domínio próprio estão inter-relacionados nas Escrituras, porque o domínio próprio espiritual é uma rendição do "eu" ao Espírito de Deus.

Muitos de nós conhecemos a diferença entre comer queijo cottage e donuts ou a diferença entre fazer exercícios diários e passar a vida no sofá. De modo semelhante, há uma diferença entre ler a Bíblia e não lê-la, entre usar a noitinha para assistir às novelas ou aos seriados e usá-la para ler a Bíblia ou importantes livros cristãos. Embora hoje a diferença pareça pequena, a diferença cumulativa será enorme.

Muitas pessoas dizem que desejam escrever um livro. O que elas realmente querem dizer é que *desejariam ter escrito* um livro. Falar sobre escrever um livro é muito fácil. Escrevê-lo é muito difícil. E essa é a razão por que há mais faladores do que escritores, bem como por que há mais pessoas falando sobre a vida cristã do que pessoas vivendo-

a.

Queremos os frutos da disciplina cristã, mas freqüentemente estamos indispostos a realizar a obra que ela exige. Queremos as recompensas sem os sacrifícios.

Um dos meus websites farovitos para jovens é www.therebelution.com, dirigido por Alex e Brett Harris. Eles desafiam os jovens a fazerem coisas difíceis (de fato, este é o título do primeiro livro deles, *Do Hard Things* — Faça Coisas Difíceis). [11] Eles dizem: "Não sejamos uma geração de materialistas egocêntricos; disciplinemo-nos para seguir a Jesus e fazer coisas difíceis para a sua glória".

Uma vida de perseverança exige que façamos muitas coisas difíceis. Contudo, essas coisas difíceis são as que trazem propósito, alegria e satisfação à nossa vida.

A PERSEVERANÇA ENVOLVE ESCOLHAS DIÁRIAS PARA FAZERMOS BOAS OBRAS

Sei o que alguns leitores estão pensando agora mesmo. *Essa ênfase sobre cultivar disciplina na*

vida cristã não parece legalismo, uma tentativa de obras de justiça? Não devemos falar sobre obras, mas apenas sobre graça, certo?

Errado. Os reformadores se opunham às obras de justiça, mas *nunca* se opuseram às obras justas. De fato, Deus honrou uma multidão dessas obras e usou um espírito de perseverança disciplinada para produzir a Reforma. É a graça soberana de Deus que nos dá poder para fazermos boas obras, que são centrais em nossa chamada:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.8-10).

Observe que esse texto não diz que Deus preparou doutrinas para crermos nelas, e sim obras

para realizarmos. Deus tem uma vida de boas obras preparada para nós. Não somos salvos *pelas* boas obras, mas somos salvos para fazermos boas obras, pelo poder de Deus, para a sua glória. As Escrituras retratam freqüentemente a capacitação do poder de Deus em nós ao lado de nossos esforços para vivermos a vida cristã: "O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem... a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Cl 1.28-29).

Então, se você deseja perseverar, peça a Deus que lhe dê poder para dar um passo de cada vez. E comece a mover-se. Quando o despertador soar pela manhã, peça forças a Deus. Não lhe peça que o faça levitar da cama, apanhe a sua Bíblia e abra as páginas por você.

Perseverança significa ter sempre em mente o propósito de disciplina

No livro *Spiritual Disciplines of the Christian*

Life (Disciplinas Espirituais da Vida Cristã),[12] Donald Whitney conta uma *ilustração* de um jovem chamado Kevin, de dezesseis anos, cujos pais o matricularam em aulas de música. Depois da aula, toda tarde, ele se assentava desanimado na sala de estar e tocava um violão enquanto via seus colegas, na rua, jogando baseball.

Um dia, Kevin foi visitado por um anjo, que o pegou e o levou ao Carnagie Hall. Kevin testemunhou a apresentação de um grande violonista no palco. Ficou admirado com a habilidade do homem e a beleza de sua performance. Finalmente, o anjo perguntou: "O que você achou, Kevin?" Ele respondeu: "Uau!"

Repentinamente, eles se acharam de volta à casa de Kevin. O anjo lhe disse: "Aquele músico maravilhoso que você viu é *você mesmo* daqui a quinze anos". E acrescentou: "Mas somente se você praticar"!

Kevin ficou eletrizado. Ora, ele tivera uma visão, um propósito para sua disciplina diária. A prática poderia ser difícil, mas era digna porque ele via o propósito — o que ele se tornaria.

"Exercita-te, pessoalmente, na piedade" (1 Tm

4.7). O exercício não é algo glorioso, assim como o tocar violão não o é. Ajudo a treinar uma equipe de tênis do Ensino Médio. Estamos constantemente trabalhando em coisas que, na prática, nos ajudarão nas competições. As equipes que não praticam não vencem. Atletas que não se exercitam não superam outros e não perseveram em seu esporte.

Quando sou tentado a não me exercitar (e isso ocorre com freqüência), recordo-me do propósito de exercitar-me, do seu resultado final e da recompensa que me trará. Também recordo as conseqüências de não me exercitar. Faço o mesmo com as disciplinas espirituais, recitando o seu propósito e resultados, bem como as conseqüências de não praticá-las. Isso me motiva.

Quando foi o último tempo que você gastou com Deus, estudou as Escrituras, leu um grande livro e, depois, arrependeu-se disso? Por que negligenciamos o que mais nos enriquece e nos traz gozo e contentamento?

Se você não tiver o propósito dessa disciplina bem claro em sua mente, desligará o despertador e permanecerá na cama. Se estiver determinado a começar o dia com Deus, terá de arrancar o seu

corpo da cama. Não há disciplinas espirituais sem disciplinas físicas que as tornem possíveis.

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado (1 Co 9.24-27).

Depois de aconselhar Timóteo a suportar os sofrimentos como um bom soldado, Paulo disse: "O atleta não é coroado se não lutar segundo as normas. O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as

coisas” (2 Tm 2.5-7).

O que os soldados, os atletas e os lavradores têm em comum? Todos eles realizam atividades físicas. São disciplinados. São deliberados. Trabalham arduamente. Somente depois é que gozam do prazer da vitória e da colheita. Sem trabalho árduo, nenhum crente perseverará.

Dallas Willard[13] disse em seu livro *The Spirit of Disciplines* (O Espírito de Disciplinas):

Faz parte da condição pervertida e caprichosa da humanidade que creiamos zelosamente no poder do esforço, no momento da ação, para realizarmos apenas o que desejamos e ignoremos completamente a necessidade de mudança de caráter em nossa vida como um todo. O fracasso geral consiste em querermos fazer o que é correto e importante enquanto, ao mesmo tempo, não nos submetemos àquele tipo de vida que produzirá a ação que reconhecemos ser correta e a condição que desejamos gozar. Essa é a característica da natureza humana que explica por que o caminho para o

inferno está pavimentado de boas intenções. Tencionamos o que é certo, mas evitamos a vida que o tornaria uma realidade.[14]

Oferecendo nosso corpo a uma vida de perseverança

A perseverança exige uma vida toda de rendição de nosso corpo ao Espírito Santo.

Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça (Rm 6.12-14).

O que podemos fazer sem nosso corpo? Esse é o significado de Romanos 12.1-2:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.1-2).

Observe a inter-relação entre a mente e o corpo. Não devemos apenas renovar a nossa mente e esperar que o corpo a acompanhe. Antes, oferecemos nosso corpo para nos colocarmos no lugar em que nossa mente possa ser renovada.

Usamos as mãos para escrever cheques e colocá-los no gazofilácio. Usamos as pernas para fugir da imoralidade. Desviamos os olhos para evitar contemplar alguém com cobiça.

As ações do corpo abrem a Bíblia e desligam a televisão. Para lermos um livro e ouvirmos a Deus, temos de fazer um esforço concentrado, fechando

os ouvidos e olhos para este mundo barulhento e invasivo.

Somos não somente seres espirituais, somos também seres físicos. Se não oferecermos nosso corpo como sacrifício vivo, nossa mente não será renovada. Por quê? Porque nossa mente será alimentada e moldada tão-somente por aquilo que nosso corpo lhe prover.

Considere novamente Salmos 1.1-2: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite". Nas situações descritas, há ações do corpo — andar, deter, assentar-se. Meditar na Palavra de Deus envolve abri-la com as mãos, vê-la com os olhos ou citá-la com os lábios.

"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus" (Ef 5.15-16). Por que não remir duas horas por dia, as quais você gastaria com a televisão, jornal, videogames, telefone, trabalho extra ou lazer? Mude seus hábitos. Gaste uma hora meditando e/ou memorizando a

Palavra. Gaste a outra hora lendo um bom livro. Compartilhe com sua esposa, filhos ou um amigo o que você aprendeu.

Ouça as Escrituras, ou livros em áudio, ou músicas de louvor, enquanto você troca de roupa, limpa o jardim ou dirige. Diga não a programas interativos e a esportes no rádio, não porque são maus, e sim porque você tem algo melhor a fazer. Fique longe da televisão, do rádio e da internet por uma semana. Descubra quanto tempo você tem. Use bem esse tempo, estabelecendo novos hábitos de cultivar sua vida spiritual e aprender a permanecer em Cristo. "Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15.5).

Dê a Jesus o primeiro lugar de sua vida. Não a deixe acontecer, escolha o que fazer com ela e, no final, você se admirará por ver até aonde foi. Se você tem de perseverar como seguidor de Cristo, precisa resolver conscientemente não desperdiçar sua vida, nem permitir que ela seja gasta em coisas sem proveito; antes, invista-a naquilo que é importante.

Escolhendo companheiros para uma vida de perseverança

Você se tornará o tipo de pessoa com a qual você decide gastar tempo, ou no trabalho, ou na escola, ou na igreja, ou na lanchonete. "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Co 15.33).

Converse com aqueles que têm perseverado. Você descobrirá que eles escolheram ter bons amigos que levantaram o muro, em vez de abaixá-lo. Assegure-se de que tem amigos cujas vidas estão centralizadas em Cristo. Se os seus amigos mais próximos não seguem a Jesus, você terá todo tipo de razão cotidiana para não seguir a Jesus. Se eles seguem realmente a Cristo, a pressão positiva de seus amigos o manterá responsável por uma vida de discipulado. "Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau" (Pv 13.20). Aqueles com quem decidimos gastar nosso tempo disponível moldarão dramaticamente nossa vida.

A televisão e a leitura nos põem, ambas, na companhia de alguém e nos removem da companhia

de outrem. Você decide: será diferente porque se coloca na presença de Spurgeon e não de um comediante famoso? Em longo prazo, você se tornará mais íntimo de Deus, de sua família ou de seu vizinho, por assistir à televisão ou por desligá-la e fazer algo importante, um investimento para a eternidade?

Uma maneira de crescer na vida cristã é estudar e padronizar sua vida de acordo com os seguidores de Jesus que vivenciaram uma longa obediência perseverante. Para fazer isso, você tem de ler histórias e biografias. Aceite as sugestões de pessoas mortas que ainda vivem e não de pessoas vivas que estão mortas. Compare o ler uma biografia de William Wilberforce ou de Amy Carmichael com o ver *Os Simpsons* ou uma comédia indecente. O que o ajudará a crescer na semelhança a Cristo. Tire seus olhos das celebridades e ponha-os nos seguidores de Jesus. Pergunte a si mesmo: "O que eles fizeram para se tornar aquilo que foram? Como eu posso arranjar minha vida de modo a seguir o exemplo deles?"

Você não precisa ler livros apenas sobre pastores e teólogos. Stanley Tam declarou que Deus é o dono

de sua companhia, *U. S. Plastic*. R. G. Letourneau. O inventor das escavadeiras, dava 90% de seu salário para Deus.

Deus também colocou em sua igreja exemplos de longa obediência perseverante. Ache-os e gaste tempo com eles. Assente-se aos pés dos sábios, e não dos tolos.

Livros ruins são péssima companhia. Bons livros são grandes amigos. Acabei de ler *The Cost of Discipleship* (O Preço do Discipulado), escrito por Bonhoeffer. Nesta manhã, estava lendo C. S. Lewis, e as impressões dele ainda estão comigo nesta tarde. Gosto de bons filmes e uma quantidade limitada de televisão. Mas o fato é que, se eu passar o dia assistindo à televisão, não terei progredido em uma vida de discipulado.

Essa é a razão por que estou profundamente preocupado com a queda do índice de erudição, especialmente entre os homens jovens. De modo crescente, os rapazes gastam mais tempo em videogames, filmes, televisão, websites, players digitais e celulares — que contêm tudo, desde mensagens de texto até Internet e televisão. Eles estão lendo menos do que os rapazes de gerações

anteriores. Rapazes que não lêem se tornam homens iletrados. Se alguém não lê, também não é um leitor da Palavra de Deus. A menos que a tendência seja revertida — e isso não acontecerá sem uma intervenção decisiva — haverá uma maré de pensar e viver ímpios, bem como uma crise ampla de liderança na igreja de amanhã.

Estamos em risco sério de perdermos as gerações vindouras para a superficialidade, a imoralidade e a heresia, porque os crentes não estão cavando profundamente as Escrituras e os grandes livros alicerçados nas Escrituras. Famílias e igrejas que estão comprometidas com a edificação do caráter cristão que perseverará têm de enfrentar, sem receios, esse problema.

Perseverando por almejar nossa verdadeira pátria

Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça (2 Pe 313).

Porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador... eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra... manifestam estar procurando uma pátria... aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade (Hb 11.10, 13-16).

Essas passagens nos falam sobre aguardar nosso lar no céu. Na nova terra, como pessoas ressurretas, habitaremos para sempre com nosso Senhor Jesus, reinando sobre a criação de Deus, conforme ele tencionava no princípio. Contudo, muitos crentes *não* anelam por isso. Anelam mais pela promoção e pela aposentadoria. Com esses sonhos indignos e efêmeros, eles não podem perseverar em meio às dificuldades do discipulado e desfrutar de seus prazeres.

Considere, sob uma perspectiva eterna, o que são essas dificuldades:

Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a *ser revelada em nós*. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus... a própria criação será redimida

do cativeiro da corrupção (Rm 8.18, 19, 22).

Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas (2 Co 4.17, 18).

Um dia, estaremos com aquele para quem fomos criados, vivendo no Lugar para o qual fomos criados. A alegria será o ar que respiraremos. Ali, seremos eternamente gratos pela graça da perseverança que Jesus, o Rei dos reis, nos estendeu.

Devemos nos lembrar regularmente que o melhor ainda está por vir. Ainda temos de alcançar os nossos ápices. E, quando os tivermos alcançado, na ressurreição, jamais os ultrapassaremos. Essa certeza nos ajudará neste mundo e, agora, levamos

uma vida de satisfação postergada, marcada por domínio próprio e disciplina, sabendo que recompensas eternas nos esperam na presença de nosso Senhor, a fonte de gozo eterno.

Humildade, generosidade e pureza: meios para a perseverança

Cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte (1 Pe 5.5-6).

Escolha o orgulho e você experimentará a oposição de Deus. Siga a humildade e terá a graça de Deus. Essa é a razão por que o orgulhoso cai e o humilde persevera. É o motivo por que nenhum de nós deve ver a si mesmo como celebridade, e sim como servo. Somos os embaixadores de Deus. Que grande privilégio!

Deus nos humilha usando as maneiras que ele

acha melhores. Duas das melhores coisas que Deus me fez foram uma doença crônica (diabetes dependente de insulina) e ações judiciais por parte de clínicas de aborto que me forçaram a renunciar o pastorado da igreja que eu amava. Eu não teria escolhido essas maneiras, mas aceitei ambas com alegria, não menosprezando o que aprendi sobre confiar em Deus. Por meio dos espinhos na carne, Deus nos diz: "Minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza".

"A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda" (Pv 16.18). Talvez as duas maneiras mais importantes pelas quais Deus abate o orgulho sejam as duas maiores ameaças à perseverança na vida cristã: os ídolos gêmeos de nossa cultura — dinheiro e sexo.

O ídolo do dinheiro

Jesus advertiu a respeito de alguém ser sufocado pela "fascinação das riquezas" (Mt 13.22). A riqueza promete o que nunca dá: satisfação, contentamento, gozo. As coisas têm massa, e a massa, gravidade, e a gravidade põe as pessoas em órbita ao redor das coisas. As coisas se tornam o nosso centro, em lugar

de Cristo.

Aqueles que são enganados pelo evangelho de saúde e riqueza freqüentemente se afastam quando a enfermidade, o sofrimento e a pobreza os atinge. Imaginam que Deus quebrou sua promessa, porque ignoravam promessas como esta: "Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3.12). Os crentes ao redor do mundo passam por sofrimento e glorificam a Deus em seu sofrimento, perseverando até ao fim. A teologia da prosperidade, a teologia do direito não procedem de Jesus — qualquer evangelho que é mais verdadeiro na Califórnia do que na China não é o evangelho verdadeiro.

Como afirmo em meus livros *The Treasure Principle* (O Princípio do Tesouro) e *Money, Possessions and Eternity* (Dinheiro, Bens e Eternidade), dar é o único remédio para o materialismo. Uma das melhores maneiras de você perseverar na fé é dar mais, deixando-se a si mesmo com menor interesse naquilo que o distrai de Cristo e maior interesse naquilo que o atrai a ele.

Então, por que você não estabelece os limites do que você e sua família necessitam para viver e dão o

restante ao reino de Deus? O que você guarda não o satisfará. Aquilo que você dá rompe a força do dinheiro sobre você e o ajuda a experimentar a força da graça de Cristo.

Nós conhecemos os guerreiros de oração em nossas igrejas, mas onde estão os guerreiros doadores? A quem a próxima geração recorrerá para ser mentoreada quanto ao ato de contribuir? Como podemos esperar que eles vivam a perseverança cristã se aprendem de nós a serem cristãos materialistas?

O ídolo do sexo

A imoralidade sexual é outro grande impedimento à perseverança na vida cristã. Inúmeros crentes, incluindo líderes de igreja, naufragaram por causa de escolhas, feitas uma após outra, que finalmente os levaram à ruína moral. Aqueles que imaginam que não correm o risco de serem roubados não guardam seu dinheiro em lugar seguro e não fecham as portas da casa. De modo semelhante, aqueles que pensam que não cairão em imoralidade sexual fazem escolhas imprudentes a respeito de aonde ir, o que fazer e com quem gastar

seu tempo; e essas escolhas garantem que a imoralidade sexual lhes sobrevirá.

Satanás nos tem marcado como alvos da imoralidade sexual, e a sociedade provê munição abundante. Tragicamente, muitos dos lares cristãos provêem acesso à imoralidade. Os pais cristãos têm de parar de serem tolos e começar a proteger seus filhos. Se você tem um filho adolescente e acesso à Internet no quarto dele, você poderia também encher o quarto com revistas pornográficas e dizer-lhe: "Não olhe para estas revistas". Se isso parece grosseiro, você não entende quantos rapazes, incluindo os da igreja, estão se tornando escravos da pornografia em seus próprios lares (e quantas moças cristãs estão visitando salas de bate-papo e flertando com homens.).

Um legado duradouro de centralidade em Cristo não pode ser deixado por aqueles que são escravos da cobiça. Quando permitimos que nossos filhos tenham acesso à pornografia, salas de bate-papo e muito do que se acha em sites de relacionamento, bem como acesso à televisão e a filmes saturados de pornografia, estamos minando qualquer coisa que eles aprenderam sobre Jesus. Essas coisas afastam-

nos de Jesus e nunca os atrai a ele.

Se nós e eles temos de perseverar na vida cristã, temos de quebrar o ídolo do Sexo e guardar nosso coração, dedicando-nos novamente a Jesus, cada dia, cada hora. Somente assim seremos capazes de proteger nossos filhos. Com certeza, nunca seremos bem-sucedidos em guiá-los e guardá-los daquilo que nos escraviza.

Conclusão: o irmão de Jim Elliot que você não conhece

Janeiro de 2006 marcou o qüinquagésimo aniversário da morte dos cinco missionários martirizados no Equador. Naquele mês, nos cultos de nossa igreja, entrevistei Steve Saint, filho de Nate Saint, e Mincaye, um dos guerreiros indígenas que matou os missionários e posteriormente veio à fé em Cristo. Um dos filhos de Ed McCully juntou-se ao grupo, quando fomos convidados, pela família de Jim Elliot, a jantarmos com eles, em Portland, na casa em que Jim crescera.

Estivemos lá, com membros das famílias de três dos mártires e com Mincaye, que lhes era como um

membro da família. Conosco estava Bert, um dos irmãos mais velhos de Jim Elliot, e sua esposa, Colleen. Em 1949, quando Bert e Colleen estudavam na Faculdade Bíblica Multnomah, foram convidados por um missionário a servirem no Peru. Tornaram-se missionários e foram ao Peru, anos antes que Jim Elliott fosse ao Equador.

Naquele janeiro, quando os encontramos, estavam em um período de férias. Quando conversávamos sobre o Peru, Bert sorriu e disse: "Mal posso esperar para retornar". Agora, aos oitenta anos, eles se aproximavam de seus sessenta anos de ministério como missionários. Até àquele final de semana eu não sabia nada a respeito dessas pessoas. Bert e Colleen Elliot entrarão no reino de Deus despercebidos pela igreja, mas não por Deus.

Bert me disse algo que nunca esquecerei: "Jim e eu servimos a Deus de maneiras diferentes. Jim foi um grande meteoro, que cruzou velozmente o céu".

Bert não terminou descrevendo a si mesmo. Mas eu o farei nestas palavras: uma estrela fraca que surge à noite e segue fielmente o seu percurso no céu, não sendo percebida na Terra. Diferentemente de seu irmão Jim, Bert é a estrela cadente.

Creio que Jim Elliott está experimentando grande recompensa. Todavia, não ficarei surpreso se um dia descobrir que a recompensa de Bert e Colleen Elliott é ainda maior.

Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente (Dn 12.2-3).

Bert e Colleen Elliott têm vivido uma longa obediência perseverante. Se, em obediência a Deus, deixamos o nosso país ou ficamos aqui mesmo, todos somos igualmente chamados a uma vida de perseverança fiel, capacitada por Cristo.

Não seria bom chegarmos ao fim de nossa vida com o menor número de remorsos possível?

Perguntemos a nós mesmos, quando nossa vida acabar neste mundo, o que gostaríamos de ter feito mais e de ter feito menos?

Em termos de escolhas que edificam o caráter,

por que não pedimos a Deus que nos capacite a gastar o resto de nossa vida fechando o espaço entre o que desejaríamos ter feito e o que realmente fizemos?

Capítulo 5

Uma coisa

Helen Roseveare

Pediram aos autores deste livro que escrevessem sobre o tema "Uma Chamada à *Persistência* dos Santos". Em minha maneira de pensar, mudei levemente isso para "Uma Chamada à *Perseverança* dos Santos". Na Inglaterra, a palavra *persistência* tem uma conotação de apertar os dentes, agüentar firme e terminar, de algum modo, o trabalho que lhe foi confiado. Mas a palavra *perseverança* nos faz pensar em seguir firmemente e recusar-se a desistir, não importando o que aconteça.

Calebe

Quando comecei a pensar sobre o assunto, pensei imediatamente em Calebe. Ele tinha 85 anos quando recordou a Josué a promessa que Moisés lhe fizera, de dar-lhe aquele "monte" quando entrassem na Terra Prometida. Li novamente a história de Calebe; primeiramente, em Números 13 e 14, depois, em Deuteronômio 1.36 e, de modo específico, em Josué 14. Cinco vezes achamos uma expressão significativa no contexto da história de Calebe — "perseverou em seguir" (Nm 32.12; Dt 1.36; Js 14.8, 9, 14). Ele perseverou em seguir o Senhor. Não houve inconstância em Calebe. Não houve, às vezes sim, às vezes, não; às vezes, frio, às vezes, quente. Não houve dúvidas quanto a seguir ou não seguir. E Calebe tinha 85 anos de idade! Ainda não tenho essa idade, mas, pensei, isto é o que desejo: perseverar em seguir.

Alguém me perguntou recentemente: "Quais são os seus heróis?" Tive de parar e pensar. Realmente não tenho heróis, exceto Jesus. Todavia, compreendi que, em um certo sentido, Calebe é um de meus

heróis. Ele ainda era forte aos 85 anos de idade e estava preparado para lutar por uma montanha que era habitada por gigantes que possuiam cidades fortificadas. E o fez. Não desistiu.

Policarpo

Em seguida, pensei em Policarpo, bispo de Esmirna. Ele tinha 86 anos quando foi queimado na estaca, em 156 d.C. Policarpo poderia ter salvado a sua vida, se tivesse amaldiçoado a Cristo. Mas ele disse: “Eu o tenho servido por 86 anos, e ele nunca me fez qualquer mal. Como posso blasfemar de meu Rei, que me salvou?”[15]

Blandina

Depois, pensei em Blandina, um moça escrava — de corpo frágil e temperamento tímido. Ela foi submetida a todo tipo de tortura no século I, mas não pôde ser constrangida a negar sua fé, antes de seus perseguidores matarem-na cruelmente. Portanto, idade não é o fator importante: uma jovem escrava e um bispo no final de sua vida — ambos foram mortos por seguir a Jesus até ao fim.

Hebreus 12

Isso nos leva facilmente a Hebreus 12. Nessa passagem, somos ordenados a desembaraçar-nos de tudo que nos obstrui — desembaraçar-nos do pecado que nos assedia tão de perto — e corrermos "com *perseverança,* a carreira que nos está proposta". Essa carreira é não somente para Calebe, o bispo Policarpo ou Blandina, mas também para cada um de nós. Todos nós que conhecemos e amamos o Senhor Jesus temos de correr com perseverança a carreira que nos está proposta,

fixando nossos olhos em Jesus.

Em fevereiro de 2006, um professor de Bíblia de meu país, Rev. Edward Lobb, pregou dois sermões sobre Hebreus 12 em minha igreja. Ele salientou o fato de que, como cristãos, não somos chamados a um piquenique. Não recebemos uma rede quando chegamos aos 50 ou 60 anos. Não somos convidados a erguer os pés e dizer que tudo está feito. Não. As coisas não são assim. Somos chamados a uma carreira que exige determinação, coragem e perseverança, para que a terminemos. Qualquer pessoa pode começar uma carreira, mas o importante é terminá-la.

O escritor da Epístola aos Hebreus escrevia aos cristãos judeus perseguidos. Eles foram perseguidos até ao ponto de serem expulsos do templo. Foram privados de tudo que lhes era querido desde os dias do Antigo Testamento — adoração no templo, todas as vestes requintadas dos sumos sacerdotes e todas as ordenanças que haviam praticado. Não podiam mais entrar no átrio do templo. De repente, eles sentiram que haviam perdido uma herança maravilhosa e não tinham certeza do que haviam ganhado. O escritor da Epístola aos Hebreus lhes

disse: “Com Jesus é melhor! Com Jesus é melhor! Não busquem a adoração de anjos. Jesus é melhor do que os anjos. Não se prendam à adoração praticada pelos santos do Antigo Testamento. Jesus é melhor”. Ele enfatizou isso em toda a carta e apelou aos seus leitores para que não se desviassem, não voltassem atrás, nem desistissem.

No capítulo 11 de Hebreus, lemos aquela lista maravilhosa de santos do Antigo Testamento. Todos eles permaneceram firmes até ao fim. Completaram sua carreira; alguns, por meio de sofrimentos terríveis. O autor de Hebreus nos diz que alguns deles foram serrados ao meio, mas todos perseveraram até ao fim. Não desistiram, e Deus não falhou para com eles, nem os desamparou.

Em Hebreus 12.2, lemos que Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote, completou a carreira. Ele completou a carreira que Deus lhe havia dado, que consistia em morrer na cruz por você e por mim. Ele chegou ao final. Lembre-se de como Jesus clamou na cruz: “Está consumado” (Jo 19.30). Jesus não parou antes de terminar a obra que Deus lhe havia dado, a fim de salvar-nos. Ele disse ao Pai: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42).

Leitor, você e eu podemos também terminar a carreira se mantivermos os olhos em Jesus e aceitarmos a sua amável disciplina, suportando dificuldades sem reclamar e tornar-nos amargurados.

No verão passado, em um acampamento para moças adolescentes, ministrei três estudos bíblicos sobre a vida de Davi. Estudamos juntos como Davi foi ungido como futuro rei de Israel e como ele se saiu na luta contra Golias. Consideramos a fidelidade de Davi em várias áreas. Depois, aproximando-nos da parte final do seu reino, lemos a história de Bate-Seba. Deus enviou Natã a Davi, e ele se arrependeu. Como resultado disso, temos o Salmo 51 e achamos todo o encorajamento para o coração no fato de que, se nos arrependermos verdadeiramente de nosso pecado, seremos perdoados e restaurados. Sim, graças a Deus por isso. Mas, por que houve esse fracasso, tão perto do final?

Lembro-me de certa ocasião quando eu estava em Nebobongo, no pequeno hospital em que trabalhava no centro das terras florestais do Nordeste do Congo. Um dia, um menino chegou ao hospital — creio que tinha uns onze anos de idade

— para dizer que seu pai, que era um evangelista, estava muito doente em uma vila, na floresta. Eu era nova na África e não sabia o caminho. Perguntei-lhe: você pode me levar ao seu pai? Ele respondeu: "Oh! sim!" Outra vez, perguntei-lhe: a que distância ele está? Eu sabia que a ambulância tinha pouca gasolina. Ele disse: "Daqui a duas noites". (Em outras palavras, ele gastara três dias andando para chegar até mim, dormindo duas vezes no percurso). Calculei que aquilo significava quase 140 quilômetros. E pensei imediatamente: *bem, tenho gasolina suficiente para chegar lá*. O menino me garantiu que, se pudéssemos chegar à vila onde se achava seu pai, eles tinham um tambor com 400 litros de gasolina e que poderia encher o tanque de meu carro para a viagem de volta. Então, partimos juntos. O menino assentou-se ao meu lado, na cabine, e conversamos. Oh! que conversa agradável! Falei sobre o nosso Senhor Jesus. Compartilhamos juntos e lhe contei histórias sobre Jesus. Enquanto eu dirigia, chegamos a uma bifurcação, ele disse: "Vá pela direita". Eu rumei à direita. Chegamos a uma encruzilhada e viramos. Continuava conversando com ele. De repente, o carro estalou,

tossiu e parou. Olhei para o marcador de gasolina — ficamos sem gasolina. O menino olhou ao redor. "Doutora", ele disse, não sei onde estamos. Nunca estive aqui".

Tivemos de deixar o veículo à beira da estrada e andar de volta pelo caminho que viéramos. Depois de três ou quatro quilômetros, chegamos a uma bifurcação. "Oh!", ele disse, "devíamos ter virado à esquerda". Não o fizemos. Viramos à direita. Caminhamos mais três quilômetros. Eram quase sete quilômetros de distância do lugar em que tínhamos deixado o carro até à vila do menino. Chegamos tão perto, mas, na última etapa, tomamos o caminho errado.

Isso pode acontecer em nossa vida cristã. É essencial continuarmos avançando *até ao fim*. Começar a corrida é bom, porém é muito mais importante continuar avançando até tocar a linha de chegada.

A perseverança de Cristo conosco

Quando eu pensava sobre perseverança em seguir a Jesus, parei por um momento e imaginei

que existe realmente algo mais maravilhoso do que isso, ou seja, a perseverança de Cristo em lidar conosco — você e eu. Sempre me admiro da paciência e tolerância de Deus para comigo; em especial, quando estou participando da Ceia do Senhor, na igreja, e durante o culto há um momento em que confessamos nossos pecados a Deus. Meditando sobre a última vez em que participei da Ceia do Senhor, eu pensei: este *é o mesmo pecado que confessei na Ceia anterior*. É a mesma impaciência, irritabilidade ou dó de mim mesma, a síndrome de ter compaixão de si mesmo. Digo novamente a Deus que sinto tristeza e que, de todo o coração, desejo mudar. Quero realmente que Deus me torne mais semelhante a Jesus. *Quero* ser semelhante a Jesus, mas fracasso constantemente. Deus é tão paciente, não é? Ele não nos despreza. Deus não diz: "Você já teve todas as chances que precisava; não lidarei mais com você". Ele é sempre tão gracioso. A perseverança dele conosco — em transformar-nos à semelhança de seu Filho como membros de sua família — é admirável.

Penso em um hino que cantei quando fui salva:

Volva seus olhos para Jesus.
Contemple sua maravilhosa graça.
As coisas da terra se obscurecerão,
À luz de sua glória e graça.[16]

Então, apenas por um minuto, antes de considerarmos nossa perseverança em seguir a Jesus, paremos para recordar a sua perseverança para conosco — você e eu.

Uma coisa

Todo ano, antes do Natal e do Ano Novo, procuro gastar um tempo a sós com Deus e lhe peço um versículo específico para o ano vindouro. Para 2006, ele me deu Efésios 1.17 — "Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento" (NVI). Conhecer melhor o Senhor foi o anelo de meu coração durante todo aquele ano. Quando Paulo escreveu esse versículo, estava no final de sua vida, aprisionado em Roma. Tinha sido um missionário durante muitos anos. Estava servindo a Deus de todo o seu coração havia anos e de seu coração brotou a súplica para que os crentes tivessem um melhor conhecimento de Deus.

Pedi ao Senhor um versículo para 2007. Ele me deu Salmos 27.4: "Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo". Quando eu orava com base nesse versículo, uma pequena expressão me chamou a atenção

imediatamente. O versículo começa com duas palavras: “Uma coisa”. Procurei numa concordância bíblica todos os versículos que continham a expressão “uma coisa” e meditei demoradamente sobre ela.

Desejo que pensemos sobre três versículos que contém essa expressão:

- Uma coisa eu sei (um fato *passado*)
- Uma coisa eu faço (uma atividade *presente*)
- Uma coisa eu busco (uma aspiração *futura*)

Essas três afirmações expressam o testemunho passado, presente e futuro de minha vida cristã.

Uma coisa eu sei

Essa expressão é proveniente de João 9.25. Existia um homem cego de nascença, e Jesus o curou. Os fariseus diziam: "Quem fez isso?" Argumentaram com o homem que ele não nascera cego e que, se nascera cego, quem o havia curado? O homem respondeu: "Se [Jesus] é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo". Esse era o fato — um fato passado! Desejo que isso seja um fato passado na experiência pessoal de cada leitor. Houve um momento em que, havendo sido cega para as coisas de Deus, repentinamente eu pude ver!

Nunca esquecerei aquela noite maravilhosa, primeiro de janeiro, um agradável Dia de Ano Novo, há mais de sessenta anos. Posso recordá-la agora como se fosse ontem. Não sei como Deus faz essas maravilhas, mas repentinamente soube, com absoluta certeza, que Deus me conheceu e me amou tanto, que enviou seu Filho para morrer por *mim*. Ouvi esse maravilhoso evangelho durante meu primeiro período na universidade, quando freqüentava as reuniões da União Cristã. Não sei por

que eu ia àquelas reuniões, exceto pelo fato de que me atraíam. Mas eu não conhecia o Senhor. Havia uma fome crescente em meu coração. Durante as férias do Natal, as moças da União Cristã dispuseram as coisas de modo que eu fosse a uma celebração de Natal em uma casa, e, repentinamente, na última noite daquela celebração, eu conheci o Senhor. *Sabia que havia sido cega e que agora podia ver*. Esta certeza completa: o conhecimento do que Jesus fizera por mim, no passado, deixou-me plenamente segura de que eu estava salva.

Há um ensino se infiltrando até na denominada igreja evangélica cristã que menospreza o fato de que *Jesus morreu por meus pecados*. Esse ensino diz que Jesus morreu como um exemplo ou algo semelhante a isso. Sinceramente, não sei como os adeptos desse ensino conseguem minimizar o significado da morte penal de Jesus na cruz, como nosso Salvador; e não sei o que eles realmente crêem. De fato, nem sei como podem declarar-se cristãos, se não crêem que "Jesus morreu por meus pecados". Para mim, esse é o fato básico do cristianismo. Jesus morreu por meus pecados. E,

para mim, é um *fato* concreto. Não importa o que aconteça na vida cristã de alguém, não importa quais sejam as suas dificuldades e problemas, uma coisa é certa:

Jesus, meu Senhor, me amará para sempre,
Nenhum poder maligno me separará dele.
Ele deu a vida para resgatar a minha alma.
Agora, eu pertenço a ele.
Agora, pertenço a Jesus, e ele, a mim,
Não somente pelos anos do tempo,
Mas também por toda a eternidade.[17]

Costumo dizer que naquela noite, há sessenta anos, me apaixonei por Jesus. Sou dominada pelo amor dele por mim. A senhora responsável por aquela celebração de Natal, em que fui salva, me deu uma Bíblia nova. O homem que liderara os estudos — Dr. Graham Scroggie, um grande ensinador das Escrituras no Reino Unido durante a

primeira metade do século passado — escreveu um versículo de Filipenses em minha Bíblia nova: "Para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte" (Fp 3.10). Em seguida, meia hora depois de eu haver sido salva, o Dr. Scroggie me inscreveu em um curso bíblico por correspondência, de quatro anos. Foi por meio da tutoria do Dr. Scroggie, enquanto ele me instruía e orientava durante aqueles quatro anos, que não somente me apaixonei por Jesus, mas também por sua Palavra.

Quando me deitei naquela noite, procurei ler Filipenses 3 em seu contexto. Eu não sabia nada sobre a Bíblia. De fato, ignorava terrivelmente qualquer coisa relacionada às coisas espirituais. Não tinha a menor idéia a respeito de quem era Paulo, o homem que escrevera aquele capítulo; mas, quando li o capítulo de Filipenses, tive certeza de que desejava amar a Jesus como ele me amou. Queria amá-lo de todo o coração. Queria amá-lo com tudo o que eu tinha — colocá-lo em primeiro lugar em tudo. Em parte, essa foi a razão por que Calebe se tornou um modelo para a minha vida — amar o

Senhor e segui-lo com *perseverança*. Visto que comecei a estudar a Bíblia diariamente, conheci versículos como Romanos 8.1: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" e Atos 4.12: "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos". Há somente Jesus. Ele é nosso único, amável e formoso Salvador.

Retornei à faculdade, onde terminei meus estudos em Medicina. Fui aceita em nossa missão, WEC International. Em 1953, viajei para o Congo. Todos aqueles primeiros anos na faculdade, os primeiros doze anos como missionária e os cinco meses de rebelião (guerra civil no Congo em 1964), entre todas as experiências desses anos, foram as que mais me convenceram (depois de haver sido resgatada e levada para casa) a escrever meu primeiro livro, tentando expressar esse anelo de amar o Senhor e servi-lo de todo o coração. Calebe disse: "Dá-me este monte" (Js 14.12). Durante todos aqueles primeiros anos na missão, anelei por experiências do tipo "topo do monte". Queria estar

no alto. Queria estar contemplando a Jesus. Queria quase desesperadamente lhe ser agradável, mostrando-lhe, talvez, de um modo insignificante, o quanto o amava. Houve muitas lutas. Houve momentos em que fiquei frustrada. Houve ocasiões em que estive perto de desistir. Angustiava-me por fracassar em ser o que Deus desejava que eu fosse. Mas, durante todo aquele tempo, havia esse grande anelo de amar a Jesus e segui-lo de todo coração.

Uma coisa faço

Agora, consideremos o segundo dos versículos que contém a expressão "uma coisa". Em Filipenses 3.13, Paulo disse: "Não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço". "Uma coisa faço" está no tempo presente — o presente ativo. "Uma coisa eu estou fazendo: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus." Oséias 6.3 nos diz: "Continuemos a prosseguir". Esta é a tradução literal de minha Bíblia em suaíli: "Continuemos a prosseguir". Não desista; pelo contrário, prossiga em conhecer ao Senhor até ao fim. Jesus disse: "Sereis

odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo" (Mt 10.22). Sabemos que somos embaixadores de Cristo. Ele nos confiou a mensagem de reconciliação e nos chamou a dizermos aos outros que Jesus morreu pelos pecados deles. Essa é a certeza de qual deve ser a nossa atividade do tempo presente. Essa é a nossa missão. Deus nos enviou a falar aos outros a respeito de Jesus. Deve haver prontidão em nosso espírito. Deve haver a pressão de que eu devo fazer — e não a possibilidade ou a hesitação. Isso não é um extra opcional. Eu *tenho de* compartilhar Jesus com os outros. Tenho de contar-lhes. Foi por isso que Paulo disse: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.13-14).

Quando lhe sobrevém o desânimo, ou um sentimento de fadiga ou de envelhecimento, continue avançando! Não desista. Temos de continuar firmemente cada dia, tendo o *agradar-lhe* como nosso moto. Agradar-lhe em tudo — em cada escolha a ser feita, nas pequenas e nas grandes

escolhas. Não importando o que ele escolha, o nosso moto deve ser: *agradar-lhe em tudo*. Esse deve o nosso compromisso para toda a vida.

Nos anos recentes, tenho passado muito do meu tempo com estudantes universitários (a maior parte constituída de cristãos), procurando, na maioria das ocasiões, encorajá-los. Às vezes, retorno a um lugar para uma segunda visita, talvez depois de alguns anos. E lhes pergunto: quantos de vocês estavam aqui, quando estive aqui pela última vez? Eles ficam animados em erguer as mãos. Mostram-se bastante alegres em dizer-me que estavam ali na última vez em que eu vim. Eu lhes digo: "Vocês não deveriam estar aqui! Se tivessem ouvido o que lhes disse na última ocasião, deveriam estar no campo missionário ou, pelo menos, em treinamento para o próximo passo nessa direção".

Há sempre essa tentação de diminuir o ritmo, de moderar. É fácil procurar pastos mais verdes. De algum modo, é fácil alguém pensar: "Se eu não tivesse de trabalhar com Fulano; se eu pudesse estar em tal lugar, poderia ser o que Deus deseja para mim. Poderia ser bem-sucedido, mas"... Culpamos nossas circunstâncias ou culpamos nosso

companheiro, ou culpamos nossa família. Se você é um missionário, culpa a comissão. (Eu costumava pensar que a única razão por que tínhamos comissões nos campos missionários era que, assim, os missionários tinham alguém a quem culpar)! Mas, de fato, a responsabilidade é minha. A nossa cultura de culpa me leva a tentar justificar-me se estou diminuindo o ritmo, se estou me aquietando, se chego a um ponto em que digo: não posso fazer mais, Senhor; já fiz a minha parte; quero fazer menos. Se me vejo pensando ou falando isso, estou em perigo. Temos de ser 100% comprometidos até ao fim.

Aprender a viver de modo consistente a vida cristã foi um dos maiores problemas que tive. Passei vinte anos no Congo, na África Central, onde, de várias maneiras, era muito fácil ser um cristão. Eu era a única pessoa de pele clara em meio a aproximadamente 80.000 pessoas de pele escura. Onde quer que eu fosse, era logo conhecida como a missionária. Quando os africanos me viam, diziam: "Se você é uma missionária, seu trabalho é falar sobre Jesus. Então, faça o seu trabalho, fale sobre Jesus!" Era relativamente fácil. Então, o Senhor me

chamou de volta, para viver e trabalhar no Reino Unido. Agora eu moro nos arredores de Belfast. Amo os africanos. Amava ser missionária na África. Contudo, achei muito mais difícil amar os ocidentais prósperos. Na África, se você está andando por uma floresta, através dos pântanos, e tem de cruzar uma ponte estreita feita com troncos escorregadios, e encontra um africano vindo em sua direção, você sabe que um dos dois tem de voltar para trás — e eu não podia! Eu mal podia me equilibrar naquelas pontes; e, para deixar alguém passar, não havia esperança. Eu certamente cairia nas águas lamacentas. Assim, a outra pessoa retornaria graciosamente. Eu atravessaria ao outro lado e lhe diria: você conhece meu melhor amigo? A pessoa responderia: "Quem?" Eu responderia: "Jesus". "Não", ela diria. "Posso lhe falar sobre Ele?" "Sim", ela diria. Assentávamos na ribanceira gramada e conversávamos por duas, três ou quatro horas. A pessoa não tinha pressa. O tempo não era importante. Ora, no Reino Unido você não pode fazer isso! Não tem sido fácil. Mas aprendi que não importa onde Deus nos coloca. Temos de aprender a ser cristãos consistentes, amar a Jesus de todo o

coração e estar comprometidos com nosso mais profundo desejo de agradar-lhe em todas as ocasiões, não importando onde ele nos coloque.

Isso exige que desçamos aos vales. Não podemos cumprir os propósitos de Deus para a nossa vida no topo do monte. Os discípulos viram a Jesus transfigurado, em toda a sua glória e esplendor, no topo do monte. As vestes de Jesus, bem como os seus olhos, resplandeciam. Os discípulos estavam na própria presença da glória de Deus. Em seguida, desceram ao vale, onde havia uma multidão. Na multidão, havia um pai com seu filho endemoninhado. Foi ali que a obra foi realizada. O topo do monte foi o lugar da visão, mas a obra foi realizada embaixo, no vale. Isso se aplica a nós: estarmos dispostos a permanecer firmes no vale é o que realmente importa. Às vezes, o vale pode ser bem escuro, solitário e frustrante. Às vezes, sinto-me como que clamando, como o fez aquele pai: "Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé! (Mc 9.24). Mas temos de continuar firmes na obra.

Nos cinco meses em que fomos detidos por soldados da guerrilha, durante a guerra civil, era inútil queixar-nos e lamentar nossos temores e

sofrimentos. Eu sabia que estava ali porque Deus o quisera. Então, o que me acontecesse era responsabilidade de Deus. Por fim, fomos resgatados e trazidos ao lar para nos recuperarmos. Depois, voltamos novamente ao Congo. E as pessoas disseram: "Oh! vocês são maravilhosos!" Falando sinceramente, não sou maravilhosa de maneira alguma. Toda a minha vida adulta passei no Congo. Não exerci medicina em qualquer outro lugar, exceto no Congo. Os congoleses eram meus amigos. Eu os amava. Eu não me sentia à vontade no Reino Unido. Não havia realmente nada maravilhoso em nossa decisão de retornar. Um desejo ardente de "agradar a Jesus" se tornara parte de mim. Eu queria verdadeiramente viver 100% para ele. Sabíamos — mesmo quando fomos levados cativos pelos guerrilheiros, quando as punições eram selvagens, quando as coisas eram desagradáveis — que Deus estava no trono e não se esquecera de seus filhos. Ele estava conosco. E estará para sempre conosco, não importa o que aconteça. Deus está realizando os seus propósitos.

Enquanto meditava sobre o fato de que temos de compartilhar Jesus com os outros — em qualquer

lugar, independentemente das circunstâncias — recordei duas passagens das Escrituras. Isaías 52.7 diz: "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!" Isso não é formidável? Jesus está dizendo a você e a mim: "Se você está ocupado em falar de mim aos outros, você é formoso". Talvez ninguém ache que você ou eu somos bonitos, mas Deus afirma: "Se vocês estão ocupados em falar de Jesus aos outros, são formosos aos meus olhos".

Outra ocasião em que Jesus disse que alguém estava fazendo algo admirável aconteceu na casa de Simão, durante uma refeição, quando uma mulher veio e quebrou um vaso de alabastro que continha um perfume precioso, e ungiu o Senhor, conforme ele disse, em preparação para o seu sepultamento. Alguns discípulos murmuraram: "Por que este desperdício de bálsamo? Este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres". Jesus lhes disse: "Por que a molestais? Ela praticou *boa ação* para comigo" (Mc 14.4-6). Isso significa que, enquanto adoramos a Jesus —

derramando nossa alma diante dele, agradecendo-lhe por sua graça que nos permite adorá-lo, em cada aspecto de nossa vida, colocando-o em primeiro lugar, amando-o, querendo conhecê-lo melhor, tornando-nos semelhantes a ele — Jesus nos diz que estamos fazendo algo magnífico. É grande condescendência da parte de Deus considerar apreciável o que procuramos fazer para ele, quando olha para nós e diz que somos formosos, ao falarmos de Jesus aos outros.

Talvez você conheça este hino:

Meu alvo é Deus mesmo, não gozo, nem paz,
Nem bênção, mas ele mesmo, o meu Deus.
Cumpre-lhe levar-me lá, ele mesmo e não eu,
A qualquer custo, querido Senhor, por qualquer caminho.

Uma coisa eu sei: não posso dizer-lhe não.
Um coisa faço: prossigo rumo ao meu Senhor,

Meu Deus, minha glória aqui, dia após dia.
E, na glória do céu, minha Grande Recompensa.
[18]

Acho isso bastante amável; expressa meus desejos íntimos em relação a Deus mesmo.

Uma coisa peço

Isso nos traz ao terceiro versículo que contém a expressão "uma coisa". Está em Salmos 27.4: "Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo".

Junte a essa oração a ordem de Jesus para buscarmos em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e a sua promessa de que todas as outras coisas necessárias nos serão dadas (Mt 6.33). O grande anelo de meu coração, à medida que olho para frente, é ter as prioridades corretas em todo o tempo, para agradar ao Senhor em tudo o que faço. A minha primeira e maior prioridade é agradar ao

meu amado Senhor Jesus — buscando-o para amá-lo acima de todas as coisas. E foi isto que o salmista disse: *morar* e *contemplar*.

Sinceramente, eu separo tempo para permanecer com o Senhor? Não como um visitante, como um convidado passageiro, e sim como alguém que habita e vive no templo do Senhor? Viver no templo do Senhor significa não ter nada em minha vida que não esteja na presença dele. Nós tornamos o Senhor tão íntimo em nossa vida, que tudo que fazemos é feito na sua presença e na sua companhia?

Lembre-se de Marta e Maria. Uma estava ocupada e atarefada. Ela tinha muito a fazer. A outra irmã assentou-se aos pés de Jesus, apenas para estar com ele. E Jesus declarou que Maria havia feito o que era "a boa parte" (Lc 10.42). O que Maria estava fazendo era bom. "Marta! Marta!", disse o Senhor, "andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada". Eu escolho o que é bom? Valorizo aquela hora na presença do Senhor, aquele tempo tranqüilo, quando estou sozinho com ele? Isso é essencial para sermos o que o Senhor

tenciona que sejamos. É a única maneira de nos tornarmos mais semelhantes ao nosso amado Senhor Jesus. Aquela hora pode ser realizada com dificuldade? Sim, eu sei que para uma mãe de crianças pequenas pode ser bastante difícil manter aquele tempo tranqüilo. Sei que talvez não seja possível nas primeiras horas da manhã. Mas podemos achar algum tempo em que podemos estar sozinhos com Deus. Ele nos capacitará a acharmos o tempo, se nosso coração estiver determinado a fazer isso. Guardo aquele tempo de todas as intrusões?

Amo ler a Palavra de Deus e mergulhar nela, mais do que em jornais, revistas e qualquer outra coisa? Honestamente, a Palavra de Deus é preciosa para mim? Se lermos a Palavra de Deus, nos tornaremos mais semelhantes a Jesus do que se lermos o jornal diário.

Tenho grande desejo pelo banquete que está preparado para mim todos os dias? Tenho fome e sede de justiça, para ser santo com a santidade de Jesus? Sou mais consciente e envergonhado do fracasso do que o era um ano atrás? Se estou crescendo em semelhança a Jesus, serei mais consciente disso. Direi com mais prontidão: perdão,

Senhor, não devia ter feito ou dito isso. Ou: eu devia ter feito ou dito isso. Serei mais imediatamente sensível ao guiar de Jesus ao arrependimento. Ele é belíssimo aos meus olhos e coração? Quero que a sua beleza esteja em mim? Amo Salmos 90.17: "Seja sobre nós a graça do Senhor". A graça do Senhor é parte da sua beleza de caráter. Pense em Gálatas 5.22-23: "O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gl 5.22-23). Isso é a formosura de Jesus. Ela é vista em mim?

Em nossos lares, isso pode impor-nos mais exigências. O que realmente importa é o que os membros de nossa família pensam sobre nós, e não o que os outros pensam quando estamos ministrando uma palestra. Quando estamos ministrando uma palestra, todos podem pensar que somos maravilhosos! No entanto, é quando estamos em casa, com as pessoas que nos conhecem bem, que acontece o verdadeiro teste. Você e eu estamos revelando a formosura do Senhor Jesus?

Que a beleza de Cristo se veja em mim
Toda a sua admirável pureza e amor
Ó tu, chama divina, todo o meu ser refina
Té que a beleza de Cristo se veja em mim.[19]

Anelo contemplar a beleza do Senhor, de modo que possa refleti-la? Naquele maravilhoso versículo de 2 Coríntios 3.18, Paulo diz que devemos ser espelhos que refletem o encanto, a glória, a beleza de Jesus, para que outros o vejam, ao olharem para nós. Isso está realmente acontecendo? Essa é, de fato, uma expressão que me descreve?

Alguns de meus versículos favoritos estão em 1 João 3 — os primeiros três versículos. "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus... Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" — Aquele que é totalmente desejável. Ele é belíssimo. E foi isso que o salmista disse em Salmos 27.4: "... que eu possa morar na Casa do SENHOR... para contemplar a beleza do SENHOR". Minha vida, lábios, ações, motivações, reações a outras pessoas — tudo deve

refletir a formosura de Jesus. Há um hino que expressa tudo isso:

Que *a mente de Cristo*, meu Salvador,
Viva em mim, dia após dia.
Por seu amor e poder controlador,
Tudo eu possa fazer e viver.

Que *a Palavra de Deus* habite ricamente
Em meu coração, hora após hora,
De modo que todos vejam meu triunfo
Tão-somente por meio do seu poder.

Que *a paz de Deus,* meu Pai,
Domine minha vida em tudo,

Para que eu possa consolar
Os enfermos e os entristecidos.

Que *o amor de Jesus* encha-me
Como as águas enchem o mar,
Exaltando a Ele, humilhando o eu.
Isso é vitória!

Que eu corra a carreira proposta,
Forte e bravo, para enfrentar o inimigo,
Olhando somente para Jesus,
Enquanto prossigo adiante.

Que sua beleza esteja em mim,
E eu procure os perdidos salvar.
Esqueçam eles o instrumento
E vejam somente a Jesus.[20]

FAZEI, NESTE VALE, COVAS E COVAS

Ao mesmo tempo em que anelo por isso, há

outra coisa que desejo trazer à sua atenção. Temos de refletir a beleza de Cristo — isso é verdadeiro e necessário — mas temos uma responsabilidade específica. Há pouco tempo, tive o meu octogésimo aniversário e recebi um e-mail de um amigo que era apenas dez dias mais velho do que eu. Ele me enviou boas-vindas ao que chamou de Clube dos Octogenários e escreveu: "Quero lembrar-lhe uma coisa. Há apenas uma regra no Clube: *a aposentadoria* é proibida. Ninguém se aposenta enquanto há tanto para fazer". Como isso é absolutamente verdadeiro!

Há algum dos leitores que está se aproximando da aposentaria, ou apenas começando a sua aposentadoria, ou aposentando-se cedo? Você compreende que esta é a oportunidade de ouro de sua vida? Você não tem mais de ir trabalhar das oito às seis, para cumprir os deveres de sua função. Você está livre para servir a Jesus de tempo integral, e não de meio período. Tem de haver mais, e não menos: mais tempo na presença dele, refleti-lo mais, falar mais de Jesus aos outros. A coisa admirável é que o Deus todo-poderoso nos convida a trabalhar para ele.

Depois que voltei da África, e ficou claro que não seria mandada de volta, fui designada para um trabalho da missão em meu próprio país. Pedi ao Senhor que me desse um versículo para me guiar e me dar confiança de que aquela era a sua vontade. Estava deitada na cama do hospital, onde fizera uma cirurgia. Recuperando-me da anestesia, pedi à enfermeira: você poderia abrir a minha Bíblia no lugar em que está o marcador? Ela o fez e a colocou diante de mim. Olhei e vi que a Bíblia estava aberta em 2 Reis 3. Pensei: *como Deus pode me guiar com base em 2 Reis 3?* Comecei a ler o capítulo e orava: ó Deus, por favor, quero um versículo que diga: "Assim diz o Senhor". Deve ser tão claro que não o esquecerei. Deve ser tão claro que, ao compartilhá-lo com a missão, eles saberão que é a tua voz. Enquanto lia aquele capítulo, percebi que já conhecia a história — eu a havia ensinado aos estudantes na África. Portanto, sabia o desenrolar da história, mas não sabia qual era o versículo que continha o "Assim diz o Senhor". De repente, eu o vi: "Assim diz o Senhor". Mas eu não o queria. Fiquei assustada. Pensei: *não sei o que Deus vai me dizer*. Pus a mão sobre o versículo. Depois, li este

admirável versículo que Deus falava aos reis de Judá, Israel e Edom, por meio do profeta Elias. "Assim diz o SENHOR: Fazei, neste vale, covas e covas" (2 Rs 3.16).

2 Reis 3 é uma história interessante. Tanto é linda como estimulante. No versículo seguinte, depois de dizer: "Fazei, neste vale, covas e covas", Deus prossegue e diz, em essência: "Vocês não verão chuva, nem ouvirão vento". Deve ter parecido bizarro, até estúpido. Ali estavam eles — um exército à beira do leito dum rio seco que os separava do reino de Moabe, e Deus estava dizendo aos soldados não treinados em fazer covas e que não tinham pás: "Fazei, neste vale, covas e covas". Todavia, à medida que lemos a história, vemos que fizeram exatamente o que Deus lhes havia dito. Eram um exército disciplinado. Tiveram de ajoelhar-se e cavar... com as mãos. As covas tinham, possivelmente, um metro de comprimento, trinta centímetros de profundidade e dez centímetros de largura. Às vezes, imagino com admiração: enquanto todos estavam ocupados cavando — talvez alguns milhares de soldados fazendo covas — enquanto cada um fazia a sua cova e jogava para

fora a terra, o homem de trás poderia muito bem ter jogado de volta a terra. Pude sentir cada homem ficando irritado com o outro. Acrescente-se ao desconforto deles o fato de que Deus havia dito que não veriam chuva. Talvez eles pensaram que aquela atividade não fazia qualquer sentido. Apesar disso, encheram o vale de covas. E, durante a noite, Deus encheu de água as covas. Eles acordaram de manhã e viram água no vale. Havia água suficiente para os seus animais e para eles mesmos. Enquanto isso, o exército dos moabitas, no topo da colina, olhou para baixo e viu o exército israelita, quando o sol da manhã surgiu. O sol resplandeceu sobre a água, e os moabitas viram o que pensaram ser sangue! E disseram: "Incrível! Os exércitos, lá embaixo, lutaram um contra o outro, e seu sangue enche o vale. Desçamos e peguemos os despojos". Mas foram vencidos, totalmente devastados. Deus proporcionou uma maravilhosa vitória ao seu povo.

Enquanto eu lia aquela história, Deus me disse: "Faça covas *neste* vale". Ora, a palavra n*este* envolve o tempo presente. É onde você está agora. Não é o vale de algum outro dia, em sua vida, ou de alguma outra pessoa. "Fazei, *neste* vale, covas e

covas.” Se você tiver um senso do vale que está ao seu redor — talvez seja um novo começo, uma chance de emprego, pode ter havido tristeza, pode ter havido sofrimento, pode ter havido diferentes razões — mas *isso* fala da situação em que você está agora. É o vale de cada pessoa em particular.

Além disso, a palavra “*fazei*” é ativa. “Fazei, neste vale, covas e covas.” Temos de fazer alguma coisa, e temos de fazer de maneira ativa. Talvez seja um trabalho árduo. Talvez fiquemos com as mãos cheias de bolhas. Sentiremos sede e ninguém nos agradecerá pelo que fizemos. “Fazei, neste vale, covas e covas.”

Desde aquela época, tenho praticado esse versículo. “Fazei, neste vale, covas e covas.” Compreendo que Deus não precisa de mim ou de você. Ele é soberano e todo-poderoso; não precisa de nós para alcançar os povos não alcançados do mundo. No entanto, Deus resolve, em sua misericórdia graciosa, usar-nos. Ele quer que sejamos *pás* em suas mãos. Deus quer que estejamos dispostos a fazer suas covas, usando-nos como pás onde ele nos coloca. Isso é admirável, bastante admirável.

Eu faço parte de uma organização no Reino Unido chamada *The Girl Crusaders' Union*. Em 2007, essa organização completou 90 anos. Pediram-me para falar em cinco reuniões da organização na Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda e Londres. O assunto que me foi proposto era "Deus resolve usar pás". Temos de compreender esse fato admirável. Deus sabe exatamente *o que* deseja que seja feito, *onde* deseja que seja feito e *quando* deseja que seja feito.

Estamos disponíveis? Não devemos ficar ressentidos, se ele resolver não nos usar, pegando o rastelo ou o garfo e nos deixando no galpão de ferramentas. Isso é ótimo. Deus sabe o momento e o lugar adequado em que deseja usar-nos para fazer o que ele quer que façamos. Deus quer usar todos nós até ao final.

Este será o nosso futuro: estar completamente envolvidos em servir este maravilhoso e amável Senhor como seus *embaixadores,* levando o seu evangelho àqueles que estão à nossa volta. É um grande privilégio — um privilégio maravilhoso. O fato de que Deus quer usar-nos em sua obra de alcançar outros com o evangelho é um privilégio

inacreditável.

Tudo que tenho de perguntar é: *meu vale já está cheio?* Se eu chegasse ao momento em que pudesse dizer: querido Senhor, tenho feito covas por muito tempo. Estou terrivelmente cansada de fazer isso. O Senhor não me poderia dar um novo versículo? Talvez ele me dissesse: "Seu vale ainda não está cheio". Por isso, ainda estou fazendo covas. Possivelmente, o que Deus lhe deu a fazer seja uma coisa bem simples. Talvez você seja uma dona de casa — apenas limpa a casa, faz comida, cuida das crianças. Talvez você seja o provedor da família — fica empacado no trânsito devido aos engarrafamentos, enquanto vai ao trabalho pela manhã, sendo um representante de Jesus onde quer que vá, no trânsito ou no trabalho. Estudantes universitários, vocês são representantes de Jesus, permaneçam firmes por ele, mesmo quando isso não é politicamente correto.

Assim, com uma visão do topo do monte, procuremos conhecer melhor a Cristo. Procuremos, espontaneamente, trabalhar com afinco nos vales, mesmo quando as mãos estão cheias de bolhas, capacitados pelo infinito poder de sua ressurreição.

Procuremos nos tornar disponíveis para ele, a fim de que nos envie a fazer covas onde ele quiser, lembrando-nos em todo o tempo que é um privilégio compartilhar Jesus com os outros neste mundo arruinado pelo pecado. Devemos, todos nós, revestir-nos da "armadura de Deus" para "resistir no dia mau" e, depois de termos feito tudo, permanecer inabaláveis (Ef 6.13). Não desista. Não desanime. Não perca a coragem. Continue avançando até ao fim, olhando para Jesus.

Termino onde comecei, em Hebreus 12.1-2:

Corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus.

E não pare de correr, até que tenha tocado a linha de chegada. Amém.

Entrevista com Randy Alcorn, Jerry Bridges, John Piper e Helen Roseveare

Justin Taylor

Justin Taylor: Jerry, você tem escrito e falado muito sobre o fato de que o evangelho se aplica à vida diária dos crentes. O evangelho não é somente para os incrédulos, é para nós, em nosso viver diário. Você disse, em sua palestra, que nem sempre acreditou nisso. Houve uma época em que você imaginava que o evangelho fosse somente para os incrédulos, e foi com essa idéia que você começou a vida cristã. Como você descobriu e como sua mente foi despertada para o fato de que o evangelho é também para os crentes?

Jerry Bridges: Isso aconteceu realmente no começo dos anos 1960, quando eu servia ao

ministério *The Navigators,* na Holanda, e passava por algumas lutas. Satanás me importunava muito, e em grande desespero comecei a pregar o evangelho para mim mesmo, usando passagens como Isaías 53.6: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos". Também cantei alguns dos velhos hinos evangélicos, como: "Tal qual estou eis-me, Senhor, pois o teu sangue remidor verteste pelo pecador; ó Salvador, me achego a Ti!" Isso era o que estava fazendo, mas infelizmente não o compreendi. Quero dizer: eu achava que o problema era eu mesmo. Vários anos mais tarde compreendi que em minha vida ocorrera uma significativa mudança de paradigma: deixei de pensar que o evangelho era só para incrédulos e compreendi que ele era para mim. Comecei a compartilhar isso e ensiná-lo aos outros.

Justin Taylor: Quando você descobriu os puritanos? Pode nos falar um pouco sobre o que os escritos deles significam para você? Sei que muitas pessoas nunca leram escritos dos puritanos. Onde você recomenda que elas comecem?

Jerry Bridges: Bem, descobri os puritanos

também nos anos 1960. Em San Diego (Califórnia), havia uma senhora idosa, bastante simpática que observava o ministério *The Navigators,* onde eu estava nos anos 1950. Ela começou a enviar-me livros dos puritanos. O primeiro que ela me mandou foi *Sin and Temptation* (Pecado e Tentação), escrito por John Owen. Esse livro me ajudou tremendamente. Depois, ela me enviou *The Existence and Attributes of God* (A Existência e os Atributos de Deus), a grande obra escrita por Stephen Charnock. Eu estava interessado no assunto da santidade, por isso olhei imediatamente o sumário e fui ao capítulo sobre a santidade de Deus, que continha cem páginas. Quando os puritanos tratavam de um assunto, não deixavam nada a ser dito! Comecei a ler o capítulo sobre a santidade de Deus. Não havia lido mais do que doze páginas, quando me vi prostrado, de joelhos, na presença de Deus, conquistado por sua santidade. Levantei-me e comecei a ler novamente; algumas páginas mais, e estava outra vez prostrado, de joelhos. Foi assim que comecei a conhecer os puritanos.

Justin Taylor: Quem você recomendaria? Se alguém desejasse começar a conhecer os puritanos,

você recomendaria Charnock e Owen?

Jerry Bridges: Sim. Uma das vantagens de Owen é que muitas de suas obras já foram colocadas em linguagem contemporânea. Você mesmo, Justin, teve uma parte no trabalho de trazer aos leitores modernos *Sin and Temptation* (Pecado e Tentação), em sua língua original, mas de um modo que o tornou mais compreensível. Penso que você acabou de fazer o mesmo em *Communion with God* (Comunhão com Deus), também escrito por Owen. No que diz respeito a Charnock, o leitor deve procurar a editora The Banner of Truth. Qualquer livro dos puritanos que eles tiverem publicado, compre-o; é bom.

Justin Taylor: Randy, gostaria de dirigir-me a você, agora. Ainda no assunto de livros, sei que, ao viajar, você leva livros consigo e os dá. O Senhor tem usado poderosamente esse pequeno passo de fé. Você poderia nos contar histórias sobre isso?

Randy Alcorn: Há muitos anos estou convencido das disposições divinas e, freqüentemente, antes de viajar, oro ao Senhor: *no avião, coloque-me perto daquela pessoa da qual o Senhor quer que eu esteja próximo*. Conheci

pessoas nos aeroportos. Conheci taxistas. Se você quer conhecer pessoas de quase todo o mundo, são os taxistas. Tenho oportunidades de compartilhar o evangelho e distribuir livros. Geralmente carrego livros pequenos, evangelísticos, diferentes uns dos outros.

Na semana passada, estive em Charlotte, e houve uma mulher com a qual compartilhei algumas verdades. Quando voei para cá, Mineápolis, no aeroporto havia uma mulher que me fez uma pergunta. Era uma senhora idosa que estava um pouco perturbada porque a sua bagagem não chegara. Disse à minha esposa: Nanci, sinto que devo retornar àquela mulher e dar-lhe um livro. Assim, peguei uma cópia de meu livro *50 Days of Heaven* (50 Dias de Céu) e caminhei até à mulher. Enquanto eu andava em sua direção, ela andava na direção contrária e caiu. Cheguei até ela, e outras pessoas chegaram também, para ajudá-la. Foi colocada em uma cadeira de rodas, e comecei a conversar com ela, assegurando-me de que estivesse bem. Ela sabia que eu era o homem que há pouco conversara com ela sobre a bagagem. Olhei e disse: Senhora, a razão por que retornei é que sou um

escritor e gostaria de lhe dar um de meus livros. Posso colocá-lo em sua bolsa, aqui? O seu marido estava ali, ao seu lado. Ela respondeu: "Não, quero-o agora". Assim, assentada, ela começou a lê-lo. Em seguida, ela foi levada na cadeira de rodas. Pensei: *ora, aí vai uma mulher que pode realmente ler porque não está andando; está sendo conduzida na cadeira de rodas através do aeroporto. Mas ela teve uma experiência assustadora que a faz recordar de sua própria mortalidade*. Vejo Deus fazer isso repetidas vezes.

Certa vez estava caminhando pelo aeroporto, em Chigaco, e havia uma moça assentada em determinado local. Estava lendo a Bíblia; eu tinha somente um livro em minha pasta. Sempre oro: Senhor, ajuda-me a ter o livro certo para a pessoa certa. E aconteceu que eu tinha o meu romance *Safely Home* (Lar Seguro), que comumente não levo comigo devido ao seu tamanho. Com freqüência, levo livros menores. Mas senti que o Senhor desejava que eu lhe desse aquele exemplar. Assim, fui até à moça e lhe disse: Olá, você não me conhece. Eu escrevi este livro, *Safely Home*; pegue-o, é para você. Entreguei-lhe o livro. Estava atrasado

para a próxima conexão. Ela disse: “Obrigada”. E isso foi tudo. Seis anos depois (no ano passado), recebi um e-mail dessa moça. O e-mail vinha da China e dizia: “Talvez você não se lembre de mim. Estive, certa vez, no aeroporto O’Hare, em Chigaco. Você me viu lendo a Bíblia e me deu um exemplar de seu livro *Safely Home*”. Logo, lembrei-me da moça. Ela disse mais: “Quero apenas informar-lhe que li seu livro, e Deus me atraiu a um nível mais profundo de compromisso com Cristo. Ele me chamou a estudar o mandarim e, como resultado da leitura daquele livro, vim como missionária à China”.

Quando leio essas histórias, digo: Senhor, quão gracioso de tua parte e quão simples para mim! Tudo que fiz foi dar-lhes um livro.

Contarei uma última história. Estávamos em um avião, viajando de algum lugar para casa. (Este tipo de coisa não acontece somente em aviões, mas é o que me ocorre agora.) Havia um rapaz que seguia viagem para a Universidade de Oregon. Ele disse que era iraniano, um descendente de iranianos. Ele não era crente. Conversamos a respeito de algumas coisas. Desfrutávamos de uma conversa legal.

Naquela ocasião, eu tinha meu livro *Deadline* (Prazo Final), outra novela que não costumo levar comigo. Tivemos uma boa conversa sobre o Senhor, mas não consegui fazer uma apresentação completa do evangelho. Eu lhe disse: veja, aqui está uma novela que escrevi. Ela retrata algumas dimensões espirituais. Narra o mistério de um assassinato e esse tipo de assunto. Talvez você goste dela. E isso foi a última coisa que soube do livro. Orei por aquele rapaz nas semanas seguintes, mas, como sempre acontece, as pessoas desaparecem de nossa lista de oração.

Alguns anos atrás, eu estava falando em minha igreja, em Oregon. Uma moça se aproximou e perguntou: "Você é Randy?" Sim, eu respondi. "Bem, vou lhe contar algo. Você não sabe disso porque o rapaz me disse que nunca lhe falou nada sobre isso, nem o contatou. Mas, você lembra de um rapaz, um jovem iraniano, ao qual você deu um romance?" Com certeza, eu disse; sim, lembro-me dele. A moça continuou: "Bem, ele foi à Universidade de Oregon. Aconteceu que chegou adiantado. Foi ao dormitório. Ninguém estava lá. Em todo o dormitório, não havia ninguém. Estava

completamente sozinho e entediado. Pegou o seu livro. E o leu durante a noite. No meio da noite, quando achou um personagem lendo *Mere Christianity* (Cristianismo Puro e Simples), se ajoelhando, confessando os seus pecados e entregando sua vida a Cristo, aquele rapaz fez a mesma coisa: ajoelhou-se, confessou seus pecados e entregou sua vida a Cristo". Enquanto eu ouvia isso, pensei: *uau!* Mas ela prosseguiu: "E quero que você saiba que aquele jovem é o rapaz mais piedoso que já conheci". Em outras palavras, não era apenas uma história de conversão; aconteceu que o fruto do Espírito nascera na vida do rapaz. Não conheci bem o rapaz. Talvez não o verei novamente, a não ser no Céu.

Deus é tão gracioso em fazer essas coisas. Acho que não ouviremos muitas dessas histórias até chegarmos ao Céu. E como isso será grandioso.

Justin Taylor: Dra. Roseveare, há alguma biografia específica de um missionário que lhe causou impacto e que a senhora recomendaria?

Helen Roseveare: A biografia de Isabel Kuhn. Não posso lembrar mais o título, mas é maravilhosa. Qualquer dos livros dela. Sou de uma geração um

pouco mais velha do que a da maioria de vocês, porém recomendo Hudson Taylor (se possível a biografia original em dois volumes). Também Amy Carmichael e qualquer coisa procedente de Dohnavur.

Justin Taylor: Gostaria de perguntar-lhe a respeito de ser solteiro e sobre o fato de uma mulher ser solteira. Sei que muitas mulheres passam por lutas como solteiras. Poderia dar algum conselho a respeito de permanecer fiel durante a longa jornada no estado de solteira e como relacionar essas duas coisas?

Helen Roseveare: Aqueles que são solteiros e desejam que eu diga alguma coisa não gostarão do que lhes direi: *ser solteiro é um privilégio*. Deus tem sido tão bom para comigo. Sim, houve duas ou três ocasiões em que teria sido melhor ter um esposo. Não que eu quisesse ter um esposo. Eu queria um homem em casa para consertar a perna de uma cadeira, quando ela quebrasse! Mas, sinceramente, o Senhor Jesus tem sido a minha suficiência completa. É um privilégio, porque, sendo solteira, no campo missionário, pude fazer coisas que certamente não faria se fosse casada, tivesse

uma família ou as responsabilidades de um lar. Eu era livre. Podia entrar em qualquer lar da África. Não tinha de olhar primeiro e pensar: *aqui há um paciente leproso que poderia infeccionar minha família?* Podia entrar. E não tinha de olhar ao relógio para certificar-me de voltar para casa em tempo de preparar a refeição noturna das crianças. Eu era livre, e Deus me abençoou grandemente assim. Ele me deu irmãs africanas que eram mais achegadas do que qualquer irmã de sangue. Tenho mantido com elas uma amizade em um nível que não poderia manter se fosse casada. Tem sido um privilégio.

Mantenha seus olhos em Jesus. Nunca permita que alguém lhe diga, faça a sugestão ou mesmo pense que Deus lhe deu o seu segundo melhor. Deus não conhece a expressão "segundo melhor". Ele lhe prometeu o *seu* melhor.

Justin Taylor: Na conferência, falamos sobre a nossa própria morte e perseverança até ao final. Sei que a morte de pessoas que amamos é um grande desafio à nossa fidelidade. Há pessoas que dizem: "Se eu perdesse um filho, a esposa ou minha mãe, não sei como poderia viver". Como vocês

aconselham pessoas nessa situação? John e Jerry, sei que cada um de vocês experimentou situações de perda de pessoas que amavam muito. Como vocês a enfrentaram e se mantiveram fiéis? E como aconselham pessoas que passam por esse tipo de tristeza, que lhes desafia a fé?

Jerry Bridges: É claro que sou mais um mestre do que um pastor. De fato, não sou pastor de modo algum. Nunca exerci o pastorado. Por isso, não me vejo freqüentemente em meio a essa situação. Mas retornarei ao que disse em minha palestra. Temos de nos apegar às promessas de Deus: a promessa de que ele jamais nos deixará e nunca nos abandonará (Hb 13.5) e a de que nada nos separará do seu amor (Rm 8.35-39); bem como a promessa de 2 Coríntios 12.9: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". Neste ano, estou acompanhando um amigo cuja esposa faleceu em 1º de janeiro, e sempre lhe apresento essas passagens e o fato de que Deus faz tudo bem.

John Piper: Eu não estava certo de que você estava fazendo uma ou duas perguntas. Então, considerarei ambas. Como você aconselha uma pessoa que diz: "Não sei o que faria, se meu filho

morresse”? Essa é uma pessoa. No caso da outra pessoa, o seu filho já morreu. No primeiro caso, você tem algum tempo antes do acontecimento; e o que você quer fazer, como pastor, é construir na vida das pessoas um tipo de visão de Deus, de sua soberania e de sua bondade que as prepare para tais situações. Considero que uma das minhas principais responsabilidades como pastor de uma igreja é pregar, ensinar e viver de tal modo que prepare as pessoas para sofrer. E sofrer, no nível mais grave, é perder o que lhe é precioso, quer seja a sua própria saúde, quer seja a vida de alguém. Creio que, se pessoas dizem algo nesses termos, isso é um sinal para aqueles que conhecem um pouco sobre a vida delas. Talvez o tenham dito sem pensar, mas é um sinal de que, biblicamente, elas não estejam preparadas para levarem sua alma a dizer: “Sei o que farei. Eu me confiarei a Deus. Isso é o que eu farei. Enxugarei meus olhos e me confiarei a Deus, e isso é o suficiente”. Isso é o que deveriam dizer; é o que eu diria.

Se a morte já aconteceu, devemos perguntar: onde eles estão teológica e espiritualmente? Estão irados com Deus? Estão em desespero? Ou estão

firmes e estáveis? Tente discernir isso em relação ao momento e à natureza dos seus comentários. Mas, no sentido geral, ponha seus braços ao redor da pessoa e ampare-a por quanto tempo for preciso... Não sei como chamar isso. Não quero dizer "curar" ou "firmar". O tempo é admirável no que pode fazer com os horrores de um momento. Tempo. Uma hora faz diferença. Um dia faz diferença. Uma semana faz diferença, e um mês faz diferença, e dez anos fazem diferença.

Conversei com um homem que sabia que havíamos realizado, na quarta-feira passada, o funeral de nossa neta que nasceu morta. Ele me disse: "Amanhã é o 20º aniversário de nosso filho natimorto". Pense nisso. Por vinte anos eles não conheceram aquele bebê e ainda marcam o dia, porque uma dor pode durar muito tempo. No entanto, como ele indicou, hoje a experiência é completamente diferente do que o foi naquela época. O tempo possui um efeito admirável sobre isso.

O que você quer fazer é amparar essas pessoas enquanto o tempo passa. Ampare-as. Talvez elas tenham o desejo de atirarem-se à frente de um carro

ou lançarem-se de um precipício, mas você as segurará e não permitirá que isso aconteça. Diga-lhes: "Estou ao seu lado. Estou com você. Como representante de Jesus, sou a sua força". Ampare-as por bastante tempo e não diga, necessariamente, qualquer coisa. E procure discernir o que elas precisam que você lhes diga. Como pastor, não tenho qualquer discurso preparado de antemão. Não tenho um sistema de arquivos com mensagens: "Morte de Bebês", "Morte de Esposa". Não tenho coisas desse tipo.

Portanto, quando um homem, membro de nossa igreja, perdeu a esposa de quase 36 anos, cinco semanas depois, eu pensei: *talvez ele precise de uma mensagem hoje*. Escrevi uma carta longa e lhe enviei. Ele me telefonou e saímos para almoçar juntos. Abriu seu coração e disse quão significativa fora aquela carta. Vocês sabem: muito da consolação termina em duas, três ou quatro semanas, e você tem de continuar a vida, que se mantém indiferente. Ninguém sabe exatamente o que lhe dizer. Por isso, o fato de que alguém pára e tenta lhe dizer algo, motivado por empatia, cinco semanas depois, é realmente significativo.

Justin Taylor: Dra. Roseveare, muitas pessoas pensam em missões e sentem-se chamadas à obra missionária, mas temem a perspectiva de sofrimento. Podem ler as biografias que a senhora indicou, ler suas próprias obras e ter um verdadeiro temor do sofrimento. Elas sabem que estão vivendo como cristãos aqui mesmo, na América, vivendo com dedicação e fidelidade, e raciocinam: "Se eu for a outro país e passar por muitos sofrimentos, não sei como reagirei e tenho medo disso". O que a senhora diria a alguém que está hesitando entre permanecer aqui e ir a outro país?

Helen Roseavere: Sei que naquela noite em que conheci o Senhor Jesus como meu Salvador, às sete horas, eu estava em uma festa de jovens celebrando o Natal, nas férias da universidade. Desci à reunião e alguém me disse: "O que aconteceu com você?" Acho que eu estava extasiada pela maravilha de que Deus me amou tanto que enviara Jesus para morrer por mim. Ganhei uma Bíblia, e aquela foi a primeira! O homem que dera os estudos naquela comemoração familiar, o Dr. Graham Scroggie, escreveu *Filipenses 3.10* na primeira folha de minha Bíblia. Hoje, autografei alguns livros para vocês,

que acharão *Filipenses 3.10* escrito neles, porque esse é o versículo que me foi dado. Primeiramente, ele citou o versículo para mim: "Para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte". Depois, ele disse: "Nesta noite você começou a experimentar este versículo: 'Para o conhecer'. Minha oração é que, nos anos por vir, você conheça cada vez mais o poder da ressurreição de Cristo". Ele era um homem bem sincero e correto e, com calma, olhando diretamente para mim, disse: "Talvez um dia Deus lhe dará o privilégio de conhecer algo da comunhão dos sofrimentos de Cristo". Eu me tornara cristã havia meia hora e me fora dito que sofrer por Jesus é um privilégio.

Desde aquele dia, acho que a palavra *privilégio* ficou comigo mais do que qualquer outra palavra de minha vida cristã. É um *privilégio*. É um privilégio ter sido salva por ele. É um privilégio que ele me permite ter parte no falar de Cristo aos outros. Tudo tem sido um privilégio. Na mesma noite em que conheci a Jesus como meu Salvador, disseram-me que era um privilégio ter comunhão em seus

sofrimentos. Receio que, na atmosfera em que vivemos hoje, nós — ou seja, qualquer um de nós que tem o privilégio de evangelizar os outros, de encorajar outros a aceitarem a Jesus como seu Salvador — não enfatizemos imediatamente que a vida cristã envolverá sofrimento. Em nosso país, não sabemos, de fato, o que é perseguição, mas nos países muçulmanos esperamos que os novos crentes suportem o sofrimento e achamos isso maravilhoso da parte deles. Não pensamos assim quanto a nós mesmos. Contudo, devíamos todos nós saber que, se amamos o Senhor Jesus, ele mesmo disse: "Se alguém quer vir após mim, tome a sua cruz e siga-me". E para onde ele estava indo? Para o Calvário; e o seguimos até lá.

A vida de morte do *eu* — a morte de nossas ambições, bem como de nossos direitos de ser quem e o que desejamos e de estar onde desejamos; o render isso a Jesus e permitir que ele viva sua vida em nós e por meio de nós, em qualquer circunstância — envolverá sofrimento. Creio que o Salvador sofre hoje por causa dos milhões de pessoas não alcançadas que nunca ouviram sobre o nome de Jesus. Ele nos convida. É um privilégio. É

um privilégio ser convidado a compartilhar com ele de seus sofrimentos.

Não tenho qualquer panacéia a oferecer-lhe. Não tenho meios para dizer-lhe que não sofrerá. Você sofrerá. Se você é um verdadeiro cristão, sofrerá. Os cristãos são habitados por Jesus, e ele sofreu.

Justin Taylor: Randy, quais são as estratégias práticas que você usa ou tem usado em sua própria vida (ou encoraja outros a usarem) para desenvolver coragem? Para pessoas que temem o homem, que desejam evitar o sofrimento ou amam o conforto, quais são algumas coisas práticas que podemos fazer para sermos mais corajosos?

Randy Alcorn: Acho que Deus tem de colocar isso em nosso coração. Isso se relaciona ao que disse antes sobre os membros de nosso corpo. Por exemplo, você está numa situação. Muitos de nós estamos em situações de proximidade de outras pessoas: talvez estejamos em um ponto de ônibus, em um restaurante ou conheçamos alguém em algum lugar — não importa a situação, sentimos esta propensão da parte do Senhor: *devo falar alguma coisa sobre Jesus*; *devo compartilhar minha fé ou,*

pelo menos, começar a conversa a partir de algum assunto. O que digo às pessoas e o que experimento em minha própria vida é que você precisa abrir a boca e começar a falar. A grande batalha é o que vem antes, e não o que vem depois disso. Uma vez que você já assumiu o compromisso de que falará sobre Jesus, poderá falar sobre ele. Mas, o que o impede? *Ó Senhor, ajuda-me... oh! o Senhor sabe... poderia apenas...?* Quando a conversa engrenar, ela continuará. Com coragem, freqüentemente o que você precisa é dar o primeiro passo.

Minha esposa é bastante corajosa. Ela é bastante corajosa, porque não gosta de viajar de avião. E muitas pessoas que não gostam de viajar de avião realmente não viajam. Mas ela viaja. Não preciso de coragem para voar em um avião, porque não tenho medo disso. O que exige coragem é ter medo de fazer algo e fazê-lo de alguma maneira. Penso que isso é o que nos falta freqüentemente na vida cristã. Perguntemos a nós mesmos: "Devemos falar?" Digo aos jovens universitários que não é bom que eles fiquem na sala de aula, ouvindo os professores difamarem o nome de Cristo dia após dia, e não falem sobre Cristo. Você deve falar e confessar a

Cristo diante dos homens. Se o fizer, experimentará crescimento e recompensa. Na classe, haverá outros alunos que dirão: "Sim, também penso assim". Eles também começarão a falar.

Deus recompensa a coragem, mas esse é o primeiro passo. Diga a Deus: "Farei isso e confiarei que tu me ajudarás a fazê-lo. Não esperarei até que tu abras miraculosamente a minha boca. Tenho de fazê-lo e o farei".

Justin Taylor: Jerry, você passou décadas trabalhando com universitários. Estou certo de que viu muitas mudanças através dos anos. O que o encoraja mais e o que o preocupa mais no que diz respeito a esta geração?

Jerry Bridges: O que me encoraja mais é que, por um lado, creio haver uma fome genuína, especialmente entre os jovens crentes que chegaram a conhecer a Cristo. Eles querem mesmo crescer e estar envolvidos. Em nossa organização, *The Navigators*, encontramos, todo verão, centenas de estudantes que estão indo a viagens missionárias de curta duração e coisas semelhantes.

Contrário a isso, acho que o mais preocupante é o fato de os estudantes, tanto de dentro como de

fora da igreja, não terem qualquer noção do pecado. Eles acompanham o mundo, e, como isso não é realmente vergonhoso, nem é, por assim dizer, contrário à cultura em que vivem, tudo é aceitável. Não há vergonha quanto à imoralidade e coisas semelhantes. Fui convidado a dar palestras a um grupo de estudantes em um estado específico, e o pastor do campus me disse, em particular: "Estou preocupado com o fato de que a imoralidade começou a penetrar no nosso grupo, aqui". E isso é, de fato, uma preocupação tremenda em nossos dias. É óbvio que, em nossa cultura, o que a Bíblia chama de imoralidade é admitido como algo normal. Não há qualquer sentimento de vergonha ligado a isso. E os estudantes estão aderindo à imoralidade.

Justin Taylor: Você pode falar-nos um pouco a respeito de seu livro *Respectable Sins* (Pecados Respeitáveis) e o que o motivou a escrevê-lo?

Jerry Bridges: Os pecados respeitáveis são pecados que os cristãos toleram em sua vida — orgulho, espírito crítico, espírito de julgamento, egoísmo, fofoca, impaciência, ira e espírito não perdoador — esse tipo de coisas. A razão por que o escrevi é que, por contemplar a comunidade cristã

em sua amplitude, parece que temos começado a definir o pecado em termos de pecados flagrantes, que são cometidos na sociedade. Não vemos os nossos próprios pecados. Não estou amenizando a seriedade dos pecados flagrantes; mas nos sentimos perturbados a respeito de, por exemplo, uma denominação que ordena como bispo um homossexual praticante e não ficamos perturbados a respeito de nossa fofoca, orgulho e espírito crítico. Foi isso que me motivou a escrever o livro.

Justin Taylor: John, esta pergunta final é para você. Sei que, em uma audiência deste tamanho, há pessoas que vieram aqui talvez em um ato de desespero, prontas a desistir de seu casamento, ou do ministério no qual estão envolvidas, ou do próprio Cristo. Se você pudesse conversar com essas pessoas, o que lhes aconselharia?

John Piper: Bem, não é a vontade de Deus que alguém desista de seu casamento. Talvez seja a vontade de Deus que haja um tempo de mudança em seu ministério, mas, se pensamos em termos de desistir, provavelmente não seja o tempo. Então, a primeira coisa que diria é: *não faça isso agora*.

Depois, eu diria que, contra todas as esperanças

humanas, a pessoa deve pedir a Deus que lhe dê graça para perseverar, embora o casamento pareça não ter solução e o ministério, irremediável. Ore: "Segure-me. Segure-me. Faça um milagre. Não sei como o Senhor o fará. Não sei o que poderia ser, mas faça um milagre". Em relacionamentos com filhos, esposas e igrejas, tenho visto que você pode chegar a um ponto em que toda a estrutura emocional do relacionamento dá a impressão, conforme toda aparência racional, de não haver meios de prosseguir. Nesse momento, Satanás dirá: "É isso mesmo! Não dá mais para continuar". E você tem de possuir uma visão de Deus que lhe diga: Ele "chama à existência as coisas que não existem" (Rm 4.17). Há algumas situações que não têm solução humana. Jesus disse: "Para os homens é impossível" (Mc 10.27). Portanto, quando recebo um casal em meu escritório, e eles me dizem: "É impossível". Eu lhes respondo: vocês estão certos. E começaremos nesse ponto. Mas somos crentes no Deus vivo, cremos na realidade sobrenatural. Do nada, Deus criou o universo. Ele pode trazer do nada esperança a um casamento. No momento, você não vê aquilo como uma possibilidade racional ou

emocional. Contudo, Deus é Deus, por isso, digo a essas pessoas: peçam-lhe que ele faça isso.

Em seguida, vão à Palavra de Deus e procurem evidências de sua paciência, evidências de sua graça e versículos semelhantes. Isso é o que eu faria. A Divindade de Deus cria um futuro onde não há futuro. Do nada, ele produz algo. Nada que você me dissesse — dezoito prostitutas na experiência de seu marido, ou adultérios em série, ou "ele se tornou homossexual" — nada que você me dissesse me levaria a dizer que a solução é impossível. Nunca direi isso a respeito de um relacionamento de cumprimento de uma aliança, porque somos chamados a imitar a Cristo e a sua igreja. Cristo nunca se divorciará de sua igreja. Ela pode até abandoná-lo, mas ele nunca se divorciará de sua igreja. Ele tem o poder de trazê-la de volta. Você não tem esse poder, mas Deus tem o poder de criar do nada aquilo que se aplica às situações tanto da igreja como do casamento.

Agora mesmo conheço uma situação em que um jovem acha que é homossexual e deseja morrer. Isso é tudo que ele quer. Não quer nada mais. Seus pais estão completamente desesperados. Não sabem se,

qualquer dia, o acharão morto. Falei àqueles pais: *Há esperança. Talvez o rapaz sinta-se inclinado a ter deleite com homens. Tudo bem. Eu sou inclinado a sentir-me irado com minha esposa. Há um futuro nessa batalha. Ele precisa sentir esperança. Ele pode sentir esperança. Do nada, Deus pode trazer a solução.* Algumas situações parecem não ter qualquer esperança, e nos sentimos completamente incapazes. Todavia, se o cristianismo acompanhar esse pensamento de desesperança, desistiremos da situação e nos renderemos. Se Deus não pode produzir neste mundo uma realidade sobrenatural que destrói essas situações, o que temos para oferecer às pessoas? Somos apenas um bando de massagistas psicológicos das necessidades das pessoas e temos algumas maneiras relativas de tornar melhor a vida delas. Mas, no que diz respeito à realidade eterna, Deus intervirá.

Finalmente, procure alguém. Vá à sala de oração. Compartilhe o que for possível de sua situação. Tenha duas ou três pessoas ao seu redor, que se unam a você e peçam a Deus um milagre.

Justin Taylor: Você poderia terminar com uma oração?

John Piper: Pai, agora mesmo, situações assim são abundantes, por isso, quero unir-me a todos os que se sentem desamparados. Peço que o Senhor venha com um despertamento, um grão de mostarda de esperança. *Tudo bem. Deus é Deus. Não tenho meios de prosseguir. Faça uma janela no céu. Prepare um banquete no deserto. Faça codornizes vir não sei de onde. Faça as águas do mar se dividirem. Que o sol pare em seu curso. Que os cinco pães alimentem cinco mil pessoas.* Oh! Senhor, faça uma obra maravilhosa! Não queremos apenas falar sobre perseverança. Queremos ver tua poderosa mão conduzir pessoas em meio às crises do presente e levá-las a um dia de esperança renovada. Pedimos isso em nome de Jesus. Amém.

Entrevista com John Piper e John MacArthur

Justin Taylor

Justin Taylor: Dr. MacArthur e Dr. Piper, vocês se recordam de quando se encontraram pela primeira vez ou quando souberam do ministério um do outro?

John Piper: Acho que me recordo. MacArthur não lembraria. Anos atrás, ele bradava por todos os lados; e eu não gostava dele. Achava-o muito severo. Ele veio palestrar na Faculdade Bethel, no final dos anos 1970. Tomamos café com John Sailhammer. Essa foi a primeira vez que nos encontramos. Visto que o considerei um expositor bíblico, e não um evangelista, eu lhe perguntei: se você estivesse começando um ministério, como se asseguraria de que acontecesse evangelismo em sua igreja local? Acho que sua resposta foi: "A primeira

pessoa que acrescentaria à liderança seria um evangelista". Essa é a minha recordação de nosso primeiro encontro em um restaurante, em New Brighton (Minessota).

John MacArthur: Ele está certo; eu não me recordo desse encontro! Não gosto de dizer isso. Houve um acontecimento marcante em minha vida, e John Piper fez parte desse acontecimento. Quando escrevi *O Evangelho Segundo Jesus,* estava inquieto porque nenhuma teologia do senhorio de Cristo era ensinada pela herança teológica que, em determinado sentido, era a minha herança. Quando escrevi aquele livro, não conhecia realmente ninguém fora de meu círculo denominacional. E não sabia como o livro seria recebido. Contudo, Jim Joyce concordou em escrever o prefácio, e John Piper, uma recomendação que foi surpreendente para mim, porque naquele tempo eu não me movia nos círculos reformados. Eu era um dispensacionalista inseguro. Esse era meu mundo, e compreendi que era mais um de vocês do que um deles. Por isso, fiquei extasiado com o fato de que John escrevera uma agradável e estimulante recomendação do livro. Desde então, tenho lido e

acompanhado o seu ministério com alegria e gratidão.

Outro fato marcante de minha vida se deu quando tivemos uma pequena reunião em Louisville, e John foi designado a orar por mim. Fui abençoado pelo fato de que ele orou por mim. Nunca me esquecerei disso.

Justin Taylor: Hoje de manhã, estava olhando as datas referentes aos pais de vocês: Dr. Jack MacArthur, 1914-2005; Dr. Bill Piper, 1919-2007, quase o mesmo tempo de vida. Ambos receberam doutorados honorários da Universidade Bob Jones. Ambos eram batistas e evangelistas itinerantes. Falem-nos sobre o exemplo deles, as lições que recordam de seus pais sobre fidelidade e perseverança ou coisas específicas que foram notáveis e causaram impacto no ministério e na vida de vocês.

John Piper: Quando você diz isso, gostaria muito de ter ouvido o pai de John MacArthur. Acho que nunca o ouvi.

Poderia falar para sempre de meu pai. A principal característica do evangelismo dele era o seu caráter bastante doutrinário. Papai era saturado com

a Bíblia, na escola dispensacionalista, mas era bastante doutrinário; isso o tornava diferente. Ele realizava sua evangelização desenvolvendo a doutrina da regeneração ou a doutrina do inferno, ou a doutrina do céu, ou a doutrina do arrependimento. Era assim que ele pensava. Portanto, cresci admitindo que essa é a maneira de lidarmos com a Bíblia. Isso é o que você faz. Se você evangeliza, se pastoreia uma igreja, você pega a Bíblia e descobre o que ela significa estudando o seu conteúdo e sua coerência. E isso é a realidade. Foi um grande privilégio crescer em um lar onde meu pai saía por duas ou três semanas. Naqueles dias, ele atravessava o país durante cinco ou seis semanas, vinha para casa, permanecia quatro, oito dias e saía novamente. Muitas pessoas ficam iradas e desconcertadas por seu pai fazer isso ou aquilo, eu nunca, nunca me ressenti do ministério de meu pai, embora ele estivesse em casa apenas uma terça parte do tempo. Pareceu-me um privilégio magnífico.

Acho que o segredo era que mamãe amava o ministério dele. Ela nunca falou mal de papai. Nunca disse: "Onde ele está? Ele nunca vem para casa?" Jamais houve isso. Ao crescer, entendi que

papai tinha um chamado para sua vida, e aquele era o seu chamado. Minha tarefa, com mamãe, consistia em apoiá-lo. Quando ele retornava, contava as histórias das vitórias do evangelho. E o que poderia ser melhor? Também trazia consigo as anedotas. Sentávamos à mesa, e ele nos contava a sua última anedota.

John MacArthur. Acho que a coisa que sempre permaneceu em minha mente foi, em um aspecto pessoal, o quanto papai amava mamãe. Isso era um tesouro para mim. Aprendi como se deve amar a esposa. Ele a amava e aos seus filhos de maneira singular — essas são qualidades preciosas. Ele era um evangelista que servia na Fuller Foundation. Ele e Charles E. Fuller eram evangelistas que viajavam juntos ao redor dos Estados Unidos. Era também evangelista no Instituto Moody, quando William Colbertson era o seu presidente. Viajava por todos os lugares, realizando reuniões em cidades no Meio Oeste e no Leste. Ele formou-se no Eastern Seminary, na Filadélfia, e, por isso, tinha muitas contatos no Leste do país.

Tive o mesmo tipo de experiência de um filho que morava na Califórnia, cujo pai viajava por

longos períodos de trem e realizava reuniões e encontros nas cidades, aqui e ali. Foi até ao exterior algumas vezes, para realizar reuniões. E como você, John, nunca me ressenti disso. Era maravilhoso quando ele saía e quando retornava ao lar.

Mas, finalmente, ele se tornou pastor, e tive o privilégio de viver sob o seu ministério, desde os anos da pré-adolescência. Ele expôs Mateus, Romanos e João, sempre com uma inclinação apologética. Estava sempre aprendendo sobre as evidências da veracidade bíblica, tentando sempre responder ao crítico, à pessoa que não tinha razões para crer na Bíblia. Tudo estava vinculado a isso, que se tornou a ênfase predominante de seu programa radiofônico *Voz do Calvário*, durante quase sessenta anos. Ele era fiel. Costumava começar o programa tocando marimba. Tocava o tema musical no início e no fim, e pregava no meio.

Justin Taylor: O pai de cada um de vocês queria ou esperava que vocês fossem pastores? Se isso é verdade, eles lhes contaram seu desejo?

John MacArthur: Meu pai nunca me pressionou a ser um pastor. Ele amava o ministério. Amava a igreja. Amava o povo da igreja. Amava

pregar. Amava ler e estudar. Era um leitor voraz; ele amava seu ministério. Assim, cresci com um homem que amava tudo que fazia, mas nunca me pressionou, porque sentia que somente o Senhor podia fazer isso, e não queria obscurecer minha maneira de pensar. Eu tinha um grande respeito por papai, acho que, por isso, ele se esquivava de fazer pressão.

No entanto, a minha chamada veio por meio de um acidente de carro. Quando eu tinha dezoito anos, fui arremessado fora do carro quase 120 metros, no meio de uma rodovia, e sobrevivi. Passei três meses na cama. Aquela foi a ocasião em que o Senhor se apoderou de meu coração. Papai nunca me pressionou, mas, uma vez que me comprometi com o ministério, tornei-me o projeto pessoal dele. E papai o levou a sério.

Justin Taylor: Você lembra a conversa que teve com seu pai, quando lhe contou que se sentia chamado ao ministério do evangelho?

John MacArthur: Não a lembro com exatidão, mas na época ele me deu uma Bíblia e escreveu nela: "Querido Johnny, Prega a Palavra. Com amor, Papai". Esta foi a única coisa que ele quis me dizer:

Prega a Palavra. E tivemos uma conversa sobre 2 Timóteo 4, a respeito de pregar a Palavra e ser fiel até ao fim. Meu avô era assim, e esse foi o alvo que papai desejou para a sua própria vida.

Eu era um jogador de futebol americano, em meus dias de Ensino Médio e mesmo na faculdade; papai me tirou dali e me enviou ao seminário. Ele disse: "Você tem de se tornar sério e ir ao seminário. Precisa ir ao Seminário Talbot, porque ali está aquele homem chamado Charles Feinberg". Você lembra esse nome. Ele foi um homem brilhante. Estudou quatorze anos para ser um rabi; depois, se converteu a Cristo. Obteve dois doutorados. Estudou no Seminário de Dallas, onde recebeu seu título de doutorado. Foi à universidade John Hopkins e estudou para obter seu Ph.D., sob a tutela de William Foxwell Albright, o grande arqueólogo especialista em Oriente Médio. Assim, meu pai fez todos os esforços para que Feinberg me tomasse como um projeto pessoal, enquanto eu estivesse no seminário.

Em respeito a papai, Feinberg me chamava ao seu escritório periodicamente. Feinberg não me disse que fazia aquilo por causa de papai, mas eu sabia

que ele estava por trás daquilo, tentando mudar meu foco intelectual. Feinberg me dava livros para que os lesse e conversava comigo; estive até em sua casa. Tornei-me um bom amigo de seu filho Paul, bem como de seu filho John. Gastávamos bastante tempo juntos. Tive de pregar em meu primeiro ano no seminário, na capela, diante de todos os alunos, e Feinberg escolheu o texto. Ele me deu 2 Samuel 7, a grande promessa davídica. Portanto, preguei sobre "Presumindo a Vontade de Deus". Você sabe: Natã disse: "Vai, edifica a casa"; e Deus lhe disse: "Natã, não quero que Davi a construa; ele é homem de sangue", e assim por diante. Preguei sobe presumir a vontade de Deus. E errei completamente quanto ao principal ensino do texto bíblico! O principal ensino do texto era a aliança davídica, e não "Presumindo a Vontade de Deus"!

Quando terminei, Feinberg deu-me uma folha e escreveu em vermelho: "Você errou completamente quanto ao ensino principal da passagem. Venha ao meu escritório". Fui ao escritório e, estou lhe dizendo, ele me arrasou o quanto pôde. Aquela foi a maior lição que já aprendi. Ele disse: "Obter o ensino principal de uma passagem é tudo que

desejamos de você. Isso é *tudo* que desejamos. Não desejamos sua criatividade, apenas o ensino principal da passagem".

Quando Feinberg partiu para estar com o Senhor, alguns anos atrás, sua família me chamou e perguntou se eu podia pregar em seu funeral. Então, acho que em algum momento, no passar do tempo, ele disse a alguém que achava que eu já estava obtendo o ensino principal das passagens bíblicas. Eles se sentiram à vontade em me convidar para pregar na ocasião!

Justin Taylor: Dr. Piper, você poderia nos falar sobre a ocasião em que escreveu uma carta ao seu pai, contando-lhe sobre a sua decisão de ingressar no ministério pastoral?

John Piper: Conforme recordo, papai nunca me instou a ser um pastor. De fato, quando decidi deixar o magistério, em 1979, ele me escreveu uma carta de uma folha e meia, para me dissuadir, porque, depois de haver estado em centenas de igrejas, teve receio por mim. Ele me disse: "Você achou o seu devido lugar. Queria chamá-lo de Peter, mas sua mãe não queria que eu lhe desse o nome de Peter Piper[21]. Por isso, o chamamos John, e isso é

o que você é. Você é uma pessoa de caráter quieto e reflexivo. Não é um proclamador. Você pertence à sala de aula. Fique aí. Você será comido vivo em uma igreja". Esse foi o conteúdo da carta. Mas eu não podia resistir ao chamado. Quando lhe disse: "Papai, acho que farei isso de qualquer maneira", sua resposta foi: "Bem, eu só queria ter certeza!" Essa foi a abordagem que ele seguiu.

Usou a mesma abordagem ao decidimos adotar uma menina, quando eu tinha cinqüenta anos de idade. Eu disse: "Vamos adotar uma menina". Ele me escreveu uma carta de duas páginas e meia desencorajando-me a adotá-la. Pensava que eu era muito velho e que a próxima fase de minha vida seria mais frutífera, se eu continuasse sem filhos no lar. Pensei com seriedade a respeito do que ele me escreveu e telefonei-lhe para conversarmos pessoalmente. Mas, no final, estávamos persuadidos de que essa era a vontade de Deus para a nossa vida. Na primeira ocasião em que Talitha conheceu meu pai, antes de completar um ano de idade, ela deitou nos braços dele e o conquistou completamente. Ele nunca disse mais nada e amou-a como a seus outros netos.

Portanto, acho que meu pai teve uma maneira diferente de me encorajar ao ministério. Ele realmente achava que eu havia encontrado o meu devido lugar no magistério; eu achava que ele estava errado quanto a isso.

Justin Taylor: Se pudessem voltar atrás, ao tempo em que começaram o ministério pastoral, e conversar com o John Piper de 34 anos e o John MacArthur de 29, sabendo o que sabem agora, o que julgam que seria a coisa mais importante a dizer-lhes sobre o ministério deles?

John Piper: Para mim é claro que as coisas mais importantes estão relacionadas aos meus filhos e à minha esposa, e não à igreja. Creio que não faria nada diferente na Igreja Batista Bethlehem. Se pensasse mais profundamente sobre isso, talvez considerasse algumas mudanças táticas. Acho que trabalhamos com base em um modelo pastoral que é tão simples, que dificilmente precisa ser mudado. Você abre a Bíblia, ensina sinceramente às pessoas o que ela significa, tenta viver aquilo diante das pessoas e entende a natureza dos outros, enquanto caminham juntos.

No entanto, eu poderia fazer coisas melhores em

relação à família. Poderia ser um pai melhor, eu creio, se começasse novamente. Naqueles dias, ninguém falava em "pastorear o coração da criança"[22]. Eis uma ilustração: Rick Gamache é um pastor de uma igreja chamada Sovereign Grace, aqui em Mineapólis. Rick deu-nos uma aula na quinta-feira passada e nos falou a respeito de perguntas que dirige aos seus filhos para levá-los a expressar o que há em seu coração[23]. Li aquelas perguntas, copiei-as e enviei-as aos meus quatro filhos. Todos eles têm filhos, e não quero que ajam tão pobremente como eu agi. Penso que fui leal aos meus filhos. Fui a todos os jogos de futebol. Eu os agasalhei à noite. Fui um exemplo para eles. Realizei devocionais todas as noites. Todavia, fiz bem pouco para encorajá-los a falar sobre a sua vida emocional aos treze, quatorze ou quinze anos. E acho que isso não os preparou para serem tão eficientes como poderiam ser.

Por isso, eu chegaria ao John Piper de 34 anos e lhe diria: "Faça melhor em suplementar seu compromisso de incentivar sua esposa e seus filhos a exporem os sentimentos do seu coração, de modo que eles achem maneiras de expressar o que há ali, e

não apenas o que há na mente. Penso que fui tolo quanto a isso, porque falar sobre os próprios sentimentos é natural para mim. Sou um homem emocional. Expressar emoções — positivas ou negativas — é algo fácil para mim. Mas isso não é natural para todas as pessoas. Você tem de incentivá-las a expressarem seus sentimentos. Portanto, essa é a primeira coisa que me ocorre, porque é importante agora. Os rapazes já estão todos adultos. Mas ainda temos a nossa filha Talitha, que é um dom maravilhoso. Essa foi a razão por que copiei as perguntas: ela tem onze anos agora, e não é muito tarde.

John MacArthr: Creio que há um pouco disso em relação a mim. Havia menos introspecção espiritual permeando o evangelicalismo quando eu tinha 29 anos e vim à minha igreja. Não acho que as pessoas pensavam muito em expressar sentimentos, pelo menos no mundo em que vivi. Por isso, penso que isso também seja verdade no que diz respeito a mim, mais do que o seria em anos posteriores.

Não sou um homem superdinâmico, que possui temperamento agressivo, competitivo, senso de urgência e passa por cima dos outros, mas sou

altamente motivado a organizar tudo — não sei se isso é um dom natural ou um dom espiritual. Acho que agora já deixei isso para trás e percebi que existe um fluxo simples e natural para a vida da igreja. Todavia, nos primeiros anos de ministério, eu sempre estava tentando reorganizar e reestruturar tudo, movendo as pessoas à diferentes posições. Finalmente descobri que isso não era o que eu devia fazer, porém creio que, em algum nível, o preço foi pago por minha família, porque eu ficava tão ocupado estudando e, depois, surgia com todas as maneiras diferentes de organizar e estruturar as coisas. Creio que não dei à minha esposa o tempo necessário. Embora ficasse em casa, estava totalmente abstraído. Estava tentando encher a mente com tantas coisas. A piada em nossa casa era "chamem o papai". Eles até balançavam a mão em frente ao meu rosto... mesmo quando eu estava lá. Eu não era fácil de envolver-me, embora ache que sou melhor agora. Perguntem à minha família. Acho que sou.

Do ponto de vista da igreja, acho que a paciência era um desafio para mim. Nunca fui uma pessoa paciente, em especial quando era jovem e esperava

que tudo acontecesse rapidamente. Ficava desapontado se não acontecesse na rapidez que eu imaginava que deveria acontecer. Por que as pessoas não entendem isso? Aqui está, faça-o. Nossa igreja chama-se Grace Community Church (Igreja Comunidade da Graça), mas eu lutava com a *graça*. Felizmente, cheguei a entender isso de um modo melhor e agora tenho mais paciência com as pessoas. Eu mencionei isto a alguém recentemente: os pastores têm de pregar a Palavra com firmeza, ousadia, seriedade e clareza, de maneira direta, sem comprometê-la, aplicando-a com ternura, compaixão, graça e paciência para com as pessoas. No púlpito, isso deve ser claro, firme e direto. Mas, quando você desce do púlpito e pastoreia as pessoas, é nesse tempo de aplicação das grandes verdades que tem de demonstrar a paciência que as torna queridas. No processo, você as ama e as move gradualmente. Foi isso que tive de aprender.

Justin Taylor: Você dois recebem muitos elogios e muito criticismo. Como lidam pessoalmente com ambas essas coisas? Como se guardam de serem orgulhosos, por um lado, e de perderem o ânimo, por outro? Como processam um

grande elogio ou uma crítica severa, de modo a reagirem biblicamente?

John MacArthur: Tudo isso é misericórdia. A minha salvação é uma expressão de misericórdia. Não sou digno de nada. E sempre me admiro da maneira como Deus faz as coisas. Quem é suficiente para essas coisas? Acho que você tem apenas de lidar com as coisas de maneira honesta e realista, com a percepção de que Deus não faz a obra com base em minhas habilidades, dons, poder e discernimento. Sou apenas uma ferramenta, um instrumento.

Penso que parte do benefício de estar na mesma igreja por muito tempo é que isso reflete todas as suas virtudes e fraquezas. Se você apenas ministra de cidade em cidade, creia nos pequenos anúncios de jornal a seu respeito. Mas, se tem de viver continuamente com as falhas de sua própria vida que se revelam à sua igreja, família e filhos, acho que existe algo real nisso. Ajuda-nos ter uma esposa que sabe que o elogio pode ser prejudicial; e, sem tentar ser um espinho na carne, ela pode ajudá-lo a retornar à realidade.

Quando as pessoas dizem coisas agradáveis a

respeito de mim, sei que estão respondendo ao ensino da Palavra de Deus e à obra do Espírito por meio da Palavra. Sou muito grato. Isso sempre me surpreende, e fico agradecido.

Por outro lado, decidi, há muito tempo, não me defender do criticismo. Se a verdade fosse totalmente conhecida, não poderia me defender em alguns pontos. Não quero chegar a uma situação em que esteja tentando mostrar algum tipo de perfeição ou responder a todas as críticas. Todos nós temos fraquezas. Tenho erros em minha teologia. Não sei onde eles estão. Se soubesse, eu os mudaria! Não sei onde eles estão, mas trabalho nisso. Vinte e cinco anos atrás resolvi que me recusaria a defender-me. Procuro fazer o que faço e ser fiel, deixando minha vida e ministério falarem por si mesmos, em vez de ficar respondendo a toda acusação e crítica que surgem. Entendo que elas existem. Não as procuro. Se elas surgem, às vezes escrevo uma carta, dizendo: "Obrigado por me fazer examinar o meu próprio coração. Aprecio o que você disse e desejo informar-lhe que o aceitei com seriedade. Obrigado". Isso é tudo. Você precisa aceitar esse tipo de coisas, porque elas o mantêm humilde.

John Piper: Gostaria apenas de assegurar-me que ouçamos ambos os lados da palavra *misericórdia*. Se o elogio nos sobrevém, a doutrina da misericórdia soberana de Deus significa que você tem de ser o canal de todo o louvor para ele, porque, sem ele, não aconteceria nada de importância eterna. A misericórdia soberana reduz o poder do elogio que foi feito a mim.

O mesmo ocorre com o criticismo, porque o fato devastador sobre as críticas é que elas parecem abalar nossa posição diante de Deus e nossa utilidade no ministério. E, visto que Deus nos dá o ministério e nos salva por meio da misericórdia, o criticismo não pode fazer isso. Não pode. As pessoas não podem pôr um fim em meu ministério, porque eu posso não somente lançar sobre o Senhor os fardos de minhas pressões, mas também os fardos de meu pecado. Acho que isso é muito útil no aconselhamento — e aconselho a mim mesmo todos os dias — que, se alguém está sentindo culpa, digamos, pelo suicídio de seu filho, ou pelo divórcio, ou por qualquer outra coisa, e me pergunta: "Devo me sentir culpado?", eu lhe respondo que não sei, isso não é importante. Se você passa o tempo

procurando descobrir se deve sentir-se culpado, você sempre incorrerá numa ambigüidade. Apenas relaxe e sinta-se culpado; depois, lide com o assunto da única maneira com a qual você seria capaz de lidar no Dia do Juízo, porque eu lhe prometo que no Dia do Juízo você se sentirá culpado. Tudo será exposto. Os corações serão totalmente revelados. Você não terá qualquer argumento. Culpado. E, se não tem uma solução para aquela questão agora, não terá naquele dia. Portanto, relaxe. Somos culpados quando acusados. E agora arrependa-se. Isso é uma simplificação, porque não somos culpados de algumas das coisas de que somos acusados. Portanto, precisamos ter pessoas ao nosso redor.

Na Igreja Batista Bethlehem, estou cercado por pessoas que, espero, não digam sempre sim. Tenho um corpo de auxiliadores. Eles ouvem o que eu ouço e podem dizer: "Sim, você deveria levar isso em consideração. Isso tem algum valor". Ou dizem: "Esqueça isso. Não vemos o assunto dessa maneira". Logo, ter uma comunidade é realmente importante... é realmente importante".

Finalmente, há um paradoxo teológico que as pessoas não gostam de ouvir. Mas creio que o

Senhor trabalha em meu orgulho, por deixar que eu peque tanto. Há muitas coisas que falo à minha esposa, muitos sentimentos que tenho em relação às pessoas e, ao examinar minha consciência, não sei como poderia dizer estas palavras de Paulo: "Sirvo com consciência pura" (2 Tm 1.3). Em que planeta esse homem viveu? Ele estava desligado deste mundo? Quero dizer, há mulheres no mundo. Ele nunca teve um pensamento impuro? Boa noite! Penso que ele quis dizer algo assim: "Eu presto contas imediatas de meus pecados". Paulo tinha uma consciência totalmente pura? Dê-me uma ajuda. Estou sendo herético em relação à Palavra de Deus?

John MacArthur: Acho que Paulo lidava com o seu pecado. Em Romanos 7, ele disse: "Eu faço o que não quero e não faço o que deveria. Sou um homem desventurado!"

John Piper: E ele tinha uma consciência culpada.

John MacArthur: Sim. Mas ele lidava com seu pecado, que não se acumulava.

John Piper: Esta é a lição que aprendo: cultivar uma vida secreta de pecado é destruidor. (Isso não significa que você nunca tenha um pensamento do

qual se envergonhe ou que nunca diga uma palavra da qual se envergonhe). Então, a minha ênfase é que, enquanto me examino manhã após manhã, acho tantas coisas que devem ser tratadas, que não posso sair apontando o dedo. Assim, quando desço do púlpito e as pessoas dizem uma após outra: "Obrigado... obrigado... obrigado... obrigado", sei o que está acontecendo em casa. Sei o que está se passando em meu coração. Tenho tantas coisas que precisam ser tratadas com o Senhor. Estou dizendo: "Admirável... admirável". Como você disse, John, se alguém é salvo, você quer apenas recuar e sentir o trovão do poder de Deus.

Justin Taylor: Muitos jovens pastores e missionários olham para vocês e lêem seus livros. Quando vocês aconselham rapazes e moças a respeito de missões, parece que uma das verdades óbvias é que as circunstâncias geralmente confirmam o chamado. Se você é bom em algo, o fruto surge com isso. Vocês têm ministérios frutíferos notáveis. O que pensam a respeito do assunto de fidelidade e frutos? Imaginem alguém que está em uma pequena igreja ou no campo missionário, passam-se dois anos, e não surge

nenhum fruto aparente. O que eles deveriam pensar sobre a possibilidade de aquele não ser o seu dom e abandonarem aquele ministério, pois não há fruto surgindo, e sobre a perspectiva de que precisam ficar firmes por mais dez, vinte, trinta anos?

John MacArthur: Bem, há várias maneiras de responder essa pergunta. Primeiro de tudo, não sou responsável pelos resultados. Paulo disse: "Se nosso evangelho está encoberto, é para aqueles cujos olhos foram cegados por Satanás" (cf. 2 Co 4.4). Não posso superestimar isso. Aprendi esse conceito como jogador de futebol americano. Queria vencer a partida. Sempre quis vencer a partida. Essa é razão do jogo. Você não joga para perder, e sim para ganhar. Mas eu não podia garantir a vitória, porque havia onze jogadores do outro lado, tentando me impedir de fazer o que eu desejava, e havia dez jogadores em meu time que às vezes não faziam a coisa certa. Atingir meu objetivo estava além de minha capacidade. Então, em algum momento determinei que tudo que eu podia controlar era o esforço. Eu não podia controlar o resultado.

No início de meu primeiro ano na Grace Community Church, eu tinha este pequeno moto:

“Se você se concentrar na *profundidade* do seu ministério, Deus cuidará da *amplitude*”. Meu ministério não mudou desde o primeiro ano naquela pequena igreja. Para mim, o ministério consiste em aprofundar-me nas Escrituras e em meu andar pessoal com o Senhor. A amplitude é algo que Deus faz. Acho que você tem de admitir isso ou frustrará a si mesmo, quando se comparar com todas as outras pessoas e outras situações. Isso não significa que, se nada acontecer, Deus queira que você continue ali. Ele pode querer que você mude. Isso é uma decisão pessoal a ser feita com muita oração e, talvez, conselhos.

Creio que temos de nos contentar com *o esforço* e deixar o *resultado* com o Senhor. É nisso que você achará o seu contentamento. É como qualquer outra coisa. Se você se contenta apenas com números, estes nunca lhe deixarão contente, porque sempre haverá alguém que tem mais, que é mais popular, que é mais bem conhecido. Você tem de se concentrar na questão da fidelidade no esforço ao qual você foi chamado. Novamente, precisamos retornar à idéia de misericórdia e compreender que Deus recompensa a fidelidade.

John Piper: Penso nas histórias que ouvimos a respeito de Robert Morrison. Ele foi o primeiro missionário evangélico na China. Este é o ano do ducentésimo aniversário da obra missionária protestante na China. Ele esperou sete anos para ver seu primeiro convertido. O mesmo aconteceu com Adoniram Judson: também esperou sete anos para ver seu primeiro convertido. David Brainerd experimentou uma situação semelhante. Há muitos desses homens, e suas histórias são contadas repetidas vezes. O que esquecemos é o fato de que alguém não decide ir ao campo missionário questionando se tem os dons. Os dons são verificados aqui, antes que ele vá. Por isso, imagino que a igreja, a comunidade de crentes em que esses homens foram salvos e começaram a amadurecer, detectou neles os dons espirituais. Penso que, na descoberta de nossos dons e chamado, a função da igreja é *confirmar os dons*. E o que é confirmado não é uma habilidade ineficiente. Isso não é um dom espiritual, eu creio. Um dom espiritual é uma habilidade que o Espírito unge para ser eficiente. O resultado nem sempre é conversão. É o penetrar as consciências. É o aprofundar do amor ao Senhor. É

a correção do comportamento em outros.

Eis o que digo aos jovens da Igreja Batista Bethlehem, que estão procurando discernir o que o Senhor deseja que eles façam. Digo-lhes: "Comecem a fazer o que gostam muito de fazer. Peçam a bênção de Deus sobre isso e vejam o que as outras pessoas dizem. Se estão em um grupo pequeno, eles dirão que você é uma grande ajuda e os ama. Dirão que você é um ensinador eficaz ou algo semelhante". Portanto, imagino que esses missionários tiveram alguma experiência de ministério, e isso abençoou as pessoas. Eles tiveram de crer que Deus estava com eles, que os usaria e, assim, foram ao campo missionário.

Temos de ser gratos a Deus pelo fato de que aqueles primeiros missionários não tinham a possibilidade de viagens áreas, porque, talvez, teriam voltado cedo para casa. Se você tem de entrar em um barco e viajar por seis meses, você persevera no lugar por mais um ano, outro ano e outro ano. Talvez essa seja a razão por que não temos histórias semelhantes, porque é muito fácil desistir em nossos dias, mas não o era naqueles dias.

Quando a Bíblia diz que o presbítero deve ter

evidência de fidelidade espiritual e ser "apto para ensinar" (no grego, *didaktios* — 1 Tm 3.2), acho que isso não significa apenas que ele é bom no que faz e que ninguém é ajudado. Acho que a evidência de ser apto para ensinar é que as pessoas obtêm luz. Elas vêem, na Palavra de Deus, coisas que não tinham visto antes. As afeições são mudadas, e outros confirmam que ele possui um dom.

Isso foi o que aconteceu comigo. Primeiramente, ensinei meninos de trezes anos na Lake Avenue Church, em Passadena; depois, ensinei rapazinhos de quinze anos; depois, a classe Galileu na Escola Dominical. Em seguida, auxiliei William LaSor na aula de grego, no Fuller Theological Seminary. E os comentários começaram a surgir: "Entendemos você; não entendemos LaSor. Você nos ajuda a compreender isso". Comecei a sentir que aquela era a minha vocação. Minha identidade tornou-se conhecida na comunidade. Você não pode ir ao campo missionário e descobrir ali qual é a sua vocação. É totalmente ambíguo. Por isso, você fica na igreja, faz o que gosta de fazer e, de repente, começa a descobrir o seu chamado no contexto da comunidade.

Justin Taylor: Quando vocês se sentem pessoalmente desencorajados e querem abandonar o ministério, a que texto bíblico se dirigem? Há qualquer texto ou livro das Escrituras ao qual retornam repetidas vezes? E ao que recorrem além da Bíblia? Há algum escritor ou livro específico ao qual retornam repetidas vezes, quando se sentem abatidos ou desencorajados?

John MacArthur: Não tenho a tendência de me sentir assim. Não sei por quê. Não sou realmente um tipo de pessoa melancólica. Apenas sigo para a próxima responsabilidade. Não tenho tempo para me assentar, sentir-me triste ou péssimo. Há tanto a fazer. Quero dizer, às vezes fico desanimado, mas logo a próxima tarefa surge imponente. As pessoas não têm a menor idéia do que significa pregar semana após semana, ano após ano, década após década, às mesmas pessoas, que gravaram tudo que você disse; e, além disso, falar em outra igreja, em um seminário, escrever um livro, e assim por diante. Esse é o trilho que o Senhor colocou diante de mim. Não há tempo. Não tenho tempo para sentar. Se tenho esses momentos, efêmeros como podem ser, sempre penso no apóstolo Paulo. Ou penso em um

de meus heróis pessoais. Minha mente recorda William Carey, quando todos os seus manuscritos foram queimados. Ou recorda William Tyndale (um tesouro pessoal em minha mente), que, assentado na prisão, prestes a morrer, desejou que alguém lhe trouxesse uma agulha e linha para que apertasse as pernas das calças, porque estava com frio. Visitei a sepultura de Robert Morrison, na China, e chorei ali.

Em meu caso, o abatimento não é um processo longo, porque há uma agenda interminável. Prego uma mensagem no domingo de manhã, outra, à noite e, habitualmente, durante a semana em algum outro de nossos ministérios. Portanto, parece que não tenho tempo para deixar as coisas me desanimarem. Quando preparo uma mensagem, sou tão infundido pelo prazer do que aprendi e pelo desejo de pregá-la, que isso me faz superar qualquer coisa que tenha me desencorajado. E, quando prego um sermão ruim e tudo que desejo é esconder-me em qualquer lugar, quanto mais rápido começar a trabalhar no próximo sermão, tanto melhor será, porque deixarei aquele para trás e me encaminharei a uma nova oportunidade. Para mim, preciso apenas

entrar na Palavra, escavá-la e descobrir o que preciso saber para o próximo ministério.

John Piper: Talvez eu farei esta oração: "Guarda-me e preserva-me", tão freqüentemente quanto faço qualquer outra oração. Eu quero dizer: "Mantém-me salvo", porque acho que Deus usa meios para nos fazer perseverar. Isso significa: "Mantém-me no ministério". Não quero ser um desses homens de ministério curto. Significa também: "Mantém-me casado". Não quero arruinar meu casamento. Ainda, significa: "Guarda-me". Eu peço isso. "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar" (Jd 1.24). Peço que essa bênção me seja outorgada em profusão. E o Senhor me tem poupado.

Acontece algo aos homens na crise da meia idade. Lembro-me de certa ocasião, quando eu tinha 40 anos e estava assentado nos degraus, no meio da escada, soluçando. Nöel desceu e perguntou: "Qual é o problema?" Eu lhe disse: "Não sei". Era como a síndrome pré-menstrual. Apenas disse: "Não sei se quero ficar. Não sei se quero... não sei por que estou tão triste". Isso durou vários anos, e a graça se expressou em que pude continuar ministrando.

Outro dia estava lendo uma autora. Perguntaram a ela: “Qual é a melhor coisa em escrever um livro?” Ela respondeu: “A última página”. O grande fator na depressão é a luz no fim do túnel. Ninguém se beneficia do ser deprimido enquanto está em meio à depressão.

Eis mais uma coisa em relação às soluções. Gastei muito tempo para desenvolver uma teologia do sofrimento. Esta conferência e este livro existiram para responder essa questão. Eu quero ser firme, quero permanecer. Quero atravessar os tempos desencorajadores. Desejo ajudá-lo a não ser o tipo de pessoa inconstante, irresoluta, que pula fora, troca de esposa, abandona o emprego e muda de igreja. Não quero que você seja esse tipo de pessoa; por isso, organizamos esta conferência (e preparamos este livro).

John MacArthur nos falou antes sobre os inúmeros sofrimentos do apóstolo Paulo[24]. Quando lhe perguntamos sobre desânimo, ele nos disse: “Vou ao apóstolo Paulo”. Eu digo: sim, eu também. Penso em 2 Coríntios 1.9: “Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita

os mortos"; e prego isso para mim mesmo. Aqui, sinto-me dessa maneira. *Sinto que seria tão bom ir para o céu agora mesmo. Permita-me ir para o céu. Nöel pode cuidar de Talitha. E tudo funcionará normalmente. Permita-me ir.* E nesse momento a resposta vem: "Não. Se o seu coração continua batendo, você tem de fazer teologia". Sou estimulado dessa maneira. Faço teologia. Eu digo: Deus enviou sofrimento a Paulo para que ele não confiasse em si mesmo, e sim no Deus que ressuscita os mortos. Deus queria que Paulo ficasse desesperado. Você está desesperado, então, Deus tem um propósito para você. Prego para mim mesmo uma teologia de sofrimento, para que, espero, isso resulte em mais utilidade.

Continue trabalhando nos conceitos a respeito da "soberania de Deus" e do "mal no mundo". Essas são as grandes questões da vida. Como Deus pode ser soberano e haver tanto horror no mundo, incluindo o horror em sua própria vida, que o deixa tão desanimado?

John MacArthur: Acho que comigo as coisas não são assim. Estou falando sobre a maneira como essas coisas se processam em mim: todas as lutas

espirituais, todos os desapontamentos, todas as tristezas, todos os desânimos. Eu não sei, mas sou estimulado a lidar de maneira diferente com essas coisas. Não posso imaginar-me assentado e chorando, não sabendo por que agia assim. Mas isso não significa que não sinto os mesmos anseios em meu coração. Estou falando apenas como essas coisas se processam. Para mim, a batalha espiritual é a mesma que outros têm. Neste momento de minha vida, acho que estou aqui porque, de várias maneiras, tenho sido poupado da morte. No entanto, talvez houvera centenas de ocasiões, em minha vida, em que tudo poderia ter virado cinzas. Isso não significa que tais coisas não eram realidade ou que eu não estivesse ciente delas. A maneira como lido com essas coisas é diferente. Não sei por quê. É apenas a maneira como sou impulsionado.

Justin Taylor. Como vocês querem ser lembrados? O que desejam que as pessoas digam sobre vocês quando morrerem? Pelo que desejam ser conhecidos?

John MacArthur: John, você já pensou nisso?

John Piper: Sim, em todo funeral.

John MacArthur: Não tento planejar o meu

mundo pós-morte.

John Piper: Não, isso não é um plano. Não o planejo, mas penso a respeito dele.

Gostaria que as pessoas dissessem que fui humilde; acho que elas não dirão isso. Desejo que meus filhos digam que fui um pai amoroso, sensível e compreensível. Acho que dirão outras coisas. Gostaria que os membros de minha igreja dissessem que eu estava lá em benefício deles. Acho que não dirão isso.

Então, se você me perguntasse: "Por que você não está mudando seu estilo de vida?", a resposta seria que tenho tentado fazer isso. Tenho tentado e ainda me empenho por isso. Mas, se eles disserem que fui um instrumento para que muitas pessoas tivessem paixão pela glória de Deus em todas as coisas, para alegria de todos os povos, por meio de Jesus Cristo, ficarei feliz se isso estiver em minha lápide. Paulo afirmou que as palavras de um homem a respeito de outrem podem não ter valor (cf. Rm 14.4). O veredito de uma pessoa não é importante. Portanto, o que for escrito em minha lápide será insignificante em comparação com o Juiz do último dia. E acho que ele buscará evidências de que eu

estava apegado a Cristo como minha justiça e minha punição.

Justin Taylor: Você poderia terminar com uma oração?

John Piper: Pai celestial, sentimos grande necessidade de ti. Amamos tua graça. Amamos tua misericórdia. Amamos o fato de que nosso ministério é dado por misericórdia, nossa salvação é dada por misericórdia, nossa respiração é dada por misericórdia, nosso estado de solteiro é dado por misericórdia, nosso casamento é dado por misericórdia, nossos filhos são dados e recebidos por misericórdia. Somos um povo que come, bebe, dorme e respira misericórdia. E essa é a maneira que desejamos que as coisas sejam. tu te exaltas mostrando misericórdia. Somos felizes em ser os beneficiários, enquanto tu recebes a glória, o louvor, a exaltação. Nós recebemos o gozo. Em nome de Cristo, oramos. Amém.

[1]. PIPER, John. Evangelist Bill Piper: fundamentalist full of grace and joy. *Desiring God Pastors Conference*. February 5, 2008. Disponível em: www.desiringgod.org.
[2]. Murray, John. *Redenção* — Consumada e Aplicada. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1984.
[3]. Catecismo Maior de Westminster. Resposta 154.
[4]. Warfield, B. B. *The works of Benjamin B. Warfield, 10 vols*. Grand Rapids, MI: Baker, 1931. 7:113.
[5]. ZWEMER, Samuel. *Raymond Lull:* first missionary to the Moslems. New York: Fleming H. Revell, 1902. p. 132–145.
[6]. BETTENSON, Henry. (Ed.). *Documents of the Christian Church.* Oxford University Press: New York, 1967. p. 9–12. As citações seguintes foram extraídas de um relato traduzido e registrado nesta obra: MOULE, Handley C. G. *Charles Simeon.* London: The InterVarsity Fellowship, 1948. p. 125.
[7]. Disponível em: http://www.iconoculture.com/microsites/boomers/?gclid=COvX07OX5Y4 CFSISQQod-x1QKQ. Acesso em: 27 set. 2007.
[8]. WINTER, Ralph. The retirement booby trap. *Mission Frontiers,* Pasadena, v. 7, p. 25, July 1985.
[9]. MOULE, Handley C. G. *Charles Simeon.* London: The InterVarsity Fellowship, 1948. p. 125.
[10]. PETERSON, Eugene H. *A long obedience in the same direction:* discipleship in a instant society. 20th anniversary edition. Downers Grove, IL.: InterVarsity Press, 2000
[11]. HARRIS, Alex; HARRIS, Brett. *Do hard things:* a teenage rebellion against low expectations. Colorado Springs: Multnomah Books, 2008.
[12]. WHITNEY, Donald S. *Spiritual disciplines of the christian life.* Colorado Springs: NavPress, 1991.
[13]. Embora esta seja uma boa citação de Dallas Willard, a Editora

FIEL não partilha de sua visão teológica em diversas outras áreas.
[14]. Willard, Dallas. *The spirit of disciplines:* understanding how God changes lives. New York: HarperCollins, 1991. p. 6
[15]. Para saber mais sobre a coragem de Policarpo, leia o capítulo 1 deste livro, escrito por John Piper.
[16]. Helen H. Lemel, "Turn Your Eyes Upon Jesus" (1922).
[17]. Norman J. Clayton, "Now I Belong to Jesus" (1966).
[18]. Frederick Brook, "My goal Is god Himself", data desconhecida.
[19]. Albert Osborn, "Let the Beauty of Jesus Be Seen in Me" (1946-1952). Osborn era general do Exército de Salvação.
[20]. Kate B. Wilson, "May the Mind Of Christ, My Savior" (data desconhecida, antes de 1913).
[21]. Peter Piper é uma rima infantil utilizada no conto da Mamãe Ganso que iniciava com um trava-línguas assim: "Peter Piper picked a peck of pickled peppers".
[22]. Veja o livro de Tedd Tripp: Pastoreando o Coração da Criança. São José dos Campos, SP. Editora Fiel, 1998.
[23]. Eis as perguntas elaboradas pelo Pr. Gamache:

a. Como vão suas devocionais?
b. O que Deus está lhe ensinando?
c. Em suas próprias palavras, o que é o evangelho?
d. Há algum pecado em sua vida, do qual você tenha consciência, o qual eu possa auxiliar-lhe a derrotar?
e. O que é mais evidente para você: meu encorajamento ou minhas críticas?
f. O que o você acha que o papai mais ama nesta vida?^
g. Eu ajo do mesmo modo na igreja e em casa?
h. Você sabe de meu amor por você?
i. Eu pequei contra você de alguma maneira e não me arrependi?
j. Você tem alguma observação que queira fazer a meu respeito?
k. Como tenho me saído como seu pai?

l. Qual foi impacto do sermão do último domingo para você?

m. O meu relacionamento com a mamãe lhe faz desejoso de casar-se também um dia?

Gamache escreveu o seguinte: “Acima de todas as coisas, com relação aos meus filhos mais velhos, estou sempre lhes perguntando sobre seu relacionamento com seus amigos e me certificando de que o evangelho é o centro de tais relacionamentos. E, busco toda e qualquer ocasião para elogiar a mãe deles e aumentar seu amor e apreciação por ela.”

[24]. Veja o capítulo 3